

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

LAURA ROSA FERNANDES PESSOA

MAS, AFINAL, O QUE É ARQUITETURA DE INTERIORES?

os fatores primordiais no projeto de interiores para espaços residenciais

São Luís

2013

LAURA ROSA FERNANDES PESSOA

MAS, AFINAL, O QUE É ARQUITETURA DE INTERIORES?

os fatores primordiais no projeto de interiores para espaços residenciais

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marcia Tereza Campos Marques.

São Luís

2013

Pessoa, Laura Rosa Fernandes.

Mas afinal: o que é arquitetura de interiores? Os fatores primordiais no projeto de interiores para espaços residenciais / Laura Rosa Fernandes Pessoa. – São Luís, 2013.

133 f.; il.

Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura, Universidade Estadual do Maranhão, 2013.

Orientador: Prof. Msc. Márcia Tereza Campos Marques

1. Arquitetura de interiores. 2. Ambientes residenciais. 3. Projeto de interiores. 4. Relação arquiteto e cliente. I. Título.

CDU: 72.012.8

LAURA ROSA FERNANDES PESSOA

MAS, AFINAL, O QUE É ARQUITETURA DE INTERIORES?

os fatores primordiais no projeto de interiores para espaços residenciais

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Marcia Tereza Campos Marques (Orientadora)

Doutora em Urbanismo

Universidade Estadual do Maranhão

Prof^a. Nádía Freitas Rodrigues

Mestre em Engenharia Urbana

Universidade Estadual do Maranhão

2^a Examinador

A Deus e à representação do Amor Dele,
minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, Pai de infinita bondade, que me concedeu coragem e fé para trilhar este percurso de aprendizado.

Aos meus pais, meus eternos amores, onde encontro a sabedoria de um conselho, a calma em um olhar e o alento em um carinho. Vocês lapidaram tudo o que sou e nunca mediram esforços para que eu alcançasse os meus sonhos profissionais.

Ao meu irmão, detentor de uma paciência ilimitada, que sempre esteve a postos para aconselhar e me auxiliar ao longo do curso e neste trabalho, ainda que tivesse de abdicar dos próprios estudos.

Ao meu namorado Caio Gabriel, meu cúmplice em todos os momentos, que me amparou nos instantes mais difíceis com as melhores palavras de incentivo.

A toda minha família e amigos que me deram forças e acreditaram em mim.

À família Inova Ambientes, sempre zelosos e compreensíveis.

À Martha Martins, por nunca negar um auxílio e possibilitar a minha primeira experiência de trabalho que motivou, mais ainda, meu encanto pela profissão.

A todos os professores por cederem conhecimentos e aguçarem a curiosidade, em especial à Andréa Duailibe, Rose Panet, Nádia Rodrigues e Marluce Venâncio.

À professora e orientadora Marcia Marques que sempre esteve a postos para me guiar e direcionar para bons resultados, apresentando-me novos horizontes.

Enfim, a todos que, de algum modo, contribuíram com este trabalho e toda minha jornada acadêmica.

*"A arquitetura é como um iceberg, e a parte visível é muito pequena em relação ao que está oculto. O que fica além da fachada de um edifício é a vida."
(Renzo Piano).*

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo conceituar a Arquitetura de Interiores através do estudo de fatores que influenciam na concepção e execução do espaço interior da morada onde cada etapa aspire, nos mínimos detalhes, gerar um contexto de satisfação do cliente. Serão abordados os principais conteúdos que envolvam o profissional da área, elencando conhecimentos que transcendem doutrinas técnicas da arquitetura no projeto de interiores para ambientes residenciais, sendo estes a gestão de qualidade na administração do negócio do próprio arquiteto, a formação do lar, o relacionamento com o cliente, como também conhecimentos referentes ao projeto e todos os fatores que conjuguem para que este possua sucesso, como a venda do serviço, a execução do contrato, o programa de necessidades, as etapas do projeto, atividades complementares como o planejamento da obra e visitas às lojas e obra, até a concretização das soluções projetuais na finalização da obra. Estas elucidações tanto são expositivas, ao mostrar a abrangência da arquitetura de interiores para áreas residenciais, como reflexivas, ambicionando uma tomada de reflexão acerca do comportamento do profissional perante as exigências do mercado e a venda do que, para tantos, é a realização de um sonho.

Palavras-chave: Arquitetura de Interiores. Ambientes Residenciais. Projeto de Interiores. Relação Arquiteto e Cliente.

ABSTRACT

The purpose of the present work was to conceptualize the Interior Architecture through the study of factors that influence the conception and execution of the interior space of the habitation where each step aspire, in detail, generating a context of client satisfaction. Will be discussed the main contents that involve the professional of architecture area of interiors, exposing knowledge that transcend techniques doctrines of architecture in project interiors for residential environments, being these the management quality administration of the business's own architect, the formation of home, the relationship with the client, as also knowledge referring to project and all factors that conspire for that this possesses success, as the sale of the service, the contract execution, the program of needs, project steps, complementary activities as the planning of the built and visits to stores and construction up to the realization of the project solutions in finalizing of the built. These clarifications are both expository, to show the breadth of interior architecture for residential as reflective, coveting a reflection on professional behavior to the demands from the market and the sale of that for many is the realization of a dream.

Key words: Interior Architecture. Residential Environments. Interior Projects. Architect and Client Relationship.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Organização das etapas do projeto com os conhecimentos necessários.	17
Figura 2 - Símbolo da marca de bebida <i>Johnnie Walker</i> e da organização não governamental <i>World Wildlife Fund for Nature (WWF)</i> .	42
Figura 3 - Formação visual de um quadrado através de formas que o induz.	42
Figura 4 - Formas tracejadas em sequência induzem a percepção de um caminho.	42
Figura 5 - Linhas de quadrados e círculos vistas, primeiramente, como colunas de quadrados e círculos.	43
Figura 6 - Três pontos próximos visualizados como triângulo.	43
Figura 7 - Forma simples sendo primeiramente visualizada em lugar da complexa.	43
Figura 8 - Tipologia de nomenclatura para documentos eletrônicos de projeto	55
Figura 9 - Baralho com imagens de três tipos de locais para as férias	71
Figura 10 - Três tipos diferentes de cadeiras	72
Figura 11 - Teto mais claro que as paredes, sensação de maio pé direito; teto mais escuro, sensação de pé direito rebaixado	89
Figura 12 - Formas de acoplar forro de gesso às vigas em diferentes composições	95
Figura 13 - Representação porta articulada	96
Figura 14 - Representação porta pivotante	97
Figura 15 - Baixo e alto índice de reprodução da cor	100
Figura 16 - Recorte no forro em gesso para embutir iluminação (indireta)	101
Figura 17 - Efeito <i>Up Light</i> .	102

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 - Estante vista como um todo	41
Foto 2 - Estante vista na sua forma básica: apenas montantes	41
Foto 3 - Ambiente revestido por papel de parede que imita a forma e textura de tijolos	46
Foto 4 - Coluna revestida por papel de parede com imagem de tijolinhos aparentes	47
Foto 5 - Detalhe aproximado do papel de parede	47
Foto 6 - Papel de parede em mica	87
Foto 7 - Parede revestida por madeira	88
Foto 8 - Rodateto em gesso	90
Foto 9 - Piso laminado	92
Foto 10 - Cozinha em piso de granito	93
Foto 11 - Rodapé em mármore	94
Foto 12 - Rodapé em PVC com passagem de fiação	94
Foto 13 - Rodapé em poliestireno com balizadores embutidos	94
Foto 14 - Diferentes temperaturas de luz em mesmo contexto	100
Foto 15 - Iluminação direta	101
Foto 16 - Iluminação indireta por lâmpadas embutidas	101
Foto 17 - Iluminação geral com luz difusa	102
Foto 18 - Efeito de luz tipo <i>wall wash</i>	102

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AT	Análise Transacional
CAU/BR	Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil
IAB/SP	Instituto de Arquitetos do Brasil de São Paulo
IRC	Índice de Reprodução da Cor
MDF	Medium Density Fiberboard
MDP	Medium Density Particleboard
PMBOK	Project Management Body of Knowledge
PVA	Acetato de polivinila
PVC	Policloreto de vinila
TNT	Trinitrotolueno
WWF	World Wildlife Fund for Nature

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Objetivos	17
1.1.1 Objetivos gerais	18
1.1.2 Objetivos específicos	18
1.2 Justificativa	18
1.3 Metodologia	21
2 CONHECIMENTOS GERAIS PRÉVIOS AO PROJETO	23
2.1 O subjetivo na concepção de espaços interiores da morada: a formação do lar	23
2.2 A psicologia no tratar do cliente	33
2.3 Fundamentos básicos da leitura visual e reação humana ao espaço projetado	39
2.3.1 Composição dos elementos: Leis da Gestalt	41
2.3.2 Sensações provocadas pelas composições.....	44
2.3.3 O processo perceptivo.....	45
2.3.4 A importância do estudo de percepção da gestão de qualidade	48
2.4 Gerenciamento do negócio: a aplicação da gestão de qualidade	50
2.5 Desenvolvimento criativo	57
2.6 Uso do conceito no projeto de interiores	58
2.7 Tipologias residenciais	60
3 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	63
3.1 Reuniões prévias ao desenvolvimento do projeto	63
3.1.1 Primeira reunião	63
3.1.1.1 <i>Comunicação</i>	64
3.1.1.2 <i>Como vender um serviço?</i>	66
3.1.2 Segunda reunião	68
3.1.2.1 <i>Proposta de projeto, orçamento e contrato</i>	68
3.2 O projeto de interiores	69
3.2.1 Terceira reunião	70
3.2.2 Levantamento espacial.....	75
3.2.3 Etapas do projeto	78
3.2.3.1 <i>Atividades complementares ao projeto</i>	82

4 ELEMENTOS CONSTRUTIVOS E COMPLEMENTARES NA ARQUITETURA DE INTERIORES	86
4.1 Acabamentos	86
4.1.1 Paredes	86
4.1.2 Teto	88
4.1.3 Piso	90
4.2 Pilares e Vigas	95
4.3 Esquadrias	95
4.4 Iluminação Artificial	97
4.5 Pontos elétricos e hidráulicos	103
4.6 Móveis planejados	104
4.7 A importância da cor	104
4.8 Ergonomia	108
4.9 Adaptações aos portadores de necessidades especiais	110
5 CONCLUSÃO	112
REFERÊNCIAS	115
APÊNDICE A – MODELO DE CONTRATO: proposta de projeto e proposta orçamentária	121
APÊNDICE B – MODELO DE MEMORIAL DESCRITIVO E QUANTITATIVO ..	124
ANEXO A – PROPOSTA ORÇAMENTÁRIA	127
ANEXO B – PROGRAMA DE NECESSIDADES	130

1 INTRODUÇÃO

“Arquitetura de interiores é mais do que linhas, texturas, cores, móveis e revestimentos: é vida, é ação, é movimento.” (MANCUSO, 2012, P. 15)

A rotina do homem é rodeada por espaços. Ao seu levantar, cômodos definidos e *layout* interno dando sentido às atividades do dia a dia; ao caminhar pelas ruas, edifícios em concepções plásticas e funcionais, casas, comércios, hospitais: é justamente na problemática da relação homem e espaço, de modo a adequar o derradeiro segundo as necessidades fisiológicas, psicológicas e estéticas do ser humano que a Arquitetura debruça sua teoria e prática.

No sentido etimológico, o termo *arquitetura* provém da união das palavras gregas *arché*, que significa *primeiro* ou *principal*, e *tékton*, que possui o significado de *construção* (ARQUITETURA, 2005). Para conceituação da Arquitetura, o Instituto de Arquitetos do Brasil de São Paulo (IAB/SP), retoma Lúcio Costa (1940), arquiteto e urbanista responsável pelo Plano Piloto de Brasília. Segundo Costa (1940), a arquitetura pode ser conceituada como construção ao delimitar e organizar os espaços segundo expectativas e funções. Ao longo deste processo construtivo, onde a arquitetura se expressa, segundo o arquiteto e urbanista, pode igualmente ser considerada como arte plástica, em que deve estar “[...] apropriada a cada pormenor em função da unidade última da obra idealizada [...]”, destacando que as soluções plásticas “[...] é precisamente o que distingue a arquitetura da simples construção.”

[...] nos inumeráveis problemas com que se defronta o arquiteto desde a germinação do projeto até a conclusão efetiva da obra, há sempre, para cada caso específico, certa margem final de opção entre os limites - máximo e mínimo - determinados pelo cálculo, preconizados pela técnica, condicionados pelo meio, reclamados pela função ou impostos pelo programa. (COSTA, 1940).

Ao passo que a arquitetura adapta os espaços a partir de elementos construtivos esta, como resultado, gera ambientes internos que carecem de sentidos para o devido uso segundo premissas do comportamento físico e imaterial do homem. Segundo a arquiteta e urbanista Karina Trevisan (2011, p. 1), diretora do núcleo Piracicabano do IAB/SP, define Arquitetura de Interiores como o “[...] aproveitamento máximo dos espaços internos tendo como objetivos a beleza e a harmonia entre os elementos, conforto e funcionalidade para os usuários.” Já a arquiteta e professora Mirian Gurgel (2002, p. 17), em seu livro *Projetando Espaços: guia de arquitetura de interiores para áreas residenciais*, vai além e resume que “[...]”

a arquitetura de interiores estuda o homem e suas particularidades socioculturais, sendo a expressão de seu modo de viver.”

Gurgel (2002) ainda continua sua conceituação caracterizando a Arquitetura de Interiores como uma composição de fatores objetivos e subjetivos. Os objetivos são aqueles regidos por normas técnicas, medidas *ergonômicas*, pela topografia, pelo clima, entre outros. Já os subjetivos estão diretamente relacionados com a utilização propriamente dita do espaço, do ambiente, com todos os detalhes referentes às atividades que nele serão realizadas e com todas as preferências pessoais de quem o ocupará (GURGEL, 2002). Diferente do que muitos ainda pensam, um espaço interior, particularmente o residencial, não é gerado aleatoriamente, tampouco baseado na presença de um dom por parte do profissional. “Se um espaço a ser projetado é para que nele o homem viva e conviva, sua programação deverá conter uma série de dados, atividades e movimentos previstos para utilização da coisa projetada.” (MANCUSO, 2012, p. 14).

O Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR) na Resolução nº 21, de 5 de abril de 2012, expõe acerca das atividades e atribuições condizentes aos profissionais de arquitetura e urbanismo. Segundo o CAU/BR (2012), o profissional está apto para o desenvolvimento de certas atividades, sendo uma destas a Arquitetura de Interiores, onde pode atuar no *Projeto de arquitetura de interiores*, *Projeto de reforma de interiores* e *Projeto de mobiliário*. Ao mesmo tempo em que é de sua responsabilidade o Conforto Ambiental, representado pelas seguintes atividades: *Projeto de adequação ergonômica*, *Projeto de luminotecnica*, *Projeto de condicionamento acústico*, *Projeto de sonorização*, *Projeto de ventilação, exaustão e climatização*, e *Projeto de certificação ambiental*. Outras atribuições referem-se aos *Relatórios Técnicos de Arquitetura*, nos quais poderão ser produzidos o *Memorial descritivo*, *Caderno de especificações ou de encargos*, *Orçamento*, *Cronograma*, *Estudo de viabilidade econômico-financeira* e *Avaliação pós-ocupação*.

Portanto, o arquiteto atuante em espaços interiores está hábil para interferências em ambientes internos, provendo-os de sentidos quanto ao uso segundo as limitantes como a forma plástica, a funcionalidade, o conforto e a emoção. Essas atividades podem ser representadas em projetos de *layout ergonômico*, móveis planejados, iluminação, sonorização, climatização, bem como serviços complementares referentes ao planejamento, como memorial descritivo,

orçamento e cronograma de obra, como também visitas às lojas e acompanhamento de obras. Do mesmo modo, o arquiteto pode realizar alterações referentes às paredes, estruturas de sustentação, cobertura, altura do pé direito, locação/alteração de aberturas, sempre tendo em mente a importância do conjunto para não comprometer a integridade física da edificação, diferindo-se, por esta atribuição, do profissional de Design de Interiores ou do Decorador.

O profissional de arquitetura de interiores idealiza e executa o projeto, sendo capaz de acompanhar a obra. Por isso, seu papel é significativo quando se busca intervir em espaços interiores. Sua importância abrange a racionalização dos espaços, a adaptação das carências físicas e psicológicas nas soluções projetuais, a economia de materiais, bem como evita despesas referentes às demolições e construções providas de erros, além de possuir conhecimentos técnicos quanto à funcionalidade, a *ergonomia* e a estética. Algumas pessoas ainda julgam a arquitetura de interiores limitada às altas classes. No entanto, a não contratação do profissional possivelmente resultará em maiores gastos, inadequação quanto às expectativas e às carências físicas do homem, atraso na obra, desgaste emocional, ou seja, um contexto que poderia ser evitado se um responsável, que possui conhecimentos técnicos para tal demanda, fosse contratado desde a necessidade por um novo projeto ou reforma de interiores.

A arquitetura de interiores remetida às áreas residenciais requer atenção especial por parte do profissional, uma vez que envolve as concepções mais intrínsecas do ser humano, problemática primordial de um projeto de interiores. Como já citado, o arquiteto lida com a relação homem e espaço. Segundo os dizeres da arquiteta e urbanista Andréa Duailibe (2011), “[...] o conceito de morar transcende, a *priori*, a concretude do abrigo e incorpora uma diversidade de aspectos subjetivos não mensuráveis [...]”, caracterizando a morada como o “[...] invólucro dos costumes de uma família.”.

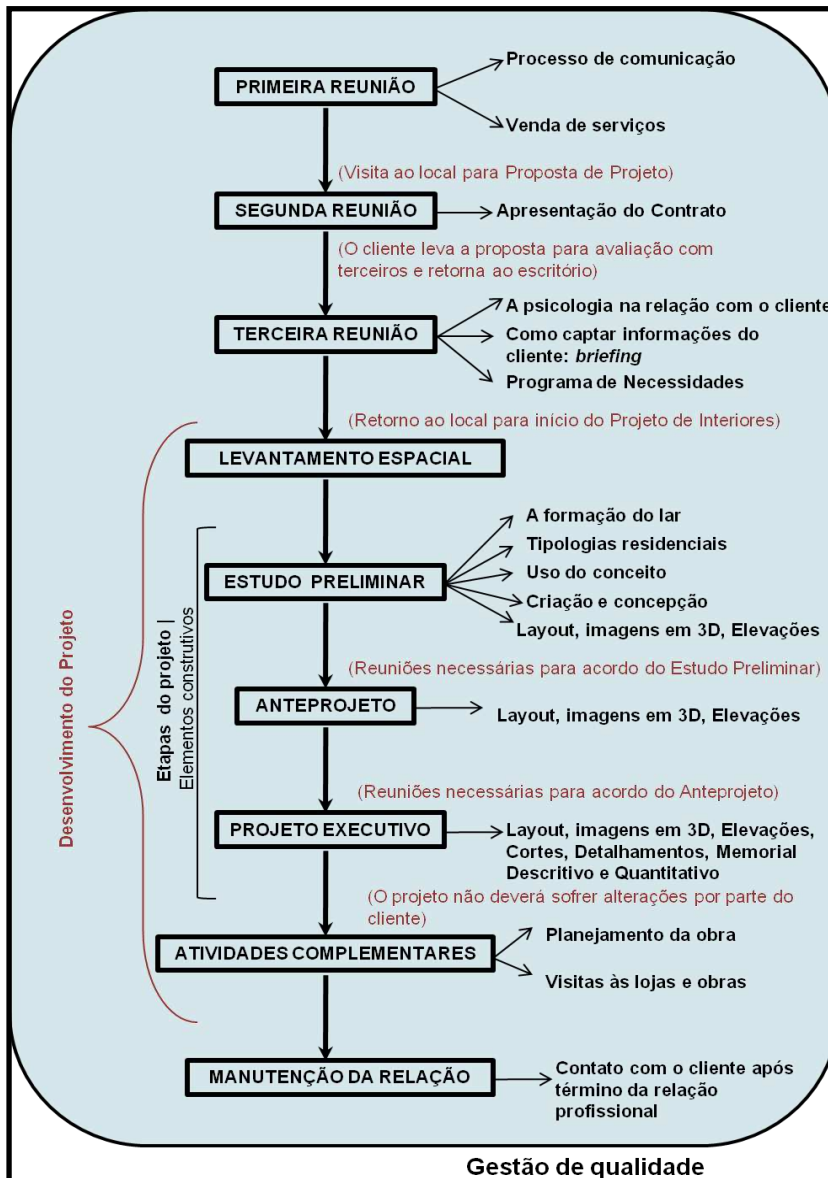
Desse modo, o presente trabalho visa conceituar a complexidade da arquitetura de interiores para ambientes residenciais, explorando os conhecimentos necessários pertinentes ao arquiteto de maneira que a satisfação do cliente esteja onipresente tanto na vivência do espaço projetado, como também no processo de idealização e execução do projeto, onde cada detalhe vise o contentamento físico e psicológico do homem. Ao mesmo tempo em que objetiva a exposição da arquitetura de interiores em espaços de morada e os conhecimentos que o profissional carece

para que seus serviços resultem na satisfação total do cliente, este trabalho ambiciona uma reflexão quanto ao legítimo papel do arquiteto de interiores ao projetar ambientes residenciais; papel este que possui consequências na individualidade do homem e na sociedade.

Para que a satisfação do homem seja garantida em todos os serviços prestados pelo arquiteto, são importantes conhecimentos prévios ao desenvolvimento do projeto e o projeto em si, onde ambos devem caminhar conjuntamente. Aos conhecimentos prévios, de ciência por qualquer profissional ao projetar espaços interiores de residências, tem-se a formação subjetiva do espaço de morada, onde será elucidado o conteúdo para a formação do lar, bem como sua gravidade; o relacionamento com o cliente, de modo que a psicologia explique, segundo estudos comportamentais, meios que facilitem o conhecimento da personalidade do cliente, para que se gerem soluções projetuais cada vez mais únicas e adaptadas à personalidade do homem; a leitura visual do espaço, a fim de proporcionar conforto sensitivo aos habitantes; a gestão do negócio referente às atitudes organizacionais necessárias para garantir qualidade ao longo de todo o processo de relacionamento do arquiteto com o cliente; a importância e o desenvolvimento criativo; o uso de conceitos no projeto, bem como a influência das tipologias residenciais no projeto de interiores.

No desenvolvimento do projeto, busca-se uma visão prática da relação com o cliente e do projeto em si, expondo conteúdos referentes à venda de serviços, a formulação de um contrato, o programa de necessidades, a identificação das etapas do projeto com os conteúdos possivelmente produzidos, além de atividades complementares, como planejamento de obras com cronogramas e orçamentos, visitas às lojas e às obras. Frisa-se que todas as concepções expostas neste trabalho estão delimitadas para a interferência do arquiteto de interiores no espaço residencial, subtendendo-se à pré-existência de ambientes formados por paredes e aberturas já localizadas. Como exposto, o arquiteto possui competência profissional na demolição e construção de paredes, no entanto, para que as reflexões deste trabalho sejam devidamente expostas, careceu-se dessa delimitação para o estudo aprofundado quanto ao comportamento do homem em relação ao ambiente interior com seus devidos aparatos que darão valor a este local. Abaixo, segue a organização dos conhecimentos prévios destacados em relação aos seus principais pontos de ação segundo o desenvolvimento do projeto de interiores.

Figura 1 - Organização das etapas do projeto com os conhecimentos imperativos



Fonte: Elaborada pela autora.

O vigente trabalho se direciona a todos os profissionais da área de arquitetura de interiores, para os que se identificam com o tema, bem como aos que almejam um dia trabalhar na área: este trabalho tem, como fim, demonstrar a abrangência e importância da arquitetura de interiores e, para que o profissional idealize e execute soluções para espaços de morada, acolhendo o homem e suas complexidades, carece muito mais do que uma folheada em revistas de decoração.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

Elencar e analisar fatores objetivos e subjetivos essenciais na criação, concepção e execução do projeto de Arquitetura de Interiores voltada para áreas residenciais, almejando agregar valores quanto aos conhecimentos do arquiteto de interiores, bem como o reflexo de seu trabalho na vida do homem.

1.1.2 Objetivos específicos

Almejando alcançar o objetivo geral já mencionado, será necessário atender aos seguintes objetivos específicos:

- Estudar fatores imperativos de ciência por meio do profissional de arquitetura para gerar a satisfação do cliente, desde as primeiras etapas do relacionamento profissional. Sendo estes: a formação do lar, a psicologia na relação com o cliente, a leitura visual e a reação humana ao espaço projetado, o desenvolvimento criativo, o uso do conceito e as tipologias residenciais;
- Expor, em visão prática, o relacionamento profissional entre arquiteto e cliente, através das reuniões entre estes e o que será produzido em cada reunião, como a venda de serviços, o processo da comunicação, proposta de projeto e orçamentária e o *briefing* para programa de necessidades;
- Identificar as etapas do projeto, desde o Programa de Necessidades, Levantamento Espacial, ao Estudo Preliminar, Anteprojeto, Projeto Executivo e atividades complementares, como Planejamento da Obra e Visita às Lojas e Obras;
- Elencar e analisar elementos construtivos e básicos na produção de um espaço projetado, como, por exemplo, o uso e tipo de acabamentos, a sensação das cores, iluminação, entre outros.

1.2 Justificativa

"[...] quero colocar a importância do tema, a beleza deste trabalho que, por vezes, é visto como supérfluo pela sociedade, mas que representa o 'reflexo das ações humanas'." (MANCUSO, 2012, p. 13)

A Revolução Industrial (século XIX) trouxe consigo o adensamento populacional nos grandes centros urbanos. As atividades econômicas cresciam cada vez mais ocasionando mudanças sociais e culturais. Com o fortalecimento do

sistema capitalista e suas normas de consumo, os hábitos, a composição da família, especialmente no que se refere ao posicionamento da mulher na sociedade, refletiram diretamente no modo de morar.

O Modernismo, movimento artístico e cultural iniciado na Europa, defendia a contradição de tudo o que então fora exposto como expressão artística, comportamental e arquitetônica. Na arquitetura, defendia três conceitos, a estética, a funcionalidade e o conhecimento técnico, ou seja, o “[...] fruir, o usufruir e o construir [...]” (MALARD, 2006, p. 1). No entanto, esse tripé não fora o suficiente para sustentar as rápidas mudanças sociais, uma vez que as problemáticas da sociedade industrial não foram devidamente valorizadas ou adaptadas às diferentes classes econômicas que surgiam e suas exigências. Segundo Shimid (2005, apud DUAILIBE, 2011), o movimento moderno renegou a domesticidade em detrimento do apelo estético da morada, dito inovador e utilizado como absoluto nas variantes do projeto residencial.

A casa passara a ser construída como uma *máquina de morar*¹ onde os conceitos de domesticidade e ornamentação eram criteriosamente combatidos e as novidades acarretadas pelo avanço tecnológico certas vezes superavam as particularidades do homem e do local com suas variações climáticas (DUAILIBE, 2011): a produção da casa, ao longo do crescimento e fortalecimento do sistema capitalista, foi massificada e esta transformada em moeda, atualmente, de grande valia no mercado.

De fato, a presente população consome a habitação já pensando no seu poder de revenda. O lucro absoluto tornou-se o ponto crucial das imobiliárias e construtoras civis. Este quadro pode ser corroborado em duas questões relacionadas às construtoras: a determinação de uma tipologia na morada e o descaso de itens importantes na construção. Mais casas e apartamentos são gerados, muitos com uma única planta baixa, padronizada segundo as carências do homem contemporâneo em uma visão universal – guardando-se as proporções, muito semelhante ao comportamento modernista. Portanto, tem-se um único programa de necessidades representado por uma planta baixa genérica que deverá atender a diversas famílias, certamente, de diversos programas de necessidades.

¹ Termo utilizado pelo renomado arquiteto modernista Le Corbusier (1977) ao se referir da arquitetura na construção de uma casa para a tipologia do homem moderno, sendo essa universal, por meio de princípios como a praticidade, o funcionalismo e a lógica, como uma máquina.

Ao passo que as construtoras, visando o lucro, *garantem* a realização de diversas promessas na etapa de venda. Contudo, poucas são cumpridas, deixando o cliente insatisfeito, especialmente na qualidade dos acabamentos e execução de itens construtivos. Este lucro pode ser igualmente representado pela limitação da planta baixa, onde as funções são confinadas em diminutos ambientes, eliminando-se ambientes importantes da morada, para que mais habitações sejam construídas mesmo em tempos de baixa oferta de terreno.

A arquitetura de interiores, para a arquiteta Joyce Chwartzmann, vem ganhando espaço no mercado há quinze anos². Além do crescimento da construção civil, cada vez mais a profissão é divulgada por meios de comunicação como revistas e programas de televisão. Nesse sentido, pela divulgação, a arquitetura de interiores iniciou um processo de desmistificação quanto profissão de elite. Somado a esses fatos, ao longo da negligência das construtoras pelo determinismo do lucro, permanece a necessidade de contratação do profissional para adaptabilidade do programa de necessidades da família em questão, bem como de soluções técnicas que sanam ou minimizem o descaso das construtoras ao entregar o imóvel dito como finalizado.

No referente contexto, vê-se a valorização do profissional da arquitetura de interiores a partir de um conjunto de acontecimentos sociais e culturais. Porém, a oferta de materiais bibliográficos concisos referentes à arquitetura de interiores em sua real essência, é escassa. “Encontram-se diversos livros e revistas com referências fotográficas de ambientes que apresentam uma análise voltada mais para a decoração do que a arquitetura de interiores propriamente dita.” (GURGEL, 2002, p. 13), ou seja, são poucas as referências que se preocupem com os conhecimentos acerca do espaço para o homem e suas variadas aspirações, mas apenas para a venda dos objetos de decoração.

A identificação do que é a arquitetura de interiores baseada nas etapas de execução do processo e nas reflexões que devem as sustentar, de maneira que gere um processo e um produto final excelente, pouco é abordado no contexto acadêmico e, em menor escala ainda, na área de graduação. Este trabalho visa preencher lacunas quanto à oferta, a partir de uma visão técnica, de material sobre

² Disponível em: <www.teitelbaum.com.br/besthome/edicao05/materia11.php>. Acesso em: 29 mar. 2013.

arquitetura de interiores em sua real essência, ansiando demonstrar a sua importância na sociedade.

Quanto ao meio acadêmico científico, este estudo tem como propósito despertar a sociedade quanto à gravidade da arquitetura de interiores e a importância do profissional da área, apontando concepções que valorizem o homem e a cultura na qual se insere.

Sobretudo, que este trabalho igualmente convenha como auxílio de tantos estudantes de graduação que se identificam à amplitude e complexidade da área, mas pouco tiveram embasamentos teóricos, fato decorrente da limitação na oferta de disciplinas com visões práticas que envolvam o tema as quais podem ser igualmente utilizadas para a arquitetura e urbanismo de um modo geral. Assim sendo, que este trabalho possa servir de fonte para consultas acadêmicas e fomentar mais pesquisas na área.

Para o profissional, objetiva-se a exposição de conceitos que valorizem o seu trabalho e que tenha, como base absoluta, o homem e tudo o que envolva a sua integral satisfação. No entanto, o profissional que atua na arquitetura de interiores carece de reflexões acerca de seu posicionamento na sociedade, de modo que possa se desprender de amarras impostas pelas concepções econômicas e o pragmatismo do mercado. De fato, o capitalismo é imperativo na sociedade atual e é quase impossível dissociar-se por completo deste, no entanto, as exigências mercadológicas nunca poderão superar o sonho da casa perfeita nutrido por tantos homens.

1.3 Metodologia

Para o alcance dos objetivos já mencionados, foi necessário os seguintes aspectos metodológicos:

a) Fundamentação Teórica: todo o trabalho foi fundamentado pela pesquisa bibliográfica, leitura de textos críticos, dissertações, legislações, revistas, conteúdos eletrônicos, etc.;

b) Pesquisa de campo:

- **Pesquisas da prática atual dos arquitetos de interiores em São Luís:** para o embasamento na descrição das etapas de um projeto de interiores, foram realizadas pesquisas de campo através de entrevistas com arquitetos

que atuam na área de arquitetura de interiores as quais buscaram respostas práticas de como ocorre e o que contém cada fase do projeto. Esta pesquisa não faz parte do objetivo deste trabalho, tampouco faz parte de sua estrutura, possuindo valia na complementação dos referenciais teóricos, a fim de suprir a escassez de referenciais bibliográficos;

- **Buscas em sites de marcas de materiais:** foi necessário complementar as referências bibliográficas a partir de buscas em sites ou catálogos de materiais de construção (como itens de iluminação, gesso, madeira, esquadrias, acabamentos e etc.) visando a descrição, com maior especificidade, de cada item.

2 CONHECIMENTOS GERAIS PRÉVIOS AO PROJETO

Para que um projeto arquitetônico de interiores para áreas residenciais alcance seu principal objetivo, a satisfação total do cliente, é necessário que o arquiteto busque diversos tipos de conhecimentos, desbravando áreas além da arquitetura de interiores, do conteúdo técnico, buscando igualmente informações que valorizarão seus serviços, destacando-se no mercado que, atualmente, encontra-se em evidência.

Tais informações podem ser sobre a psicologia, para que suas soluções tenham valores não somente arquitetônicos – funcionais e estéticos -, mas também subjetivos, absorvendo tudo o que envolve as sensações e emoções humanas; sobre a administração, referente à gestão do próprio negócio, pois este fator, a fim de que se crie um contexto holístico de satisfação do cliente, nunca poderá caminhar longe do desenvolvimento do projeto, afinal, sem uma gestão adequada serão fatais erros em obras ocasionados pela desorganização do escritório; conhecimentos acerca da reação sensitiva do homem ao espaço projetado, tangendo o processo de percepção visual; bem como o exercício do desenvolvimento criativo o qual deverá acompanhar o arquiteto ao longo de sua carreira e, especialmente, na concepção inicial do projeto.

2.1 O subjetivo na concepção de espaços interiores da morada: a formação do lar

*“Simbolicamente falando, nossa motivação para explorar o mundo tem a intensidade e a dimensão dos sonhos que a nossa casa permite abrigar”
(SCARDUA, 2009).*

A morada é a expressão mais íntima do ser humano. Superficialmente, está ligada à necessidade preliminar de proteção proveniente da imutável carência fisiológica do ato de morar que permanece desde o homem primitivo. Intimamente, a morada é o local onde o homem se reconhece, onde descarrega e recarrega suas energias para enfrentar o *mundo lá fora*, onde constrói seus sonhos, revive seu passado, encara suas aflições, representa materialmente sua personalidade, onde finda etapas, onde se reinventa, ou, pelo menos, deveria ser. Esse retrato subjetivo, no qual o homem absorve sensitivamente o que é físico, representando-o no seu modo de morar, onde interage com a família, se reconhece e exerce o viver sem que nada tolha o ato, é denominado *lar*.

Ana Carolina Scolforo (2009), em um artigo para a revista *Casa e Jardim*, editora Globo, discorre sobre a casa construída para a produção da felicidade, retomando Alain de Botton, filósofo e autor do livro *A Arquitetura da Felicidade*, para a conceituação do lar. Segundo o filósofo Botton (2007 apud SCOLFORO, 2009), “[...] um lar é um espaço que consegue tornar consistentemente disponíveis para nós as verdades importantes que o mundo amplo ignora, ou que nosso eu distraído tem dificuldade em manter.” Alain de Botton defende a construção da casa tendo o homem como eixo, como guia e sustento. Ainda elucida que isso é possível sem deixar de lado outros fatores complementares, como a funcionalidade e a estética. Para Scolforo (2009), o homem, no morar, “[...] está interessado em mostrar os valores, sonhos e memórias que dificilmente estão impressos nos catálogos de decoração.” e ainda retrata a casa como uma “[...] terceira pele, nossa esfera de reconhecimento.”.

Alguns autores, para representar a essência imaterial da morada, utilizam do termo *alma*. Angelita Scardua (2012), mestre em psicologia social e especialista em neurociência e comportamento, antes de conceituar uma *casa com alma*, expõe o significado do termo *alma*. De acordo com a psicóloga, *Ânima*, do latim, denota *alma*, “[...] princípio que dá movimento ao que é vivo.”, ou seja, “[...] aquilo que é inanimado, ou o que confere movimento, que faz mover.” (SCARDUA, 2012). Em seguida, expressa a *casa com alma* como o local onde o homem possa se mover sem limitações, expressando fluidamente suas emoções e pensamentos, onde nutre seu universo mental (SCARDUA, 2012). “Se a organização de uma casa sacrifica a autenticidade de quem nela habita, ela será uma casa sem alma. Uma casa não terá alma se a relação dos moradores como o espaço doméstico for mecânica, utilitarista, vazia de conteúdos afetivos e cognitivos [...]” (SCARDUA, 2012).

Jane Alexander (2006), no seu livro *A Alma da Casa*, direciona a questão lar e alma a uma abrangência espiritual. Crenças esotéricas à parte, defende que os ocidentais deixaram de acreditar na existência de seres espirituais na casa, que tanto podem trazer danos ou benfeitorias.

A grande maioria dos ocidentais é unânime ao afirmar que não existem coisas tais como os espíritos das casas, negando portanto a possibilidade de que estes sejam os guardiães, como também não acredita em entidades invisíveis que possam compartilhar um mesmo espaço com os seres humanos. Contudo, se dermos uma olhada no panorama mundial, veremos que este ponto de vista é minoritário, pois um vasto número de culturas não ocidentais crê firmemente em espíritos: basta ver as suas residências repletas de deuses domésticos ou de representações dos espíritos e das

lamas de seus ancestrais. Por isso, poderemos dizer que os seus lares são realmente vivos e isto não só por causa dos corpos físicos dos humanos que o habitam, mas também pela presença da corporeidade energética das criatura etéreas. (ALEXANDER, 2006, p. 54).

Ela ainda avigora seus argumentos retomando fatores históricos:

Por mais então que nós, ocidentais, tentemos debochar desta forma de conceber a vida, na verdade já chegamos a compartilhá-la em nosso passado. Pois houve um tempo em que por toda a Europa as casas possuíam um verdadeiro exército de auxiliares esotéricos: elfos e fadas; duendes e elementais.

Até mesmo os primeiros colonos americanos pintavam inúmeros símbolos protetores nas suas moradias e celeiros para que assim se salvaguardassem dos maus espíritos. E, naquela época, havia também o costume de manter guloseimas no lado de fora das residências para que fossem atraídos os bons espíritos. (ALEXANDER, 2006, p. 54-55).

Os danos podem corresponder aos problemas de saúde ou de relacionamento entre a família; enquanto o bem é retratado na casa que cure as energias impuras trazidas do meio externo. A autora descreve, na prática, que, se uma família passa a viver em uma casa nova e problemas nunca ocorridos começam a surgir, possivelmente provêm da influencia do espírito dessa casa. Contudo, ela propõe pequenas transformações físicas, com repercussão subjetiva, através da organização dos ambientes. Porém, a fim de que uma casa seja transformada em santuário, inicialmente o morador precisa realizar um processo de autoconhecimento para, em seguida, organizar fisicamente (disposição de móveis, cores, plantas, e etc) cada canto da casa. Deste modo, terá uma casa sadia e, em seguida, com lar (ALEXANDER, 2006).

Essa representação, ainda que envolva questões de crenças culturais ou religiosas individuais a cada ser humano, apontam a abrangência do tema da formação do lar e de como as sensações de conforto e bem estar variam entre as concepções das pessoas e, independente do fato, são conteúdos subjetivos que alteram no modo de morar. Deste modo, o arquiteto deverá ter percepção aguçada quanto à concepção do que é a essência do lar inerente a cada ser.

No entanto, a atualidade aponta uma deturpação de conceitos. Casas são levantadas massivamente como símbolos de bom gosto e *status*. Clientes buscam cada vez mais o conteúdo – físico e superficial - dos seus lares em lojas e revistas, construindo verdadeiros cenários, estéreis, sufocantes e insuportáveis de viver. Enquanto isso, cresce paralelamente o volume de profissionais de arquitetura de interiores que projetam ambientes suntuosos e funcionais, mas que são apenas expressões arquitetônicas que podam a formação do lar.

Muito são os motivos: o pragmatismo do mercado que transforma o sonho em retorno financeiro e publicitário; o uso desmedido de tendências; soluções que interferem no diálogo entre o homem e o espaço que habita, privando-o de depositar sua identidade, de se sentir à vontade, pois cada atitude deverá ser devidamente ensaiada para não desfigurar o *showroom* que fora montado, ou seja, uma verdadeira opressão ao íntimo psicológico do morador. Como devidamente ilustrado pelo arquiteto Glaucus Ciandiardi (2010), especialista em história da arte e mestre em Arquitetura e Urbanismo: “Uma casa, por si só, não é um lar. É um objeto arquitetônico inanimado, destinado ao abrigo do ser humano; somente após um processo etológico de domínio territorial tal espaço se transforma em lar”.

Janes Alexander (2006) cita o psicólogo Robert Scardello ao descrever as *residências cinematográficas*, símbolos de orgulho e prestígio: “Toda vez que a arquitetura se transforma em uma ‘egotetura’, passamos a viver e a trabalhar em um espaço inflado, oco e monótono, que não nos oferece nenhuma confiança” (SARDELLO apud ALEXANDER, 2006, p. 35, grifo do autor). A autora complementa, “[...] portanto, um tal lugar nunca é de fato uma moradia, pois não passa de uma tola e mesquinha manifestação do último grito da moda, assim como qualquer sofisticado modelo de carro esporte.” (ALEXANDER, 2006, p. 35).

Esse determinismo arquitetônico denominado pelo psicólogo como *egotetura* simboliza as constantes atitudes dos arquitetos ao deitar seus próprios gostos no que criam, algumas vezes inconscientemente, outras conscientemente, para que, no futuro, a residência divulgue seu trabalho e preencha o portfólio. Contudo, para que esse monumento ao próprio ego seja edificado, a intimidade entre quem realmente usufruirá das soluções projetadas e a morada possivelmente será suprimida; induzindo que o ambiente projetado determine o comportamento humano. Entretanto, “[...] o homem não é um produto passivo de seu ambiente, ele age sobre seu ambiente e, reciprocamente, é influenciado por ele. Ao modificar seu mundo, o homem modifica a si próprio.” (ALBUQUERQUE apud FONTENELE, 2009, p. 15).

O uso impróprio das tendências é outro fator de limitação do desenvolvimento do lar. Pode-se considerar dois tipos de tendências: as corriqueiras, ditadas pela moda e de pouca adaptabilidade, e as que podem ser absorvidas pela população para simplificação do dia a dia. No entanto, é necessário cautela no seu uso. Tendências, como o próprio nome conota, são ocasionais,

oscilam com o mudar de estações ou anos, e representam os ditames do mercado. São factíveis de se tornarem ultrapassadas e insuportáveis, pois, muitas delas, são utilizadas para a valorização do ambiente físico, mas pouco legitimam a personalidade do morador. O uso irracional de tendências faz “[...] nos sentirmos mais em casa fora dela do que entre suas paredes.”, cita Ana Carolina Scolforo (2009).

E se o cliente insistir em algo que não o representa, exclusivamente para servi-lhe de orgulho? Além da exposição das consequências danosas que este quadro poderá acarretar, o arquiteto poderá utilizar as tendências em elementos facilmente substituíveis, como cores de paredes, luminárias, papéis de parede ou tecidos; evitando detalhes excessivos no forro, paredes em formatos diferentes, ou em pisos incomuns. Outra advertência considera a possibilidade iminente de gastos, pois certamente o cliente não suportará por muito tempo algo que não represente seu estilo.

Neste contexto, um fato curioso deve ser levantado: nunca se viu tamanha valorização da casa. Mais ambientes são criados, mais entretenimento é englobado no âmbito residencial, mais se procura pelos profissionais da área, mais se busca pela vitória da casa própria. Um exemplo deste quadro é o aumento surpreendente de revistas e livros que tratam sobre casas e jardins, bem como programas de televisão com temas voltados ao assunto (ALEXANDER, 2006).

Engana-se aqueles que pensam que esse fenômeno não passa de moda passageira. A noção cultural de uma casa ideal vem sendo herdada ao longo dos tempos por toda a coletividade humana, uma vez que todos nós jamais deixamos de idealizá-la de um modo ou de outro. E é justamente através desse sentimento que nos vemos obrigados a arrumar a nossa casa, e de tal forma que não descansamos enquanto ela não estiver conforme o nosso gosto, porque todos os seres humanos nutrem o desejo de viver de maneira ideal dentro de uma moradia perfeita. Se, no entanto, imaginarmos que podemos extrair a felicidade das páginas de uma revista, como se as suas instruções de compra fossem capazes de nos oferecer uma casa mais saudável, então fatalmente estaremos nos iludindo. (ALEXANDER, 2006, p. 14).

Jane Alexander (2006) ainda defende que outrora passava-se férias em casas de veraneios e gastava-se mais com carros; hoje, o homem prefere impressionar por um sofá, uma pintura diferente na parede ou um sistema moderno de segurança eletrônica. Mas ela expõe a natureza desse contexto:

É muito fácil entender a razão disso, já que nossa vida diária vem se tornando cada vez mais insegura, e neste momento são muito poucos aqueles que podem contar com a estabilidade no emprego. Além disso, em face do crescente número de divórcios, quase ninguém demonstra certeza

quanto à possibilidade de um relacionamento mais duradouro. E para completar esse quadro, à medida que se amplia o nosso conhecimento sobre o espaço e o cosmo, já não nos sentíamos mais como o centro daquele antigo universo gentil que só queria nos abraçar. (ALEXANDER, 2006, p. 29-30).

Certamente, o mundo exterior amedronta o homem. Nele, sente-se inseguro, frágil, não reconhece a sua individualidade. Naturalmente, precisa de um território para chamar de seu. No livro *A Casa*, o autor Jorge Miguel retoma Eduardo Sacriste (1968 apud MIGUEL, 2003, p. 21) para relatar simbolicamente a oposição entre o ambiente público e o privado:

O homem detém-se frente à porta. Introduce a chave na fechadura, a faz girar, empurra e entra. Logo, volta a fechar a porta. O homem ingressou na sua casa. Penetrou no seu ambiente próprio e familiar, onde se reconhece. Sente-se isolado do mundo como se defendesse a si próprio dentro de sua carcaça, sente-se na intimidade.

A casa é um símbolo peculiar que distingue os homens. Nesta, são – ou deveriam ser - depositadas crenças, apegos e ações; local onde se reconquista a energia para continuar a rotina. Enquanto o ser humano trabalha, estuda e se diverte no ambiente público, ele veste uma carapaça para controlar atitudes e emoções, de modo a não ser repreendido ou mal visto por pessoas de estima social. Boa parte do que se pensa, sente e almeja é sacrificada para adaptação ao espaço no qual se insere. Essa acomodação forçada traz estresse emocional, normalmente repercutindo para doenças físicas: eis a gravidade de uma casa sem lar, uma casa onde o homem não se sinta livre para expor emoções, comportamentos, revigorar o humor; eis a consequência da negligência profissional de tantos arquitetos de interiores.

O homem sempre careceu de um local isolado para viver. A necessidade do abrigo para proteção contra intempéries e animais permanece desde o homem primitivo e mantém-se como resquício até hoje no cérebro humano.

A sensação de conforto que sentimos ao retornar à casa é desencadeada por essa herança emocional, herdada dos nossos ancestrais e preservada pelo nosso sistema límbico, a principal área do cérebro envolvida nas emoções e comportamentos necessários à sobrevivência. (SCARDUA, 2011).

Se a terra não dava mais frutos, o homem nômade juntava seus apetrechos e ia atrás de territórios férteis. Contudo, qualquer lugar que passasse e ali fizesse de abrigo, deixava sua marca. As pinturas nas paredes das cavernas contavam histórias, simbolizavam rituais, mostravam a marca do morador pelo contorno das mãos. “As figuras desenhadas não se repetem, o que expressa nosso

impulso ancestral de nos diferenciar dos demais, personificar ambientes e comunicar algo ao grupo social [...]”, aponta Glaucus Cianciardi (2010). Atualmente, esses símbolos primitivos podem ser representados pelos porta retratos, artigos de viagem, objetos de herança; ambos, únicos e imperativos em cada residência.

Para que um ambiente seja projetado de acordo com as aspirações humanas, um arquiteto deverá ter conhecimentos de Psicologia, de modo que entenda seus desejos mais ocultos. Angelita Scardua (2009) retoma a Psicologia Ambiental³ para explicar o paralelismo entre a atual constituição humana com os resquícios evolutivos. Ela cita seis tópicos basais para o entendimento destas questões (SCARDUA, 2009).

O primeiro tópico corresponde com a **busca de refúgio**. Como já mencionado, a sobrevivência humana dependia de locais seguros, por isso, normalmente se sinta atraído por locais aconchegantes. “Tanto é que a tendência de *lofts*, por exemplo, por mais que tenha sido enaltecida pela mídia especializada, não logrou tornar-se uma regra de moradia, nem mesmo para uma minoria significativa.”, exemplifica a Scardua (2009). Materiais rústicos como madeira, pedras, linho, tendem a proporcionar sensações de conforto e podem ser bem exploradas em dormitórios.

Por seguinte, **a importância da visibilidade**. O homem sempre buscou espaços altos, imponentes, de visões amplas, evidenciados pelos antigos castelos no topo das masmorras. Hoje, esse quadro é pertinente nos arranha céus. Essa explicação, segundo Scardua (2009), provém da natureza de prever ameaças, uma vez que o homem pré-histórico estava inserido em florestas fechadas. Então, lugares altos mostram a necessidade de se refugiar, mas também de se defender através de uma visão ampla do que o envolve.

A atração pelo desconhecido retrata o porquê do ser humano ter descoberto tantas informações e estar no patamar onde se encontra, rodeado por novidades. O mistério é o combustível do homem, ele suscita desejos intrínsecos de descobrimento. “Talvez, por isso, tendamos a nos sentir atraídos por corredores, escadas, nichos [...] espaços que ‘prometem’ a revelação de algo mais que nos escapa à primeira vista.”, esclarece Scardua (2009).

³ “A psicologia ambiental é a ciência que busca compreender a interação do indivíduo com o seu entorno.” (ALBUQUERQUE, 2004, p. 6 apud FONTENELLE, 2009, p. 15).

O homem provém da natureza. Mesmo que muitas das vezes a renegue, **a conexão com a natureza** melhora o humor e a saúde; logo, este contato deve ser mantido por meio de espaços ventilados, iluminados naturalmente e com plantas naturais. Os ancestrais buscavam por abrigos rodeados por natureza exultante e de ampla oferta de água.

Segundo Angelita Scardua (2009), “[...] uma das ideias dominantes atualmente nas neurociências é que o nosso cérebro se sente recompensado com padrões.” **A preferência pela simetria** advém da condição biológica do homem pelo equilíbrio; este, certamente, preferia locais que tivessem estações bem definidas, com fluxo regular, para que pudesse planejar os seus dias de caça, semeadura e colheita.

Por fim, **a procura do centro**. Este centro retoma o *cantinho* de descanso, necessário para qualquer homem, independente das atividades que exerce. Cômodos, poltronas, iluminação, cores, espaços longes de entradas ou *halls*, devem favorecer o recolhimento e a busca pelo *centro* pessoal.

Mas como o profissional de arquitetura de interiores poderá prever a formação do lar, ou seja, a produção do subjetivo, no planejamento ambiental do espaço físico? Como adaptar as informações comprovadas cientificamente à oscilação proveniente dos diversos tipos de personalidades e histórias de vida? Definitivamente, ele deverá transcender os conhecimentos práticos – ressalta-se: mercadológicos e projetuais – da arquitetura e tratar, cada caso, como único.

O primeiro passo é abdicar de suas preferências; afinal, as mostras publicitárias como *Casa Cor*, *Mostra Black*, *Casa Vogue* e feiras em geral existem para que os arquitetos possam tirar as amarras e deixar fluir a criatividade, sendo ele mesmo o seu cliente. A atitude ideal deverá se assemelhar ao atendimento de um psicólogo: quando um paciente adentra ao seu consultório, senta e inicia a discorrer sobre suas aflições e desejos; neste ensejo, o profissional deve se manter neutro, à parte dos seus sentimentos particulares para que possa analisar o paciente e ajudá-lo na melhor maneira possível. Glaucus Cianciardi (2010) ao dizer que beira uma *forte agressão* o arquiteto impedir o cliente de personificar onde habita, relembra as construções arquitetônicas modernistas - ainda que seja uma ilustração de arquitetura, esse exemplo pode ser adaptado à arquitetura de interiores:

Em seu livro *Da Bauhaus ao nosso caos*, o jornalista americano Tom Wolfe descreve a profunda insatisfação dos trabalhadores franceses com os apartamentos funcionais de um conjunto de operário em Pessac, na França,

projetado por Charles Le Corbusier, por serem extremamente cúbicos, assépticos, frios e incongruentes com o tipo de vida dos moradores. (CIANCIARDI, 2010).

O ser humano busca em uma casa, abrigo; em um lar, proteção. Idealiza em uma casa descansar; em um lar, renovar as energias. Em uma casa; ambiciona demarcar seu território; em um lar, possuir um universo particular onde tenha domínio e seja a projeção de seu perfil. O homem atual não pode menosprezar seu ancestral como se fosse superior e independente das suas origens, simplesmente pelo fato de possuir inteligência avançada. Todos possuem a mesma natureza, se diferenciam apenas pela herança genética somada a tudo o que absorveu ao longo do que viveu. Esses dois fatores lapidam a personalidade humana; logo, o projeto residencial deve deixar em sintonia as raízes pré-históricas do homem, bem como suas particularidades absorvidas no viver.

O arquiteto de interiores deve primar pelo conforto de quem habitará no que criou e suscitar felicidade a cada tijolo levantado ou móvel planejado. Angelita Corrêa Scardua (2009) cita alguns estudiosos do comportamento humano que apontam tópicos geradores de uma *arquitetura feliz*. O psicólogo social, experimental, evolutivo e ambiental Gary W. Evans concluiu que a felicidade numa moradia está correlacionada com a competência do homem em intervir na casa. Suas pesquisas comprovaram que inquilinos são infelizes, pois não possuem domínio na organização da casa, distanciando intimamente morador e moradia. “[...] as que não mudam há muitos anos costumam refletir rigidez, o medo e a insegurança de seus ocupantes. Por outro lado, a mudança constante pode revelar fragilidade emocional e inconstância de quem a ocupa.” (CIANCIARDI, 2010).

Outra consideração do psicólogo enfatiza a necessidade da privacidade na residência, pois a perda do espaço íntimo pode provocar estresse; logo, devem-se evitar paredes muito finas, varandas amplas sem elementos que forneçam privacidade ou janelas mal locadas. Este derradeiro tópico é retomado por outros psicólogos, como Oddvar Skjaeveland e Tommy Gärling, ao considerarem os espaços de transição essenciais para isolar espaços íntimos dos privados, pois imprime segurança e tranquilidade (SCARDUA, 2009). Portanto, o arquiteto deverá ter visão de futuro, de maneira que a residência possa oferecer possibilidades de alterações posteriores: por exemplo, se um casal pretende ter filhos futuramente, o arquiteto deverá alertá-los que o escritório ou quarto de hóspedes não deverá

receber tanta atenção e custos, posto que possivelmente será ocupado; ou em um projeto para a área de lazer, pois se um cliente ansiar por piscina e não possuir condições financeiras no momento, o local deverá ser reservado para projeções póstumas. Quanto à privacidade, o ideal são pontos íntimos, de repouso, como poltronas de leituras e camas, distanciados da entrada, com divisórias em painéis ou móveis isolando o local.

Ana Carolina Scolforo (2009) elenca itens básicos essenciais para a formação da felicidade na morada. Segundo a autora, o uso das cores que representam as características do morador é fundamental; se a preferência for por tons fortes, que sejam em elementos facilmente renovados. Um ambiente novo mesclado com toques antigos, que contenha a história da família, porta retratos, objetos de herança, livros preferidos, representam a relação íntima com a morada. Outro ponto de grande valia é a utilização racional da iluminação artificial. A autora destaca a importância de uma iluminação que lembre o nascer e o pôr do Sol: quanto mais cedo, mais as luzes podem ser intensas, quanto mais tarde, mais suaves⁴. Ambientes sufocantes, com diversos móveis, mobiliários e revestimentos provocam mal estar. A sensação de amplitude é bem vista pelo ser humano, pois incitam boas sensações. A simetria, já citada, advinda do equilíbrio visual é mais uma questão a ser destacada, pois “[...] O cérebro naturalmente mapeia territórios e interpreta assimetria demais como um cenário estressante, porque tem desgaste pra decodificar o excesso de informações ao mesmo tempo.” (SCOLFORO, 2009).

A residência é, então, muito mais que uma caixa na qual se vive, pois ela constitui realmente uma atividade da alma, que por isso mesmo deve ser resgatada da esfera dos objetos modernos desprovidos de sensibilidade. Cada um dos seus recantos, e cada cômodo, seja ele um quarto, a sala, a escada, a cozinha ou o corredor, possui uma estrutura distinta que anima os diferentes aspectos da alma. (ALEXANDER, 2006, p. 36).

A casa é uma extensão do morador. Esta funciona como um espelho que reflete memórias, utopias, apreços e condutas atuais. O homem precisa estar ciente que sofrer, amadurecer, sorrir, devem ser expressos não apenas no meio externo, mas também dentro de casa, não apenas dormir e cumprir com sua higiene pessoal como em hotéis, mas vivê-la com intimidade. O arquiteto é agente fortalecedor – ou fragilizador – de soluções formadoras da essência subjetiva da morada, portanto

⁴ Tecnologia que poderá advir da *dimmerização* da iluminação, sistema de acionamento que controla a intensidade da luz.

deve estar em simbiose com os sonhos dos moradores: deve construir verdadeiros templos de refúgio, não vitrines intocáveis.

2.2 A psicologia no tratar do cliente

“Todo arquiteto e decorador deveria ter algumas aulas de psicologia para melhor entendimento das personalidades dos clientes com os quais vão lidar.” (MANCUSO, 2011, p. 32).

Quando se trata de questões subjetivas, é essencial ter cautela, independente da profissão. Na arquitetura, o subjetivo poderá ocorrer na formação do lar e no tratar com o cliente, ao passo que se vende não apenas o projeto, mas também sonhos. No primeiro contato com o cliente, o arquiteto deverá possuir a percepção aguçada e atenção para captar as *entrelinhas*, por isso se deve a necessidade do estudo do comportamento humano através da psicologia para que o profissional tenha fundamentos científicos nas induções que são frequentes na etapa de concepção do projeto.

É importante lembrar que para o arquiteto é trabalho, mas para o cliente, a realização de um sonho no qual são depositadas diversas expectativas. Contudo, não são todas expectativas que correspondem com a realidade prática e muitos sonhos podem ser frustrados, pois nem tudo o que o cliente quer é o que ele realmente necessita, ou nem sempre o que ele anseia cabe em seu orçamento, na oferta limitada de espaço ou sucede incompatibilidade de gosto com os outros componentes da família. Portanto, existe um coquetel de limitantes que podem restringir sonhos mais altos. Cabe ao profissional, com delicadeza e profissionalismo, trazer o cliente à realidade, sem que seus sonhos sejam freados abruptamente.

Lidar com pessoas nunca foi tarefa simples. Lidar com pessoas e com seus desejos – tantos ocultos – representados por soluções arquitetônicas de espaços que receberão atividades íntimas da família, sem ultrapassar o limiar da neutralidade profissional, é tarefa de significativa gravidade. Portanto, um arquiteto nunca poderá ter apenas conhecimentos de arquitetura, do contrário, seria meramente um executor de projetos baseados em informações rasas: o arquiteto de interiores deverá ter conhecimentos do comportamento humano para desvendar o perfil do cliente além do que é exposto e se relacionar da maneira que cada cliente propõe, não apenas da maneira particular do profissional.

Para a compreensão da diversidade do comportamento humano, a arquiteta Clarice Mancuso (2011) retoma a teoria da Análise Transacional (AT) do psiquiatra canadense Eric Berne. A teoria da AT é baseada, como o próprio nome sugere, na transação de experiências, sendo transação “[...] qualquer movimento ou ação que uma pessoa empreende no seu relacionamento com os outros, provocando outro movimento ou ação de volta.” (BERGER, 1999, p. 4). A base da teoria é o estudo fenomenológico do comportamento humano por meio da divisão da personalidade em Egos, por vez, seriam *um sistema de emoções e pensamentos*, ou melhor, manifestações dos órgãos psíquicos, qualificados com padronizações de condutas passíveis de serem diagnosticadas por meio da observação de variantes verbais e não verbais, como o vocabulário utilizado, a entonação da voz e a expressão corporal (gestos, posturas e contrações faciais) (ANÁLISE ..., [20--?]).

Ainda mais, para Berne (1999) a formação do ser advém de dois itens, o caráter e a personalidade. O caráter seria as heranças de carga genética, ou seja, características da gestação, tendências para alcoolismo, passividade, rebeldia, entre outros fatores provenientes do comportamento paterno e materno; enquanto a personalidade corresponderia à confluência de tudo o que o homem viveu e escolheu na vida, ou seja, influências do meio externo, como religião, educação e cultura⁵. Quanto aos Egos, estes foram classificados em Ego Pai, Ego Adulto e Ego Criança.

O Estado do Ego Criança simboliza o sentimento, a sinceridade, a extroversão, a intuição, a autonomia e a pureza. A ação desse ego é normalmente podada por fatores externos como concepções comportamentais exigidas pela sociedade. Transmite informações não verbais, como tom da voz, gargalhadas, movimentos inquietos como o bater das pernas, modo de se vestir, gestos; e verbais, por meio de palavreados típicos em interjeições como *oba*, *legal* e *pô*. Costuma surgir em contextos emotivos, sendo mais acentuado em momentos de entretenimento e lazer – no entanto, para algumas pessoas, pode surgir até em momentos sérios (MANCUSO, 2011). “Você sabe quando agradou realmente um cliente com seu projeto quando consegue desabrochar nele o lado criança.” (MANCUSO, 2011, p. 36).

⁵ Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/An%C3%A1lise_transacional>. Acesso em: 23 jun. 2013.

O Estado do Ego Adulto é a representação da objetividade, do *pé no chão*, das previsões racionalistas. Neste, a mente funciona como um computador que capta as informações, analisa, pondera por meio de fatores racionais e externos segundo suas concepções acumuladas ao longo da vida, totalmente desprovidas de atas sentimentais. “O adulto atua fria e objetivamente e tem como função básica a adaptação do indivíduo à realidade objetiva.” (ANÁLISE ..., [20--?]).

Trazer o lado adulto de seu cliente é extremamente importante quando da definição dos parceiros de execução do projeto, ou seja, mostrar os prós e contras de cada fornecedor e deixar ele decidir por um ou por outro baseado em dados de realidade, sem envolvimento emocional, é de extrema importância. (MANCUSO, 2011, p. 37).

A principal característica do Estado do Ego Pai é a figura dos educadores (pais ou professores) presentes nos primeiros anos de vida, “[...] até o sexto ou oitavo ano [...]” (ANÁLISE ..., [20--?]), é internalizada, configurando-se como uma cartilha comportamental a ser estritamente obedecida. São valorizados os princípios como a moral, as normas e os jogos, tão comuns nas atitudes paternas, remetendo ao castigo, punição com a supressão de algo desejado por consequência de ações moralmente impróprias. Simboliza o autoritarismo. Não costuma ser levado por decisões lógicas, mas sim por valores adquiridos com a vida e tradições. Outra característica pode ser a tendência de proteger os mais novos ou mais frágeis. “Clientes com comportamento de pai muito desenvolvido tendem a colocar defeito em tudo, são difíceis de satisfazer.” (MANCUSO, 2011, p. 37).

Em síntese: “o Adulto escolhe o que ‘convém’, o Pai, ‘o que deve fazer’ e a Criança ‘o que gosta de fazer’.” (BERGER, 1999, p. 4).

E a conclusão dessa análise amoldada ao uso prático do arquiteto? O objetivo da explanação gira em torno da necessidade de compreender o funcionamento de cada cliente de maneira que o profissional possa agir adequadamente a cada tipo de comportamento. Mancuso (2001, p. 38) esclarece:

Cabe agora ao interlocutor, no caso o arquiteto ou designer, trazer ao poder o estado adulto sempre o mais conveniente para interagir na medida em que o mesmo é isento de críticas e contaminações, facilitando o diálogo maduro, o posicionamento de ideias e, enfim, a conclusão de um trabalho bem feito.

Ela complementa com uma situação prática, evidenciando os três estados:

Imaginemos que durante a discussão sobre a realização de uma ‘cozinha americana’ em uma sala de estar de pequeno porte o cliente empolgue-se

com seu lado criança e aprove o projeto de forma integral, sem restrição alguma.

E que devido ao excesso de empolgação o estado adulto não seja em momento algum ativado e ele aprove o projeto sem discutir os valores de execução que essa reforma representa.

Por sua vez o arquiteto deixa também de lado o adulto e não força o cliente a discutir os custos, ou o tempo maior de execução que ele vai gerar, as implicações práticas.

No momento da realização, e só nele, o cliente dar-se-á conta do custo maior e do tempo de execução. Enfim, do ônus que o projeto acarretou! Ainda mais sério seria se o cliente passasse a agir com seu comportamento de pai e, ainda usasse o lado crítico desse comportamento e exigisse do profissional uma nova intervenção acreditando ser sua a razão. (MANCUSO, 2011, p. 38).

No entanto, nem sempre é tão simples identificar e discernir esses três tipos de comportamentos. Muitas vezes o homem toma uma postura de sábio e imune para não demonstrar suas fraquezas e personalidade em relações comerciais, por exemplo, mascarando o estado criança ou pai, com a integridade e força do estado adulto. Logo, nesta confusão comportamental, maus entendimentos e conseguintes discussões poderão acontecer, principalmente em uma relação que exige cautela. Assim sendo, o arquiteto deverá ser neutro o suficiente ao elaborar o que será o reduto da intimidade de outra pessoa.

Mesmo estando plenamente ciente dessas diferenças nos comportamentos humanos, somos profissionais que lidam com idéias e com pessoas sempre factíveis de mal entendidos. Por isso frisamos como é importante o profissional dessa área conhecer a personalidade humana. (MANCUSO, 2011, p. 39).

Alguns exemplos práticos podem ser citados. Quando um cliente olha o projeto pela primeira vez, está eufórico por dentro, mas prefere se resguardar para colocar em prática seu estado adulto, através de dúvidas lógicas, ou no estado pai, através de críticas negativas, muitas das vezes até irracionais – típico de pessoas que não sabe o que querem, mas sabem o que não querem, logo tendem a criticar constantemente. Outro exemplo ainda pode ser mencionado: no estado adulto, uma pessoa poderá perguntar o porquê do projeto não ter sido entregue no prazo. Pergunta simples e esperada a qual se busca uma breve explicação. Já no estado pai, a mesma pergunta poderá surgir, mas ela estará carregada de uma entonação pesada, pronta para culpar o profissional por desorganização, posto que seja sempre mais fácil culpar outra pessoa para descontar suas frustrações do que parar para ouvir os impasses e contratempos comuns que o arquiteto teve – existem casos que esses atrasos são explicados e previstos no contrato, mas ignorados em situações como esta.

E quando o cliente são *os clientes*? Família completa que procura o profissional desde a primeira conversa? Os comportamentos deverão ser analisados não individualmente, mas através da relação, da troca de experiência. “Uma transação consiste em um estímulo e em uma resposta entre dois estados.” (MANCUSO, 2011, p. 40). Este caso vale também para a relação cliente e arquiteto, já que o derradeiro igualmente possui um estado que deve ou se adaptar com o do cliente, ou então ser adulto, racional e desprovido de sentimentos pessoais. Mas é importante lembrar que a comunicação é direta e facilitada quando a resposta ocorre a partir do mesmo estado que foi gerado o estímulo. Por exemplo, uma conversa entre dois estados pai: *O projeto dos móveis já foi enviado para a empresa responsável? Quando posso fechar acordo? – Sim, desde ontem. A pessoa responsável entrará em contato com você* (MANCUSO, 2011). Pronto, simples e objetivo.

Clarice Mancuso (2011) pontua alguns exemplos práticos de acontecimentos delicados que aconteceram em 32 anos que exerce a profissão de arquiteta. São quatro exemplos básicos, corriqueiros, passíveis de acontecer na vida profissional de qualquer arquiteto, mas que se deve tirar uma reserva de aprendizado para a vida profissional.

Outro caso interessante foi do cliente que, recém separado, e tendo ficado no imóvel do casal, resolveu trocar toda decoração. Quando chegamos no dormitório/suíte, qual não foi a surpresa, uma grande relutância quanto à mudança, nada novo o agradava, após várias alternativas de anteprojetos chegou-se a conclusão de que na realidade ele não queria mudar seu quarto, que, ao que pareceu, representava o elo da história que havia se partido. Alguns anos depois, ele voltou a nos procurar e então o dormitório foi mudado, ele já estava preparado para a mudança!

[...] o casal nos procurou para decorar o dormitório dos dois filhos, um feminino e outro masculino. Em um primeiro momento parecia tratar-se de filhos pequenos, porém, após entrevista, percebemos tratar-se de filhos acima de 18 anos. Mesmo recebendo o convite para participar das entrevistas, os pais encontravam desculpas para não chamar os filhos. Anteprojetos aceitos, projeto totalmente graficado e detalhado, fomos surpreendidos com o telefonema dos filhos pedindo para mudar inúmeros detalhes. O projeto havia sido feito para os pais e não para os filhos! Tivemos que reiniciar todo o processo, agora com nossos verdadeiros clientes!

Em décadas passadas era muito comum o cliente nos contratar para projetar e executar tudo envolvendo-se o mínimo possível, o que representava, por um lado, uma liberdade muito grande e agradável, e por outro uma responsabilidade com possibilidade de erro maior. Nos foi entregue a chave de um apartamento no litoral paulista e a solicitação de decorá-lo e só entregar a chave no final execução. No dia da entrega, julgávamos ter resolvido tudo o que a nós cabia. Mais uma surpresa. O cliente solicitou que, além do que tínhamos executado, fôssemos responsáveis pela compra de utensílios domésticos como copos, talheres, toalhas, travesseiros, sabonetes. Ele queria encontrar o apartamento

inclusive com mantimentos e carnes na geladeira! (MANCUSO, 2011, p. 42-43).

Em determinado momento, estávamos atendendo um casal cujo dormitório/suíte deveria ser redecorado, pois após 20 anos de casados a decoração parecia obsoleta. Qual não foi nossa surpresa quando, a cada entrevista para discussão dos anteprojetos, eles ocupavam nosso espaço do escritório para discussão de assuntos extremamente particulares, o que culminou com nosso escritório tendo dois e não somente um projeto a executar. Os dois separaram-se. A esposa continuou na casa, mudando todo o dormitório ao seu agrado. O ex marido mudou-se e ficamos encarregados de todo o projeto. (MANCUSO, 2011, p. 41).

De toda experiência com clientes, fornecedores e funcionários, os arquitetos devem arquivar uma lição para fortificar o funcionamento logístico do próprio negócio e amadurecer profissionalmente. Quanto ao negócio, no terceiro exemplo, tudo o que é de responsabilidade do profissional deverá estar exposto em contratos e orçamentos. Questões como quantidade de visitas, o que será feito e prazos devem ser adaptados a cada situação, a cada cliente novo, contudo certas ocorrências são imutáveis, como a necessidade de dar limites ao cliente, deixando claro até onde vai o trabalho e que, qualquer modificação, qualquer *rabisco* fora da programação prevista no contrato, ou necessidade de solução diferenciada proposta pelo cliente na etapa do Projeto Executivo, acarretarão custos a mais. Tudo isto deve estar claro no contrato, sem entrelinhas que deixem lacunas e oportunidades de mal entendidos.

No primeiro exemplo, o caso é voltado para percepção sensitiva, ou melhor, intuitiva do arquiteto quanto a real necessidade do cliente. Muita das vezes a pessoa procura o profissional para ajustar o espaço físico. Esta é uma válvula de escape já que o que impera não é um ambiente novo, nova cozinha, nova iluminação, novo sofá, mas na verdade uma mudança interna e na forma de ver a vida. Logo, o arquiteto não deverá ser levado apenas por aspirações mercadológicas, mas também ser ético e, sutilmente, medindo palavras para não adentrar à intimidade do cliente e ofendê-lo, propor a realização do projeto em outro tempo, no qual a pessoa já aceite mudanças, deixando claro que sempre estará ao dispor. Guardando devidas proporções, é como um médico cirurgião plástico, por exemplo, o qual deve mostrar para o paciente que não possui a necessidade de fazer tal modificação estética por estar fora dos padrões biológicos de quem realmente carece de intervenções cirúrgicas; pois, se aceitar realizar a cirurgia no paciente, poderá colocá-lo em riscos. Isso se chama ética profissional. O arquiteto

poderá até aceitar e fazer modificações, mas o cliente ficará eternamente insatisfeito, colocando em jogo até sua imagem no mercado. “Às vezes as pessoas pensam que precisam mudar sua decoração, mas na realidade precisam mudar sua vida!” (MANCUSO, 2011, p. 42).

Por último, o segundo exemplo mostra um caso peculiar, mas importante de ser avaliado no meio profissional da arquitetura. É comum em escritórios a mulher, que ainda costuma tomar frente das decisões do lar, solicitar um projeto. Ela poderá até elencar características do marido e dos filhos, mas será a partir da sua visão miscigenada com o que deseja. Se um ambiente projetado for gerado dessa maneira, provavelmente será agradável a um, mas desagradável aos outros. Uma residência com família de quatro integrantes possui quatro clientes e todos devem ser ouvidos. Logo, a presença destes em reuniões de decisão do projeto - pelo menos em uma - deverá ocorrer. Algumas pessoas rejeitam levar a família completa por simplesmente não acharem necessário, mas é adequado insistir, pois as consequências no futuro poderão ser desagradáveis.

Qualquer tema que envolva o homem com suas variações comportamentais é delicado e requer estudos minuciosos de todas as variantes universais, como o estudo psicológico, o sociológico e evolutivo, bem como as particulares, como as influências genéticas e a diferenciação de personalidades: ambos devem confluir para o conhecimento das peculiaridades subjetivas do cliente e, por conseguinte, para soluções que potencializem a formação do lar. É complexo estabelecer uma norma para essa relação, pois cada cliente possui conteúdos atípicos a oferecer. Portanto, fórmulas inflexíveis possivelmente serão frustradas, já que não há uma abordagem que seja correta, absoluta em todos os casos. No entanto, o conhecimento da psicologia poderá ser utilizado como um direcionamento que sustentará a troca de estímulo entre arquitetos e clientes, reduzindo situações de desentendimentos e possibilitando que o arquiteto tenha uma visão superior tanto no controle das situações, na segurança para as induções e, sobretudo, no conhecimento acerca da personalidade e desejos ocultos dos clientes.

2.3 Fundamentos básicos da leitura visual e reação humana ao espaço projetado

Os fundamentos básicos a serem percorridos neste trabalho estão correlacionados com informações teóricas preliminares a qualquer projeto de

arquitetura. Estas conceituações serão a base elementar para que se componha um ambiente visualmente e sensitivamente harmônico através do estudo sobre o funcionamento físico do homem considerando suas variações, que alteram na maneira de ver e viver o espaço. Contudo, a compreensão acerca do que é harmônico necessita de alguns conceitos basais, como unidade, espaço e forma, bem como conceitos voltados ao sistema de percepção humana e os elementos fundamentais na leitura visual.

1 Unidade: É um elemento mínimo. Normalmente são percebidas por meio de composições que constroem formas e provocam sensações. Em um todo, a unidade pode ser caracterizada como linhas, pontos, cores, sombras, volumes, texturas, planos, ou seja, elementos básicos de formação da imagem. Conforme Nogueira (2011, p. 4), “[...] devem-se eleger critérios para as principais unidades a serem levadas em consideração, sempre lembrando que estas devem ser suficientes para realizar a leitura do objeto.”;

2 Forma: As formas são geradas a partir da composição de unidades. Basicamente, podem ser classificados como:

- a) Retilíneas: São populares, porém não encontradas na natureza. Se em excesso, podem passar a sensação de monotonia e “sufoco”, mas, se bem utilizadas, podem passar equilíbrio e sensatez. Usos comuns: paredes, esquadrias, móveis.
- b) Angular: Representa ação. Mas se utilizada em demasia, transmite agitação inadequada. Usos comuns: teto + paredes, quadros dispostos de maneiras inusitadas, prateleiras.
- c) Curva: A ideia principal é a sequência, a movimentação. O cuidado na sua utilização é essencial já que seu excesso poderá gerar um estado de monotonia e desarmonia. Uso comum: escadas, móveis, janelas, elementos decorativos, estampas, etc.

3 Espaço: Segundo Bueno (1965) “Espaço – subst. Masc. Extensão em que se move o universo. Distância que vai de um corpo a outro”.

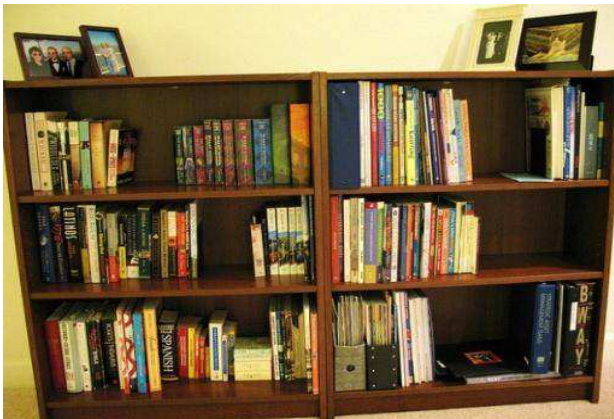
O espaço, na arquitetura de interiores, é aquele que pode ser habitável, delimitado entre as paredes, o piso e o teto. É o elemento basal, essencial na arquitetura, sendo a partir dele a produção de um ambiente. Além do espaço físico, das formas que o compõe, deve-se lembrar do espaço imaterial, aquele construído

pelo dia a dia, pela adequação do perfil, dos valores e costumes do proprietário à sua residência.

2.3.1 Composição dos elementos: leis da Gestalt

Gestalt é uma palavra de origem germânica que significa *forma* ou *figura*⁶. As leis da Gestalt são fundamentos da psicologia voltados para a organização perceptual das formas absorvida através da interpretação visual do cérebro. Esta teoria é decorrente da Áustria e Alemanha, iniciada a partir do século XX. A bandeira teórica das leis *gestaltianas* conflui para a ideia de que um ambiente, visto como uma imagem total, não é fruto de várias partes elementares, mas sim um novo resultado de sincronia dessas partes; logo o todo se sobressai das partes (Foto 1 e 2). Em síntese: “[...] ‘A+B’ não é simplesmente ‘(A+B)’, mas sim um terceiro elemento ‘C’, que possui características próprias” (LUCK, 2007, p. 89).

Foto 1 - Estante vista como um todo



Fonte: CANHA. **O que é Gestalt**. 2012. Disponível em: <www.design.blog.br/design-grafico/o-que-e-gestalt-2>. Acesso em: 22 jun. 2013.

Foto 2 - Estante vista na sua forma básica: apenas montantes



Fonte: Canha (2012).

⁶ Disponível em: <design.blog.br/design-grafico/o-que-e-gestalt-2>. Acesso em: 4 maio 2013.

As leis da *Gestalt* foram elaboradas para responderem a complexidade que é a visualização da forma e a sua interpretação pelo cérebro; este, por vez, para que *leia* uma imagem, agrupa itens de mesmas propriedades. Segundo Nogueira (2011), as seis leis são:

Lei da Unificação: Mesmo que unidades mínimas desconexas estejam dispostas juntamente com vazios ou com formas de outras cores, o cérebro tende a visualizar as estruturas diminutas formando o todo. As unidades podem ser identificadas, mas o resultado final da aglutinação salientará mais à visão do que as imagens isoladas (Figura 2).

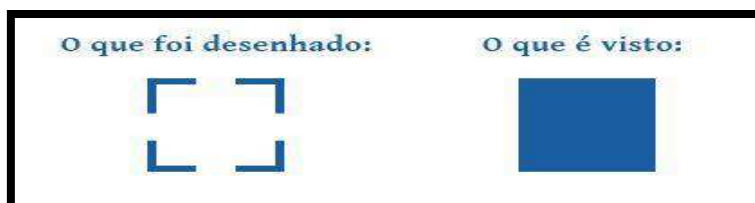
Figura 2 - Símbolo da marca de bebida *Johnnie Walker* e da organização não-governamental *World Wildlife Fund for Nature (WWF)*



Fonte: Canha (2012).

Lei do Fechamento ou da Clausura: Uma ordem definida, com locação continuada, estabelece unidade visual, por conseguinte uma forma prévia (Figura 3).

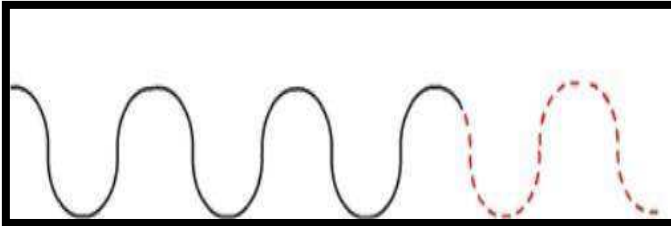
Figura 3 - Formação visual de um quadrado através de formas que o induz



Fonte: Canha (2012).

Lei da Continuidade: Quando elementos estão dispostos em um caráter retilíneo ou curvo, o cérebro tem a tendência de traçar um caminho, um movimento (Figura 4).

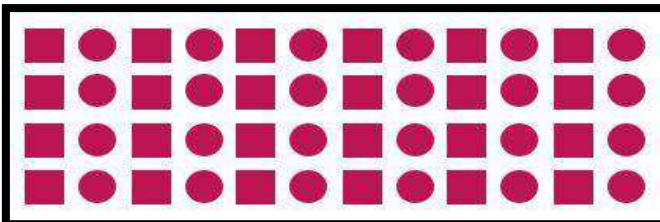
Figura 4 - Formas tracejadas em sequência induzem a percepção de um caminho



Fonte: SCHIAVENIN, Cris. Fundamentação e Leis de Gestalt. **Choco Design**, 2011. Disponível em: <www.chocoladesign.com/fundamentacao-e-leis-da-gestalt>. Acesso em: 22 jun. 2013.

Lei da Semelhança: Itens análogos entre si possuem convergência de atração e produção de uma unidade (Figura 5).

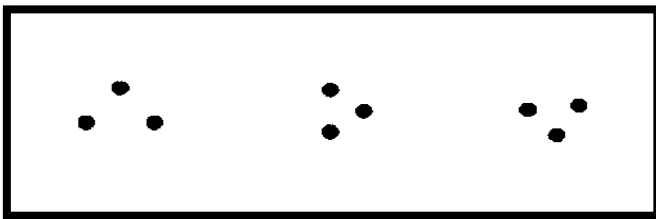
Figura 5 - Linhas de quadrados e círculos vistas, primeiramente, como colunas de quadrados e círculos



Fonte: Canha (2012).

Lei de Proximidade: Quantos mais próximos os elementos básicos estiverem um do outro, mais facilmente serão vistos como uma forma única (Figura 6).

Figura 6 - Três pontos próximos visualizados como triângulo



Fonte: Schiavenin (2011).

Lei da Pregnância da Forma: A palavra *pregnância* provém do termo alemão *pragnanz*, que tem o significado de *boa forma* ou *boa figura*⁷. Condiz com a atração de elementos através de suas características mais simples, ou seja, quanto mais básica uma forma é, mais será assimilada de maneira simples, fácil (Figura 7).

Figura 7 - Forma simples sendo primeiramente visualizada em lugar da complexa

⁷ Disponível em: <www.artigos.psicologado.com/abordagens/humanismo/exemplificacoes-sobre-as-leis-da-gestalt>. Acesso em: 5 maio 2013.



Fonte: Canha (2012).

2.3.2 Sensações provocadas pelas composições

Após o estudo da percepção das formas pelo cérebro, é imperativo analisar quais são os produtos sensitivos gerados por meio do arranjo destas formas; sendo os itens de valia a harmonia, o contraste e o equilíbrio.

- **Equilíbrio:** Antes de definir “equilíbrio”, é necessário caracterizar “peso visual”. De acordo com a arquiteta e autora Mirian Gurgel, “peso visual é o impacto psicológico causado por um elemento” (GURGEL, 2002, P. 30). Logo, o equilíbrio é o produto final de capacidade neutra gerada a partir das relações dos artefatos com seus determinados pesos visuais. É importante lembrar que em um equilíbrio qualquer alteração do estado de pausa poderá gerar um movimento, logo, um desequilíbrio. O equilíbrio pode ser classificado das seguintes maneiras:

- a) Equilíbrio simétrico: Solução de estrutura correta, formal e serena, encontrada quando um lado de um elemento é exatamente igual ao outro. Uso comum: Este artifício pode ser utilizado quando se busca reter a atenção visual para um ponto de destaque, central à simetria. Também é comumente utilizado em ambientes formais e clássicos;
- b) Equilíbrio assimétrico: Transmite dinamismo, informalidade e espontaneidade. Como citado no conceito de equilíbrio, os pesos estão neutros; no caso do equilíbrio assimétrico, as formas são diferentes, mas ainda mantem-se o equilíbrio. Esta classificação sugere movimento e requer um pouco mais da criatividade e conhecimentos de quem a utiliza. Uso comum: Ambientes contemporâneos e/ou informais;
- c) Equilíbrio radial: Equilíbrio gerado por formas que saem de um ponto e se expandem de maneira circular. Possuem dois tipos: estáticas (como um quadro circular, ou um mosaico de azulejos) ou volumétricas (escada helicoidal). Uso comum: em ambientes informais e divertidos, como brinquedotecas, sala de jogos e quartos infantis.

- **Desequilíbrio:** Tudo parece instável, acidentalmente locado e em estado de movimento iminente. O desequilíbrio pode ser utilizado – com muita cautela – para chamar a atenção do visualizador para um determinado ponto. Seu uso pode ser comumente visto em ambientes contemporâneos, sendo constante em *halls* de entrada, quartos infantis e escritórios despojados;
- **Harmonia:** O caráter de um projeto para residências depende de quem utilizará o espaço, no entanto, a harmonia deve estar presente em qualquer solução almejada – certamente, eliminando-se as exceções nas quais o cliente, mesmo após explicações por parte do profissional, exige um ambiente com caracteres que provocam desarmonia. A harmonia corresponde à regularidade visual da forma, transpassando uma imagem de ordem.
- **Desarmonia:** Pode ser causada por desproporção, desordem, confusão de composições; contudo é importante manter a harmonia entre seus vários centros de interesse. De acordo com Gurgel (2002, P. 32), “o projeto não deve parecer uma junção de elementos unidos ao acaso, que competem entre si. Deve ser um todo, um conjunto de formas, cores, texturas, etc., que se relacionam e interagem”.

2.3.3 O processo perceptivo

O homem, na interpretação de um ambiente, capta as informações por meio do sistema cognitivo, ou seja, pelos sentidos (visão, tato, paladar, audição e olfato). No caso da visão, esta fenomenologia ocorre da seguinte maneira: os raios luminosos presentes no campo visual incidem sobre a íris, atravessando-a e encontrando-se com a retina que, por vez, direcionará o estímulo para o cérebro através do nervo óptico (NOGUEIRA, 2011). Segundo Nogueira (2011, p. 9), “[...] presume-se que o processamento sensorial se inicia quando matéria ou energia atingem um conjunto especializado de neurônios sensoriais que traduzem essas entradas em potenciais de ação.”, ou seja, para que o homem busque sentir, se sinta motivado para despertar sensações, existem estímulos interiores reservados pelo cérebro para tal ato. “Sensação é a resposta específica a um estímulo sensorial particular, enquanto percepção é o conjunto de mecanismos de codificação e de coordenação das diferentes sensações elementares, visando um significado.” (FIALHO, 2001 apud NOGUEIRA, 2011, p. 10).

Por vez, a percepção qualquer estímulo sensorial. Além disso, ela aglutina a individualidade do ser traduzida em sua experiência de vida, somatório de conhecimentos e personalidade. Por exemplo, um papel de parede que representa uma forma tridimensional através de uma imagem bidimensional, mas imitando a textura rugosa do elemento natural, poderá ser indiferente para alguém que já conhece o efeito e sua textura; no entanto, uma pessoa que nunca presenciou algo do tipo, provavelmente será atraída para tocar e descobrir a veracidade e textura do revestimento.

Tal diferença pode decorrer, por exemplo, de profissões que exigem um trabalho prévio de aguçamento da percepção no reconhecimento das formas e identificação das partes (MANCUSO, 2011): um arquiteto, designer ou artista plástico terá mais facilidade em reconhecer de longe que aquele papel de parede possui texturas (Foto 3, 4 e 5) e apenas imita uma forma tridimensional no plano bidimensional, utilizando exclusivamente a visão; enquanto um leigo usará da visão e do tato para reconhecer o material de revestimento.

Foto 3 - Ambiente revestido por papel de parede que imita a forma e textura de tijolos



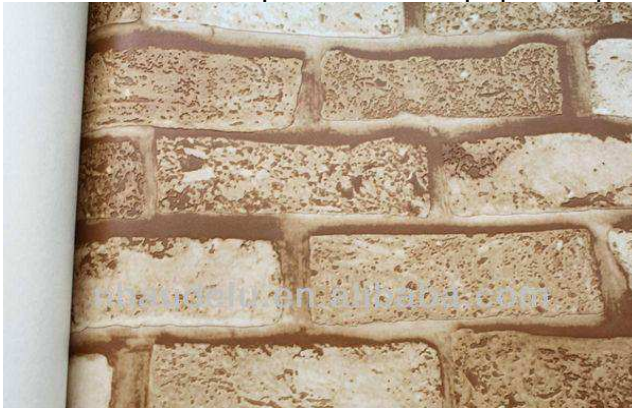
Fonte: OLIVEIRA, Lila. Paredes bem vestidas: revestimento modernos viram destaque na decoração. **Portal IG**, 2011. Disponível em: <www.delas.ig.com.br/casa/arquitetura/paredes-bem-vestidas/n1596995258303>. Acesso em: 30 jun. 2013.

Foto 4 - Coluna revestida por papel de parede com imagem de tijolinhos aparentes



Fonte: GONÇALVES, Ariadne. Apartamento pequeno alugado com boas ideias de decoração. **Blog Ariadne Gonçalves**. Disponível em: <www.ariadne.rbvnews.com.br/news/3014-apartamento-pequeno-alugado-com-boas-ideias-de-decoracao>. Acesso em: 30 jun. 2013.

Foto 5 - Detalhe aproximado do papel de parede



Fonte: Disponível em: <www.portuguese.alibaba.com/product-gs/brick-wallpaper-717115716>. Acesso em: 30 jun. 2013.

A percepção nada mais é do que a maneira como os estímulos exteriores são organizados e interpretados. Sua sistemática pode ser resumida da seguinte maneira: o cérebro capta as informações do meio externo através de um estímulo dos canais sensoriais (cognição). Estas iniciativas sensitivas são geradas pelo sistema límbico, responsável pelas sensações. A partir desses estímulos, o cérebro comanda um direcionamento de busca para o sistema motor, gerando movimentos de reconhecimento do objeto. Enquanto os movimentos são gerados, o sistema límbico está preparado para gerar novas sensações a cada resposta do sistema motor. Ao passo que os sentidos são estimulados e a informação é captada, o sistema límbico combina essa novidade com percepções do passado já resguardadas na memória sensorial, para que, em seguida, possa formar a interpretação perceptiva do todo, ou seja, a *Gestalt* (NOGUEIRA, 2011).

O ser humano está rodeado por infinitos estímulos do meio externo. Nunca será possível dar sentido a toda imensidão que o rodeia. Conclui-se, então,

que há um *crivo* que irá ponderar o que esta pessoa irá perceber, pois o estímulo, para que seja realmente percebido, carece de um simbolismo, um significado para chamar a atenção. Essa triagem pode ser, por exemplo, características da personalidade, sua história de vida ou simplesmente a profissão que exerce.

O produto da percepção é a emoção. Pelo prazer ou desprazer dos estímulos captados são geradas emoções, explicando o porquê da identificação e carinho por alguns ambientes ou, simplesmente, por um canto próximo à varanda com uma poltrona e iluminação agradável. Quando uma informação é carregada de significado, de emoção, ela é facilmente gravada na memória, fato que poderá influenciar em outras experiências perceptivas.

2.3.4 A importância do estudo de percepção na Arquitetura de Interiores

Especificamente na Arquitetura de Interiores, o estudo sobre a percepção tem valia no que tange a identificação do objeto pelo ser humano e como o cérebro agrupa e decodifica os estímulos externos, que serão combinados com a experiência de vida individual e perspectivas em determinar esses estímulos, produzindo um significado particular. Para tanto, é imprescindível o conhecimento psicológico da pessoa em questão, o cliente. “A percepção é uma construção, um conjunto de informações selecionadas e estruturadas, em função da experiência anterior, das necessidades e das intenções do organismo implicado ativamente numa determinada situação.” (FIALHO, 2001 apud NOGUEIRA, 2011, p. 11).

Como já mencionado neste trabalho, a vida contemporânea influi cada vez mais na relação física e emocional do homem e o espaço, alterando o seu modo de vivência tanto em meio social, quanto no particular. Um retrato singular que evidencia essas peculiaridades contemporâneas na arquitetura é a redução dos espaços residenciais em um confinamento funcional (RITTER, 2013). Decorrente desse contexto, ao receber um novo projeto, o arquiteto de interiores constantemente se depara com verdadeiros conflitos para organizar tantas funções e seus objetos correspondentes em espaços mínimos – definitivamente, algum item elementar será sacrificado, sendo o mais comum a circulação. Para tanto, o arquiteto deverá buscar soluções que suavizem o desconforto proporcionado pelas dimensões reduzidas, de modo que o ambiente aparente ter extensões satisfatórias.

O estudo da percepção incorporado à Arquitetura de Interiores atua nessas soluções projetuais, pois outros elementos, além dos físicos, podem ser valorizados, como os subjetivos que constroem o ambiente imaterial e influenciam diretamente no que é projetado. É importante destacar que os atributos nem sempre estão inseridos no valor do objeto, na exatidão física do espaço, mas sim, na percepção humana (RITTER, 2013). Um dormitório possui como funções básicas dormir e vestir. Todo o caráter físico do ambiente deverá estar voltado para que essas funções sejam desenvolvidas sem entraves. No entanto, a arquitetura de interiores não é caracterizada apenas por soluções projetuais: o meio que tais soluções estão inseridas irá afetar insistentemente no que foi construído.

Como simulação prática: imagina-se uma sala de estar inserida em um local escuro, quente, com ventilação natural suprimida pelos edifícios presentes na paisagem externa, o interior mal cuidado, limpeza por fazer, tapetes com cheiro de mofo, sapatos espalhados pelo chão, pratos com resto de comida sobre a mesa de centro e sofá com almofadas desorganizadas. Agora, imagina-se essa mesma sala, com os mesmos recursos arquitetônicos, mas inserido em um local onde a ventilação natural é abundante, a vista é voltada para a praia, sendo possível ouvir o barulho do mar, os pássaros, e possa-se sentir o interior com aroma suave e agradável e a limpeza resplandecendo pelos cantos. Cenários completamente diferentes, mas que possuem o mesmo meio físico interior.

Definitivamente, a pessoa se sentirá convidada a vivenciar o ambiente com tranquilidade (geração de emoção) no segundo quadro e a ter maior intimidade com este, valorizando cada elemento construído. Isso ocorre, pois, como já fora elencado, a primeira fonte de conhecimento pelo processo de percepção é a experiência sensorial e esta, por sua vez, gera emoções, marcando a memória. Como devidamente exposto por Clarice Mancuso (2012, p. 66): “Sem dúvida, caro leitor, antes de ser agente transformador do espaço, você precisa ser agente detector de emoções.”

No entanto, ainda há a singularidade do homem a ser acrescentada a essa percepção. Uma pessoa que nunca adentrou nesta sala, levando sua bagagem de vida juntamente com sua personalidade, poderá achar que a ventilação está em excesso, causando desconforto, e que o aroma da casa é desagradável pois a recorda momentos de tristeza. Resultado? O que é objetivo será alterado, perceptivamente, pelo o que é subjetivo. Logo, nem sempre uma atmosfera criada

para uma pessoa, é aprazível para outra. Como Vivian Ritter (2013) recorda o escritor inglês John Berger, “[...] a maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos.”

Portanto, é através da percepção que um indivíduo organiza e interpreta as suas impressões sensoriais para atribuir significado e valor afetivo ao seu meio, fazendo uso desses saberes podemos transformar espaços existentes em espaços preferidos, comportamentos que respondem as pretensões daquele espaço, um espaço projetado que projeta comportamentos. (RITTER, 2013).

Mas como alinhar todos os sentidos se alguns, como o olfato, a audição e o paladar, trespassam do encargo da arquitetura? O paladar é intangível pela arquitetura, mas a audição poderá ser aguçada por meio da valorização do meio externo, principalmente se este for natural, ou da locação de plantas que, ao bater do vento, produzam o som das folhas em movimento umas com as outras. No olfato, coifas ou depuradores devidamente instalados na cozinha para que os odores indesejados, como os provenientes de frituras, não invadam toda a residência e contaminem roupas de cama ou o vestuário exposto. Outra solução que valoriza o ambiente através da incitação do olfato são as varandas, pátios ou sacadas com plantas em jarros com terra ou pequenos canteiros que, na chuva, tragam o cheiro de terra molhada; para tantos, um retorno à infância o qual produz sentimentos de tranquilidade.

São pequenas soluções as quais podem parecer banais para algumas pessoas, mas possuem seu valor - muita das vezes não apreendidos - ainda mais quando o foco é um projeto de interiores residencial de caráter holístico.

2.4 Gerenciamento do negócio: a aplicação da gestão de qualidade

“A globalização da economia colocou a competitividade e a qualidade na ordem do dia. As idéias relacionadas à qualidade transcendem os limites das empresas industriais e permeiam atualmente quase todas as atividades humanas. Vive-se hoje a eminência de uma terceira onda de qualidade. A primeira surgiu ligada ainda ao modelo taylorista-fordista de produção e consumo em massa. O foco era no controle do produto final e o nome usual controle de qualidade. A segunda onda surgiu no Japão após a Segunda Grande Guerra, associada aos sistemas de produção flexíveis. O foco deslocou-se para o processo e a otimização global do sistema produtivo.” (WOOD JUNIOR, 1993, p. 32, apud LIMA, 2009, p. 33).

O advento da globalização permitiu a disseminação da informação em velocidade surpreendente. Com um *click* a população tem acesso a tudo o que

acontece pelo mundo, sem ao menos sair de casa. Quanto mais informações acumuladas, maior é a capacidade de cobranças: nunca se viu um mercado consumidor tão atuante e exigente. Assim sendo, as empresas atuais buscam corresponder à altura para que seus clientes saiam integralmente satisfeitos, gerando continuamente verdadeiras batalhas entre concorrências exemplificadas nos jogos de *marketing*. Na arquitetura de interiores para áreas residenciais, esse contexto não é diferente, por sinal, as expectativas e cobranças são do tamanho do sonho da casa perfeita.

Independente do que será adquirido, o cliente busca por qualidade. No limite de seu orçamento, anseia não só pela supressão das necessidades, mas conforto, reconhecimento social e satisfação em todos os sentidos. Contudo, ele não quer apenas um produto bom. Ele quer se sentir valorizado, almeja que seu problema seja solucionado e dado a devida importância, quer que suas expectativas sejam superadas. É comum pessoas desistirem de certo produto que já tinha planejado comprar por ter sentido desorganização na empresa e ter sido mal atendido. Para que o produto final seja de qualidade em todos os aspectos é imprescindível uma gestão no processo de fabricação do produto, na qualidade do produto em si e na venda, somada à organização e motivação de todas as equipes que envolvam essas etapas, de modo que a empresa tenha lucro e gere satisfação aos clientes - que poderão ser consumidores outra vez.

Antes de entender o que é Gestão de Qualidade, é necessário expor o significado do termo *gestão*. Gestão pode ser considerada como um conjunto de ações coordenadas de cunho administrativo que visam o estudo de qualquer risco, independente dos procedimentos em questão, por meio de mecanismos preventivos⁸. Segundo a NBR ISO 9000/2005, a gestão de qualidade é um “[...] sistema de gestão para dirigir e controlar uma organização no que diz respeito à qualidade.” (GÓIAS, [20--?]). Essa estratégia competitiva, na qual se busca qualidade do produto e do serviço, possui dois objetivos, a conquista do mercado e a redução de custos (LIMA, 2009).

Para se conquistar mercados as empresas precisam atender requisitos dos clientes e para reduzir desperdícios demanda grande esforço de gestão para racionalizar e padronizar trabalhos visando à melhoria dos resultados em todas as etapas do processo de realização do produto. (CARPINETTI; MIGUEL; GEROLAMO, 2007, apud LIMA, 2009, p. 37).

⁸ Disponível em: <www.cmqv.org/website/artigo.asp?cod=1461&idi=1&id=4467>. Acesso em: 4 maio 2013.

Mas como esses procedimentos se adaptam à arquitetura de interiores? Primeiramente, é necessário saber o que se é vendido. Para o cliente, e futuro usuário, o arquiteto entrega o projeto e atividades de suporte ao projeto, como controle de obras e visita às lojas. São entregues, fisicamente, projetos, documentos e memoriais descritivos; ambos de natureza informativa, antecedidas por concepções criativas, intelectuais e administrativas. Portanto, ainda que a concepção de projeto objetive um produto final, no caso a ambientação da residência, é de encargo do arquiteto de interiores ofertar as concepções e direcionamentos que conduzam à produção desse objeto. Por isso, vende-se processo com previsão de produto, mas o derradeiro não é objeto de venda do arquiteto, mas sim da equipe construtora. Ramos (1992 apud LIMA, 2009, p. 25) discorre que as cinco principais características de um serviço são:

1. Intangibilidade: o comprador normalmente não tem possibilidade de avaliar a qualidade do serviço antes da aquisição e não elabora especificações formais para este;
2. Perecibilidade: serviços não podem ser estocados;
3. Heterogeneidade: há uma apreciável variabilidade dos resultados ('saídas') de um serviço;
4. Simultaneidade: a produção e o consumo do serviço dão-se ao mesmo tempo;
5. Relação cliente-fornecedor: o contato costuma ser pessoal e direto, com grande volume de transações e circulação de papéis.

O sistema de gestão de qualidade pode ser certificado pelo conjunto de normas brasileiro, a ISO-9000. Para obtenção dessa certificação, todos os processos deverão ser documentados e os procedimentos executivos cumpridos segundo as diretrizes desses documentos. Deste modo, para que o órgão comprove se a empresa está seguindo todos os procedimentos documentados, são solicitadas auditorias que fiscalizarão essas operações (LIMA, 2009).

No entanto, o termo "gestão de qualidade" não necessariamente estará sempre conexo à certificação. Um escritório de arquitetura de interiores pode ter um conjunto de práticas sustentadas pelo acúmulo de experiência no mercado associado às diretrizes teóricas de administração, de modo a gerar uma organização cronológica das etapas do processo de produção projetual e conseguinte satisfação do cliente, tanto quanto ao cumprimento de prazos como na qualidade do projeto (grau de informações contidas neste, por exemplo), ambicionando a distinção e destaque do escritório no mercado de arquitetura de interiores.

Desde o primeiro contato com o cliente, uma organização prévia de qualidade deve ser utilizada como ferramenta de conquista, afinal, para muitos a primeira imagem é a que permanece. O cliente deve se sentir à vontade, pois anseia para a solução e valorização do seu problema como ele o valoriza; busca por conforto, por sentir-se seguro de entregar algo importante às mãos de outra pessoa.

Primeiramente, o arquiteto pode organizar as reuniões (tanto no programa de necessidades, como na apresentação de desenvolvimento do projeto) para que tudo induza à sensação de controle da situação por meio do cliente. Este, deve se sentir importante e ferramenta crucial em todas as etapas do projeto de sua futura residência – na verdade, ele o é, mas nem sempre é considerado como tal. Este controle poderá advir da ação participativa do cliente, por exemplo, ao interagir com o projeto tridimensional, fazer observações ou exemplificar propostas por meio de desenhos.

Ricardo Botelho é formado em Comunicação Social com especialização em Relações Públicas e Jornalismo e, há vinte anos, fundou a empresa *Ricardo Botelho Marketing* especializada nos segmentos da Arquitetura, Decoração e Construção⁹. O consultor paulista defende que, para a elaboração do programa de necessidades, todos os integrantes da família estejam presentes, bem como pessoas de estima que possivelmente intervirão no projeto com opiniões particulares: segundo ele, são os chamados *fantasmas*¹⁰. Sua experiência em consultoria nos escritórios de arquitetura de interiores brasileiros corrobora que esses *fantasmas* podem prejudicar o desenvolvimento do projeto e a satisfação do cliente, que tantas vezes, mesmo após o aceite do anteprojeto, retorna ao escritório solicitando modificações inesperadas. Além disso, propõe a aplicação de questionários individuais com perguntas diversas e seguinte indução de um debate grupal para a convergência de visões. “O questionário evita que uma pessoa domine a reunião, o que pode resultar em leitura equivocada e, o pior, desconforto de pessoas igualmente importantes.” (BOTELHO, [20--?]a).

Transpondo a etapa das primeiras reuniões, nas quais a proposta orçamentária foi aceita e o programa de necessidades formulado, inicia-se a etapa de execução do projeto. De acordo com o conjunto de práticas para gerenciamento

⁹ Disponível em:<www.ricardobotelho.com.br/quem_ricardo.asp>. Acesso em: 15 jun. 2013.

¹⁰ Disponível em:<www.adforum.com.br/conteudo_detalhe-busca-fantasmas-que-assombram-a-relacao-com-o-cliente,10,694>. Acesso em: 15 jun. 2013.

de projetos formulado pelo *Project Management Institute*, o *Project Management Body of Knowledge*, mais conhecido como PMBOK, conceitua projeto como “[...] empreendimento temporário, planejado, executado e controlado, com o objetivo de criar um produto ou serviço único” (MELO, 2009). Portanto, o procedimento de produção do projeto deverá ser controlado e possuir um ciclo de vida com limitação cronológica.

É importante ressaltar que o gerenciamento da Arquitetura através de processos eficientes não acarreta na falta de flexibilidade conceitual dos arquitetos. A liberdade formal é assegurada, porque o gerenciamento está incidindo sobre a produção da Arquitetura e não sobre o produto da Arquitetura. (LIMA, 2009, p. 44).

Sabe-se que preestabelecer tempo para um processo criativo e intelectual, de modo que realmente se cumpra com o que fora determinado, é algo complexo, requer experiência de trabalho, autoconhecimento e autocontrole do projetista. A complexidade está voltada, sobretudo, para os imprevistos e particularidades expostas por cada cliente; às vezes, este retorna ao escritório com modificações novas, ou resolve viajar de última instância, atrapalhando o desenvolvimento do projeto. Mas, independente dos contratemplos, a organização é imprescindível.

Ainda que seja difícil mensurar o tempo de execução total do projeto, incluindo reuniões e definições de materiais, esta atitude é necessária para que o profissional tenha noção de como está o desenvolvimento do trabalho e busque, sempre, alcançar a meta proposta; afinal, um dos maiores desafios do arquiteto é cumprir com os prazos considerados no contrato. O cronograma deve contar com cada etapa do projeto, incluindo as reuniões com o cliente e as visitas em campo, sendo que cada etapa deverá receber uma previsão de início e término para melhor gestão do processo.

Com a evolução desse projeto, todas as etapas devem estar especificadas no nome do documento eletrônico, juntamente com a ordem do projeto em relação a outros projetos, o nome do documento propriamente dito e a etapa da revisão, para que se elimine a possibilidade de uso de cópias não atualizadas e futuros erros na obra. Por exemplo:

Figura 8 - Tipologia de nomenclatura para documentos eletrônicos de projeto



Fonte: Elaborada pela autora.

Ademais, todas as atividades do processo de elaboração do projeto devem ser analisadas e geridas. Segundo Lima (2009), as três principais etapas são: qualidade da solução proposta, qualidade na representação gráfica e controle na qualidade do processo do projeto.

Nas soluções propostas, alguns fatores devem ser considerados. Soluções de arquitetura de interiores deverão proporcionar qualidade de vida e serem duráveis, sem que o cliente seja obrigado a gastar, constantemente, com a manutenção do espaço por falta de percepção do arquiteto ao especificar um material inadequado, por exemplo. Outras soluções voltam-se para propostas criativas, intelectuais e funcionais, ambas no intermédio do orçamento definido. Para finalizar, todo o projeto deverá ser uma receita; onde estejam contidas representações gráficas correspondentes ao “modo de preparo”, sendo estes direcionamentos elaborados na visão de quem interpretará o projeto, não na do arquiteto.

O projeto ideal deve ser global e compreendido por todos os profissionais que o utilizarão. A representação gráfica poderá estar documentada com a organização do modo de exposição do projeto, como adequar informações à parte, tipologia das legendas, simbologias, espessura das linhas, biblioteca de mobiliários e objetos em gerais, entre outros tópicos. Todos os projetos devem ser catalogados por número de cadastro ou nome do cliente tanto eletronicamente, quanto fisicamente, para que se tenha um rápido acesso a todas as informações.

A qualidade no processo do projeto, então, deve conter algumas etapas (LIMA, 2009). Sendo elas:

1. Formulação de documento que organize todas as informações do cliente, desde o programa de necessidades, aos materiais existentes e os a serem adquiridos. Pendências, como o andamento da obra ou indecisão quanto à escolha dos materiais, também devem ser consideradas;
2. Cronograma do projeto associado às etapas do projeto;
3. Tabela de desenvolvimento na qual se possa atualizar o andamento das etapas do projeto, incluindo o que falta e o que já fora feito;
4. Controle da nomenclatura dos documentos eletrônicos, sempre atualizados com a tabela de andamento do projeto.

Para Gray & Al-Bizri (2004), o processo do projeto é um processo da transformação da informação na ação. Para que o sistema de informações funcione adequadamente, é importante que a empresa estabeleça critérios para geração e controle e registro de informações. A perfeita gestão das informações, tanto físicas quanto eletrônicas ou verbais, são de fundamental importância para o desempenho das empresas de projeto. (LIMA, 2009, p. 79).

Além do funcionamento administrativo do escritório, a relação com o cliente também deverá ser criteriosamente controlada. Se o prazo de entrega do projeto foi excedido, é adequado o arquiteto ligar imediatamente para o cliente cedendo satisfações e propondo uma nova data; se o projeto estiver em obra e o arquiteto precisar viajar, que o cliente esteja ciente. Como já apontado, o cliente anseia por se sentir valorizado e seguro, mesmo ciente dos imprevistos desagradáveis que poderão ocorrer.

Contudo, Ricardo Botelho elucida a necessidade de medidas profiláticas. Se houver atraso de decisões por parte do cliente, o arquiteto deverá registrar todas as situações, “[...] assim, futuramente, ele não vai alegar essa condição como motivo de insatisfação provocado por você.” (BOTELHO, [20--?]c), explana o consultor. Quanto às alterações do projeto sugeridas pelo cliente, todas deverão ser documentadas e assinadas pelo mesmo. Finalmente, quando um cliente propõe um fornecedor novo, fora do conhecimento do arquiteto, Ricardo Botelho sugere que o arquiteto deverá aceitar a sugestão, mas avaliando o potencial desse fornecedor por meio de um *Check List de Avaliação de Fornecedor*, afinal, nunca é demais mostrar a capacidade de organização e preocupação com a qualidade de todos os fatores que envolvam o projeto.

Atualmente, a principal publicidade do arquiteto ainda é a indicação. Além da qualidade do projeto, o cliente tem que ser bem atendido a cada ligação e a cada reunião. Se o projeto finalizar, bem como a obra, o arquiteto poderá presentear a casa com flores, objeto de decoração, livros, assim deixará uma marca nesse local e será lembrado, quem sabe, até em uma possível reforma. Outro ponto importante é o parecer do cliente quanto à qualidade do serviço prestado. Questionários de satisfação são importantes, mesmo que algumas pessoas o ignorem, outras podem discorrer sobre os pontos positivos e negativos do serviço, *feedback*¹¹ crucial para o amadurecimento de qualquer empresa.

E por que não visitar o cliente após um tempo de convivência no ambiente projetado? Agora, incide a qualidade do processo como produto. Nesta etapa, o arquiteto saberá se realmente o seu serviço teve sucesso, se gerou felicidade e bons tempos de convivência entre a família. Portanto, manter o contato é essencial. *E-mails* desejando um bom Ano Novo, Natal, Páscoa e aniversário, com direito a cartões ou pequenos presentes, poderão ser considerados e os gastos previstos como investimento do escritório. Um dia, poderão novamente gerar frutos.

A arquitetura de interiores vem tomando espaço no mercado construtivo. A concorrência está cada vez mais imponente. Em cada etapa do processo do projeto, no modo de relacionamento profissional e na gerencia administrativa do escritório (planejamentos de expansão no mercado e controle financeiro, por exemplo) é fundamental suscitar um contexto de satisfação dos clientes, desde o cliente usuário, aos fornecedores e equipe de obra. Esse é um dos grandes trunfos para a evidência no mercado.

2.5 Desenvolvimento criativo

“De nada adianta conhecermos toda uma teoria se na base nos faltar criatividade.” (MANCUSO, 2012, p. 197).

Muitos guardam a crença de que a criatividade é dom nato de uma pessoa, caractere *de berço*. Mas isto não é bem verdade. Existem atividades que sensibilizam a criatividade, como exercícios de percepção, a experiência na área, bem como a sede por mais informações. Segundo Mancuso, a criatividade pode ser definida como “[...] a capacidade de gerar idéias surpreendentes, relevantes e úteis.

¹¹ “Palavra em inglês que no português significa retorno, resposta, crítica, análise crítica.” (MARCELO, 2008).

Profissionais criativos possuem habilidades ditas cognitivas, fluência de ideias, originalidade e atenção aos detalhes [...]” (MANCUSO, 2011, p. 33).

O arquiteto, além de possuir ou não uma característica nata, deve ser observador por carreira. A observação instiga a criatividade e, para quem cobiça aguçar este lado observador, é necessário o trabalho da percepção em todos os locais por onde transita; afinal, tudo é arquitetura. Ao entrar em uma loja, cada detalhe deve ser observado: inicialmente, a imagem do espaço como um todo, em seguida, cada forma que constrói esse todo.

A curiosidade induz ao acúmulo de informações no cérebro. Se nesta loja possuir painéis de iluminação, móveis com recortes atípicos, pisos diferentes, forro em gesso com detalhes novos, tudo deverá ser observado, refletindo-se desde como todas as soluções foram montadas até como poderão ser aproveitadas em outros ambientes. Se for um exercício forçado, de início essa observação demandará tempo; com a prática, será automático. Como a maioria das práticas da vida, a motivação fomenta o início de uma ação e o hábito, a continuação. Exercitar a criatividade será sempre necessário, mesmo àqueles que já possuem experiência de profissão. A inovação a cada projeto, tanto será bom para o cliente, como para o trabalho pessoal de motivação criativa.

Uma atitude recorrente no âmbito da arquitetura é o abandono do papel em prol da máquina. Programas de execução de projeto em duas dimensões ou três dimensões possuem suas limitações que também restringem o desenvolvimento criativo, principalmente os de representação bidimensional, como o programa Auto Cad. Para tantos, é uma atitude corriqueira e prática, mas seria como ignorar a etapa do processo criativo e forçar o início do executivo. Os programas são essenciais, mas a criação no papel, com suas formas livres, não deve ser banalizada. No papel não se deposita apenas os formatos de um ambiente, mas os conceitos a serem utilizados para que, em seguida, as ideias sejam concretizadas sem as amarras provindas de uma máquina.

2.6 Uso do conceito no projeto de interiores

Conceito no projeto arquitetônico pode ser compreendido como ideias que nortearão o desenvolvimento do projeto produzindo um caráter de identidade ao espaço. A arquitetura de interiores – como qualquer outra área, especialmente que envolva o desenvolvimento criativo – possui premissas singulares, como um

programa de necessidades a ser atendido, a cultura na qual a família e a habitação se inserem, as limitantes providas do orçamento e do desenvolvimento prático da ideia. Tais premissas são representadas por meio de desenhos que servirão como intermédio entre a criação e a capacidade de execução (MACIEL, 2003).

A idéia de um conceito que participe como elemento indutor do processo de projeto é de modo recorrente compreendida como algo externo a essas premissas, uma ficção, analogia, metáfora ou discurso filosófico que, servindo como ponto de partida, daria relevância ao projeto e milagrosamente articularia todos os condicionantes em uma forma significativa. (MACIEL, 2003).

Enfatiza-se que o desenvolvimento conceitual de um projeto transcende uma qualificação estética. O conceito na arquitetura de interiores para espaços residenciais deve primar pelo bem estar do cliente, pois é o conceito que deve se adaptar ao cliente, não o cliente se adaptar ao conceito. Este movimento forçado pode soar óbvio, mas está longe de ser incomum.

O conceito pode ser utilizado como artefato para identificação simbólica das soluções projetuais. Quando bem empregados, constroem possibilidades únicas adaptadas às características do cliente. Em concepções práticas, um conceito pode ser uma cor, uma forma, um objeto de valia sentimental do cliente, uma textura, uma qualidade ou um conjunto de particularidades ambicionadas para a morada (conforto, segurança, comunicação com natureza, limpeza, leveza, etc.), enfim, diversas inspirações que caracterizarão o espaço. Jenny Gibbs (2009, p. 66) destaca que o uso do conceito é valioso, sobretudo se a fonte de inspiração não provém de revistas de interiores, induzindo o profissional a expandir a imaginação.

Essas fontes de inspirações devem ser adaptadas ao estilo do cliente¹², fortificando ainda mais o conceito. Segundo Nogueira (2011, p. 30), estilo “[...] é o conjunto de tendências, gostos, modos de comportamento dos indivíduos ou grupos. É a manifestação visual de uma sociedade no que se refere ao momento histórico [...]”.

Os estilos possuem analogia entre o tempo e o espaço, dotados de características marcantes. Esses podem ser modernos, rústicos, clássicos, orientais, minimalista, românticos, tropicais, provençais, entre tantas opções, muitas expostas pelo mercado consumidor, mas poucas que realmente demarcam uma época. O estudo de estilo em sua essência requer pesquisas aprofundadas quanto à evolução da arte e da arquitetura ao longo dos anos. Adaptando à realidade atual, podem ser

¹² O estilo do cliente deve ser observado na etapa do *briefing* que será estudada mais adiante.

retiradas características que simbolizam um estilo e moldadas à personalidade do cliente. Lembrando que um estilo não pode ser utilizado como absoluto, como solução em todas as etapas projetuais ou acima da vivência da morada, mas sim como um direcionamento, pois a determinação de um estilo em todos os elementos do projeto poderá gerar enfado ao longo do convívio e funcionar como barreira na relação espaço e homem.

O conceito nunca poderá ser utilizado como a essência do projeto. Ele é um artefato que intermediará a concepção criativa com a exequibilidade do projeto, sendo gerado a partir de valores como as aspirações do cliente, suas características, o que lhe traz bem estar, estilo, cultura limitações de espaço e orçamento, sempre visando à singularidade das soluções. Um conceito é consequência, nunca causa.

2.7 Tipologias residenciais

As tipologias residenciais na vida contemporânea podem ser compreendidas como um conjunto resultante da evolução e expansão urbana que apresenta, principalmente, os seguintes exemplares: apartamentos, casas, casas conjugadas e *lofts*. Estas tipologias estão correlacionadas com o programa de necessidades e influenciam diretamente nas soluções projetuais, pois possuem limitantes que deverão ser obedecidos.

Os apartamentos são econômicos, práticos e mais seguros que as outras soluções residenciais. Além do mais, economizam terreno em época de tamanho adensamento populacional. Porém, ele apresenta alguns limitantes. Nem todas as paredes podem ser demolidas, pois dependem do tipo de sistema estrutural utilizado na construção do edifício, necessita de consulta prévia com a construtora e, preferencialmente, que as modificações sejam realizadas antes do início da obra; muitas construtoras ou administradoras de condomínios não permitem alterações bruscas na varanda, que podem ser desde a alteração de revestimentos, até pintura do teto ou cortina de vidro, pois, segundo os mesmos, podem alterar na composição da fachada; os apartamentos possuem privacidade reduzida, carecendo de elementos que ofereçam privacidade; os pontos hidráulicos normalmente devem ser mantidos, especialmente se a obra já estiver finalizada; os *halls* dos elevadores nem sempre podem sofrer intervenções, pois também dependem do acordo com o vizinho, ou com a administradora do condomínio. São diversas as normas que

regem os condomínios multifamiliares, o ideal é que o arquiteto tome conhecimentos de todas essas limitantes antes de iniciar o projeto.

A casa é uma das tipologias mais privativa e ainda muito escolhida por grandes famílias que costumam receber visitas de familiares ou amigos. É flexível quanto às intervenções em nível de demolição de paredes, alteração de pontos de esgoto ou água, fachada, cobertura, esquadrias, entre outros fatores. Todas as soluções devem prever a praticidade, pois casas comumente exigem maiores gastos, tanto na manutenção, como nos custos energéticos.

Muitas famílias, na busca pela praticidade e, principalmente, segurança, recorrem às casas geminadas em condomínios fechados. Casas geminadas, ou conjugadas, dividem o mesmo muro lateral e/ou posterior. Do mesmo modo dos apartamentos, possuem limitações, no entanto em menores quantidades ou intensidades, variando de acordo com a padronização da fachada das casas ou das normas impostas pela empresa administradora do condomínio. Não oferecem privacidade e costumam possuir a acústica prejudicada.

Os *lofts* tradicionais possuem pé direito alto; salas, dormitório, cozinha acoplados, sem divisórias internas, sendo o banheiro o único compartimento reservado; piso em concreto ou madeira; não possuem forros, logo as tubulações são aparentes; grandes janelas permitem a boa iluminação do interior; colunas e vigas são aparentes. No Brasil, a tipologia dos *lofts* foi adaptada do conceito inicial; na verdade, são apartamentos inspirados em algum item dos *lofts* e vendidos a altos preços. Por exemplo, a presença do pé direito alto ou a inexistência de paredes entre dois ambientes, como a cozinha e a sala, com o dormitório e banheiro isolados no mezanino. Essa tipologia é alvo de jovens solteiros ou casais que ainda não possuem filhos, ambos aspirando à praticidade. As soluções propostas devem primar pela harmonia de todos os ambientes, pois estes são interligados e a continuação um do outro¹³.

A diversidade de tipologias poderá igualmente influenciar no projeto de reformas, pois cada uma possui fatores que limitam o desenvolvimento de soluções, como alterações de paredes, tubulações *hidrossanitárias*, troca de revestimentos existentes, bem como no horário de trabalho da equipe de obra e controle do entulho

¹³ Disponível em: <www.assimeugosto.com/2010/04/29/o-que-e-um-loft/>. Acesso em: 1 jul. 2013.

– que será de responsabilidade do arquiteto se este for contratado para administração da obra.

3 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O desenvolvimento do projeto compreenderá principalmente concepções arquitetônicas, mas que, por todo o seu processo, deverá receber conteúdos que transcendem o conhecimento técnico, alguns, já estudados neste trabalho.

Este capítulo ambiciona expor não apenas a elaboração do projeto em si, mas também o modo que todo o processo em uma visão geral prática de relacionamento com o cliente, elencando conteúdos desde as reuniões prévias ao projeto, até às últimas etapas do projeto executivo. Ao longo desses tópicos, serão elencados fatores importantes para que a concepção dos serviços prestados tenha qualidade e alcance os objetivos almejados, lembrando-se que esse conteúdo não é absoluto e pode ser absorvido e adaptado perante a logística de cada escritório ou profissional.

3.1 Reuniões prévias ao desenvolvimento do projeto

O cliente é o marco de um projeto. Por razão dele que o espaço projetado existe e é a partir de suas aspirações e sistemática de funcionamento com a família que o espaço deverá ser moldado e transformado em ambientes que representem a personalidade de cada um, sendo ainda funcionais e agradáveis. Portanto, para garantir ambientes adequados aos clientes, é preciso entendê-lo e absorvê-lo em sua real essência. Muitas vezes os clientes não expõem sua personalidade por completo, ou não externam o que realmente querem, mas sim o que será bem aceito pelo meio social que se insere.

Nesse sentido, as reuniões com o cliente aqui descritas irão tratar não somente dos pontos que envolvem a relação contratado e contratante, mas também todas as ferramentas que irão nutrir esta troca de estímulos e facilitarão a captação de informações por meio do profissional. A primeira reunião corresponde ao início do processo de venda, portanto é necessário o conhecimento sobre o tema e como deve ocorrer a sistemática comunicativa entre arquiteto e cliente; a segunda reunião abrange a etapa de proposta de projeto e orçamento; finalizando com a terceira que será após o aceite da proposta exposta na segunda reunião, composta pelo *briefing*.

3.1.1 Primeira reunião

O cliente conhece o escritório ou arquiteto por meio de referências de outros clientes, pelo fato de ter visto e admirado algum trabalho do profissional, ou

por simplesmente já conhecê-lo através de amigos ou familiares. Neste primeiro contato, ainda é incerto se o negócio será fechado, entretanto o ideal é ouvir tudo o que o cliente tem a falar, mesmo que muitos excedam o que é realmente necessário nessa etapa. Portanto, poderá ser uma conversa que, inicialmente, se ouça tudo o que o cliente possui para externar, seguindo para a comunicação de venda com a apresentação do trabalho (certamente, variando de caso a caso) de modo que o cliente esteja ciente de como o arquiteto normalmente procede e o que poderá ser adaptado ao caso, para que seja formatada a proposta de projeto e contrato, ou um estudo preliminar, de acordo com as elucidações da primeira reunião.

Abaixo, seguem os principais focos na primeira reunião com o cliente: a comunicação – a qual deverá ser utilizada no decorrer de toda a relação com o cliente – e como vender um serviço.

3.1.1.1 Comunicação

“Para uma boa comunicação, qualquer que seja o ramo, precisamos conhecer o destinatário, usar meios de transmissão apropriados, saber suscitar interesse, informar exhaustivamente e avaliar cada momento a reação do destinatário.” (MANCUSO, 2011, p. 56).

Existem diversos veículos de comunicação. Podem ser palavras, gestos ou desenhos. A arquitetura emprega a expressão gráfica, o desenho, como símbolo de comunicação. Este é complementado com palavras e gestos. Porém, deve-se saber primeiro quem é o destinatário para que, em seguida, se adaptem os veículos. O cliente, por exemplo, muitas das vezes possui dificuldades de entender o desenho técnico e suas simbologias, tantas específicas da área de arquitetura e incompreensíveis a leigos. Mas é importante frisar que o sucesso de um projeto está correlacionado com a adequabilidade dos fatores de comunicação. Para o cliente, uma maquete tridimensional é mais convincente e passível de ser apreendida do que vistas e detalhes construtivos. Ademais, existem gestos que ajudam na compreensão do espaço, como as distâncias entre as mãos ou o auxílio de uma trena para mostrar larguras de circulações, por exemplo.

O sistema de comunicação é formado pelo emitente (quem comunica), os sinais de comunicação, o destinatário (quem deverá receber os sinais) e o canal de comunicação (o veículo utilizado). O canal é o caminho da mensagem. Este caminho corresponde com os cinco sentidos do homem: audição, visão, olfato, paladar e tato.

Para a comunicação na arquitetura de interiores são utilizados basicamente três canais: o *sinestésico* (tato), o visual e o canal auditivo.

Segundo Clarice Mancuso (2012), algumas pessoas se identificam com um determinado canal sensitivo e, conseqüentemente, apreendem facilmente informações provenientes deste tipo de canal. Esta tese afirma que existem pessoas visuais, táteis ou auditivas. A fim de descobrir quais dos veículos devem receber maior enfoque na conversa com o cliente – mesmo que todos sejam essenciais – para chamar sua atenção e promover a compreensão, é necessário, antes de tudo, percebê-lo. Uma maneira simples é conhecendo sua profissão, fator influente na concepção do espaço da residência, visto que alguns hábitos são reflexos da profissão.

Em geral, os clientes ligados a profissões de exatas, engenheiros, economistas e administradores, possuem uma maior compreensão do espaço. Já os ligados a humanas, médicos, psicólogos e advogados precisam ver a realidade para senti-la. Para estes sugiro acrescentar informação ao desenho de planta, pois se corre o risco de não ser compreendido, ou seja, nosso destinatário não possui conhecimento comum de sinais. (MANCUSO, 2011, p. 57).

Ao se comunicar, principalmente no primeiro encontro, o profissional deverá observar e controlar sua postura, pois esta perpassa aceitação ou negação. Quando o cliente estiver falando, o corpo deverá estar ligeiramente inclinado para frente de modo que demonstre o interesse no que diz. O corpo para trás perpassa prepotência, desinteresse e cria um obstáculo na comunicação. A expressão facial também deverá ser controlada, pois muitas das vezes se reage a um comentário imperceptivelmente e erroneamente, sem qualquer palavra, apenas pela expressão da face. Expressões negativas podem assustar o cliente, expressões contentes e de aceitação imprimem alegria e induz à afinidade, ao bem estar e conforto do cliente.

Elogios não são feitos à toa. Estes, além de agradar o cliente e valorizá-lo, chamam atenção ao assunto e aguçam o desejo sobre este. Perguntas também funcionam como atrativos de atenção. O cliente deverá ter total liberdade na conversa; liberdade tal que poderá ser dominada pelo arquiteto. Esta *falsa liberdade* corresponde ao controle que o profissional deverá ter com o desenvolvimento da conversa, de maneira que alguns comentários convictos perpassem segurança e visão de futuro, ou seja, induzam ao acordo do contrato (MANCUSO, 2011).

Um arquiteto poderá ser dotado de grandes conhecimentos arquitetônicos, mas, se não souber se comunicar e se expressar, possivelmente

esses conhecimentos não serão reconhecidos e não terão valia. Nesta sistemática comunicativa, o profissional precisa inicialmente saber com quem se comunica, pois com o cliente deverá ser um bom receptor e, com os fornecedores e equipe de obra, um bom emissor; no entanto, independente da tipologia comunicativa, sempre deverá estar atento aos estímulos, de modo que possa corresponder a estes de maneira apropriada.

3.1.1.2 Como vender um serviço?

Vender o intangível, algo não avaliado no instante da compra, o que é uma visualização prévia do que um dia será concretizado, gerando incertezas e ansiedade quanto à legitimidade dessa concretização, é um desafio aos arquitetos. Segundo Ricardo Botelho ([20--?]d), consultor de *marketing*, na venda de um serviço o que se compra é a pessoa que prestará o serviço, portanto o desenvolvimento da venda é “[...] determinante para a criação dessa primeira impressão que vai permear a relação com o Cliente e constituir uma aura de credibilidade em torno do profissional, condição relevante para que o que você vende deixe de ser tão intangível.” Mas como dar a certeza da qualidade dos serviços ao cliente? Como convencê-lo? Apenas por meio do diálogo, ouvindo-o e respondendo às suas dúvidas, ou mostrando seus trabalhos já realizados, bem como o perfil da empresa/profissional?

Podem existir diversas formas de processo de venda dos serviços prestados por um arquiteto. Neste trabalho serão expostas duas formas, com enfoque em uma: a que se realiza um Estudo Preliminar sem compromissos, mostrando realmente o que o arquiteto tem a oferecer, e a que o trabalho só será iniciado após o acordo do contrato.

No primeiro formato de trabalho, o cliente entra em contato com a primeira etapa do projeto, o Estudo Preliminar, sem ter estreitado as relações por meio do contrato. Muitos arquitetos, ao escolherem essa tipologia, defendem que o cliente necessita estar ciente da capacidade do profissional, não se baseado apenas pelas referências de terceiros, afinal, precisa conhecer o que está comprando e a qualidade do projeto. Esta forma de trabalho evita situações nas quais surpresas desagradáveis, como o descontentamento frente ao que é ofertado, ocorram e coloque a relação arquiteto e cliente em um estado criterioso.

E se o cliente não concordar com as soluções e exigir seu dinheiro de volta? A apresentação de um Estudo Preliminar, com *layout*, elevações, perspectivas tridimensionais, composto por soluções gerais necessárias para apresentar a qualidade do profissional e o seu modo de trabalho evitaria futuros atritos, pois o cliente já entraria em contato com o que, de maneira resumida, será a relação profissional, com direito de concordar e discordar do que é oferecido.

A outra tipologia de trabalho é utilizada por profissionais que relacionam a exposição prévia do trabalho, sem compromissos e os devidos honorários em dia, como uma desvalorização do trabalho, pois, ainda que seja um Estudo Preliminar resumido, este demandará tempo, atenção e dedicação quanto ao *briefing* e a concretização do programa de necessidades. Esta forma de trabalho garante o início do projeto apenas após o processo de venda, a apresentação do contrato formado pelos serviços a serem ofertados com os valores que deverão ser acordados por ambas as partes. Se o cliente não gostar do primeiro Estudo Preliminar apresentado, este deverá ser moldado com uma boa sistemática de comunicação de modo que os próximos estudos alcancem a satisfação do cliente. No presente trabalho, o enfoque estará nessa logística de venda, por ser a mais utilizada pelos arquitetos de interiores¹⁴.

No início do primeiro contato com o cliente, como já mencionado, o essencial é ouvir. Atentar para o que o cliente possui para externar, valorizando suas objeções e ainda mencionando tudo o que envolva seu projeto (proposta de projeto, orçamento, horário das reuniões, a escolha dos fornecedores, visitas às lojas ou obras) destacando que este é passível de adaptações de acordo com a necessidade solicitadas – claro, com as devidas limitações –, é fundamental para que este se sinta especial, único. Botelho sugere um exercício de autoconhecimento, no qual o próprio arquiteto se perguntaria *Você acreditaria? Você está se sentindo seguro e compraria os serviços oferecidos?* Esse processo primeiramente dará segurança ao arquiteto para que esta, por vez, possa alcançar o cliente.

Por conseguinte, pode-se falar do funcionamento do escritório, expor um modelo de proposta de contrato, o que ele normalmente possui e o que poderia ser adaptado, os serviços que poderão ser prestados, os que serão terceirizados, a equipe de obra que costuma trabalhar, enfim, tudo o que o cliente precisa saber.

¹⁴ Segundo pesquisas em escritórios de Arquitetura de Interiores realizadas neste trabalho, nas quais foram externados os procedimentos basais destes.

Essas informações poderão ser organizadas em apresentação no computador de modo a captar a atenção do cliente e mostrar, na prática, o funcionamento de certos itens.

Alguns arquitetos expõem seu portfólio para encantar de início. No entanto, é essencial a cautela quanto à organização desse portfólio. Comumente, são apresentados ambientes finalizados por fotos ou imagens de maquetes eletrônicas de outros trabalhos. Ricardo Botelho defende que um portfólio com conteúdo do produto final é quase uma abnegação do próprio arquiteto quanto à sua função pelo fato de mostrar apenas o valor estético do trabalho, não o que realmente é vendido, ou seja, a essência do projeto organizado nas etapas desde o Estudo Preliminar, do Anteprojeto, do Projeto Executivo, até as atividades complementares. Podem ser expostas todas as plantas das etapas de execução do projeto, o grau de informações contidas, como o cliente receberá esse projeto em mãos, como será o planejamento e gerenciamento da obra. Nem sempre é o que emociona o cliente de imediato, mas terminantemente é o que ele precisa saber. Ricardo Botelho ([20--?])d), em um artigo para o site *AD Fórum*, ainda recomenda as seguintes atitudes práticas que aumentarão a confiança do cliente:

Leve o Cliente para visitar uma obra em andamento. Mostre detalhes desse projeto e como está sendo executado. Promova um encontro desse potencial Cliente com aquele que já é seu Cliente efetivamente, ali na obra. Apresente, também, uma lista de Clientes para que ele possa ligar e conversar para saber mais sobre o seu trabalho. Quanto mais tangível o seu Serviço for para o Cliente melhor você poderá ser remunerado.

Na venda dos serviços, o arquiteto deve oferecer suporte o suficiente para convencer o cliente da qualidade e da efetividade do seu trabalho, para que este tenha ciência do que está comprando e compreenda o porquê do valor solicitado.

3.1.2 Segunda reunião

Na segunda reunião, o processo inicial de venda está concluído e com as informações captadas nessa etapa, o arquiteto terá embasamento o suficiente para executar a proposta de projeto e orçamentária. É importante lembrar que, para um contrato devidamente realizado, é imprescindível a visita ao local a receber o projeto, especialmente se o cliente não possuir Planta Baixa para oferecer, ou se o caso tratar de uma reforma.

3.1.2.1 Proposta de projeto, orçamento e contrato

A proposta de projeto condiz com tudo o que é referente ao projeto em si, de acordo com os requerimentos do cliente – quais os ambientes que serão trabalhados, o metro quadrado total e de cada ambiente, os projetos complementares (iluminação, pontos elétricos, móveis planejados, etc.) – e os prazos de cada etapa. No orçamento deve ser exposto o valor dos serviços, espaço para identificação de descontos que possivelmente serão negociados na presença do cliente, a forma e datas previstas do pagamento. Cada profissional possui uma maneira de cobrar por trabalho, sendo as mais constantes por metro quadrado, por tipo de ambiente, tempo que será gasto para a execução do projeto ou por percentual de trabalho que o mesmo demandará.

O contrato poderá compatibilizar a proposta de projeto, o orçamento e ainda acrescentar tópicos especificando o funcionamento dos serviços, bem como seus limitantes. Tais limitantes podem corresponder, por exemplo, com os procedimentos para solicitação de visitas ou a quantidade destas que o cliente tem por direito, até qual etapa o projeto poderá ser alterado e o ônus que poderá ocorrer se o cliente solicitar modificações na etapa do Projeto Executivo, entre outros fatores que consolidarão as atitudes do cliente e do arquiteto. Assim sendo, o contrato é uma garantia de direitos e deveres entre cliente e profissional. Os direitos e deveres são de ambas as partes e devem ser acordados na presença das duas figuras (APÊNDICE A).

Clarice Mancuso (2011) apresenta um modelo de proposta e contrato que poderá ser utilizada como base, claramente, passível de adaptações a cada caso particular (ANEXO A).

É apropriado que todas as informações a respeito do projeto sejam apontadas na presença do cliente e explicadas item por item, deixando claro o que está incluso e o que não está. Após aceite da proposta, em uma terceira reunião, a conversa deverá ser mais longa e minuciosa, conferindo-se cada detalhe do que será falado para elaboração do programa de necessidades.

3.2 O projeto de interiores

“A base da arquitetura é o desenho e o pensamento.” (Oscar Niemeyer.)

Para o início efetivo do projeto de interiores, subitem-se que o contrato foi acordado pelo cliente e arquiteto. Este tópico abordará o projeto de interiores

propriamente dito e as principais informações complementares que nortearão esse processo, como a concepção do projeto no *briefing*, o levantamento espacial, as etapas de execução do projeto e suas atividades complementares.

3.2.1 Terceira reunião

Na primeira reunião, o cliente entra pela primeira vez em contato profissional com o arquiteto. O início do projeto, antes do aceite da proposta, ainda é incerto, como já citado, necessitando apenas de uma conversa que deixe o cliente confortável e possam ser vendidos os serviços do profissional. A terceira reunião¹⁵ corresponde ao diálogo após contrato fechado, o *briefing* na formulação do programa de necessidades e concepção do projeto.

Briefing é uma palavra americana que, segundo o dicionário Michaelis (BRIEFING, [200-?]), corresponde em português como “1 instruções resumidas para fins militares. 2 instrução ou informação essencial. 3 informe oficial à imprensa.” No caso específico da arquitetura, é a compilação dos dados da reunião que subsidiarão o programa de necessidades.

O ‘Briefing’ pode ser aplicado em diferentes etapas do projeto. Em um primeiro momento, pode ser usado para a elaboração de orçamentos, análise de riscos e contratos. Porém, torna-se necessário o aprofundamento do trabalho no que se refere a variáveis mercadológicas, definição das tecnologias construtivas empregadas e metodologia de desenvolvimento do projeto. Em um segundo momento, é importante que a equipe de desenvolvimento do projeto estabeleça delimitações e foque os objetivos, criando relações de trabalho. Esta é uma fase em que o projetista deve assumir um papel investigativo e crítico, buscando extrair do cliente, as necessidades, os valores, as informações que podem contribuir para atingir as expectativas de todos os envolvidos e conceber um projeto. (CARVALHO; ANDERY, 2011, p. 499).

Nesta etapa, serão absorvidas as informações necessárias para a organização do programa de necessidades que poderão construir um documento onde serão sistematizadas as necessidades absorvidas em contato com o cliente, ou para um plano de ação estratégico no desenvolvimento total do projeto. Essas informações correspondem tanto com o meio físico relacionado à residência – por exemplo: o que é existente, o que será adquirido, o que pretende demolir, etc. –, como afinidade de cor, formas, e o funcionamento da família.

Existem duas formas de captar informações dos clientes: direta e indiretamente. O modo direto poderá advir da aplicação de perguntas padronizadas

¹⁵ Na verdade, a terceira reunião poderá ser feita no ato da segunda reunião se o cliente fechar contrato no mesmo instante; mas, a nível de metodologia, foi separada neste trabalho para que cada conteúdo seja devidamente exposto.

através de questionários escritos ou falados. Este tipo de *briefing* é prático, rápido e impessoal. Segundo Ricardo Botelho ([20--?]b), perguntas diretas impactam imperceptivelmente o cliente, pois este externará o que imagina que o arquiteto quer ouvir, o que será bem aceito, o que olha nas capas de revistas. O consultor ainda complementa:

Explorar os hábitos das pessoas que vivem na casa também pode induzir a erros, pois a rotina atual nem sempre é a desejada mas apenas suportada. Uma vez transposta para o projeto, aquela idéia que nasceu da resposta do cliente acaba sendo rejeitada por ele, pois de fato não está associada aos valores mais íntimos de sua personalidade ou emoções. A verbalização do desejo era falsa. (BOTELHO, [20--?]d).

Quanto à forma indireta, diversas possibilidades poderão servir de ferramenta, de tal modo que, quando aplicadas, sejam apreendidos os desejos do cliente por atividades ou perguntas que remetam a outros temas, mas que caberão como respostas acerca da personalidade do cliente. Serão citados dois exemplos: um *briefing* dinâmico e o outro com emprego de um questionário.

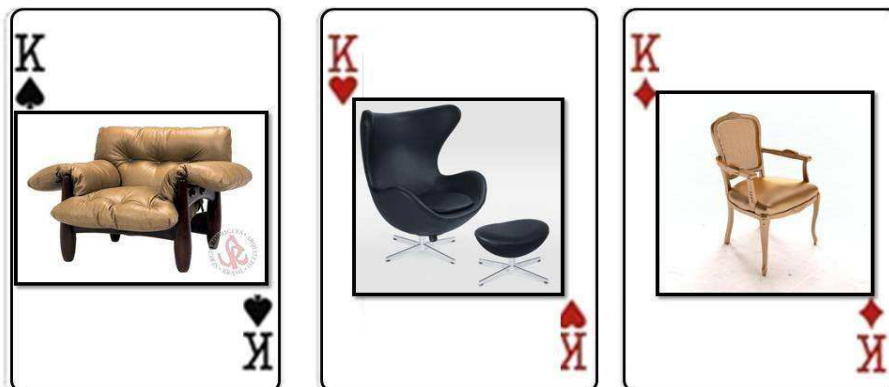
O primeiro exemplo decorre do conhecimento das preferências do cliente por meio de escolhas de imagens que mais se identifica. Estas imagens poderão ser dispostas em apresentação no computador ou como um jogo de baralho, despertando o interesse do cliente (Figura 9 e 10). Podem ser ofertadas três imagens de cada tipologia, as quais abrangeriam temas como o vestuário que mais se identifica, modelo de carro, local para passar as férias, materiais de acabamento que prefere, tipo de filmes ou livros, etc. Os tipos de imagens poderiam ter estilos diferentes que auxiliarão no conhecimento das preferências do cliente tanto pessoalmente, não relacionado com o projeto para a residência, como na formulação do conceito do projeto. Essa identificação também poderá caber na estratégia administrativa do escritório, pois conhecendo o gosto do cliente. Pode-se enviar lembranças no dia do seu aniversário com redução de erros ou e-mails com mensagens de seu interesse.

Figura 9 - Baralho com imagens de três tipos de locais para as férias



Fontes: Adaptada pelo autora, conforme dados disponíveis em: <www.sassyhongkong.com.br> e <www.turismo.ig.com.br; www.osmais.com>. Acesso em: 30 jun. 2013.

Figura 10 - Três tipos diferentes de cadeiras



Fontes: Adaptada pelo autora, conforme dados disponíveis em: <www.fernandaguizi.blogspot.com.br>, <www.vitrinedecormoveis.blogspot.com> e <www.espacosdesigncriação.com>. Acesso em: 30 jun. 2013.

A primeira imagem aponta o baralho com destinos para as férias, sendo estes: *Hong Kong*, local com arranha céus contemporâneos, movimentado e iluminado por grandes letreiros de publicidade, um bom destino para quem gosta de compras; o segundo, *Praga*, com belas construções antigas e muitos museus; por último, uma das praias do Caribe, recanto de descanso e beleza ímpar ofertada pela natureza. A escolha dessas opções indicará se o cliente é cosmopolita e adepto à agitação das grandes cidades, se tem afeição pelo passado e conhecimento de história ou prefere belas praias para descansar. O segundo, responderá sobre o estilo do cliente. A primeira opção é rústica e perpassa conforto, a segunda modernidade e a terceira antiguidade.

No entanto, o ideal seria que o cliente escolhesse suas opções não respondendo direto para o arquiteto, mas em um papel reservadamente ou

guardando as imagens, em seguida entregando para o responsável; pois poderá ocorrer a mesma consequência da pergunta direta e o cliente escolher as imagens esperando agradar o arquiteto.

A outra opção de *briefing* indireto advém da formulação de um questionário que retome à infância, de autoria do Ricardo Botelho. Segundo ele:

[...] se você quer ter uma pista concreta ao projetar uma casa, comece pedindo ao cliente que pense na sua infância (é fundamental regredir a esse tempo - nossas maiores emoções estão associados ao período da infância) e peça a ele que defina o que significa lar. Ao compreender as emoções associadas ao lar, você estará mais próximo de conceber o ambiente ideal e chegar mais perto do coração do Cliente (e aprovar mais rápido o projeto). (BOTELHO, [20--?]b).

Para concretização do exemplo, o consultor sugere que as respostas sejam por escrito, deste modo, o cliente pode se concentrar melhor e não ter que dar respostas diretamente ao arquiteto, provavelmente algum item seria mascarado ou suprimido. As questões sucederiam dos principais ambientes e suas atividades, sendo cozinhar, dormir, tomar banho. O foco não seria o desejo do cliente para o ambiente, mas como quer desenvolver essas atividades; assim, valoriza-se o subjetivo, a emoção. “Adicionalmente, levante definições de beleza, felicidade, amor [...] que são fatores influenciadores de todo o comportamento das pessoas, [...] pois essas emoções estão no seu inconsciente individual (o que realmente interessa!).” (BOTELHO, [20--?]d). Ele exemplifica como seriam as respostas na prática:

Banho: o momento de sua intimidade e liberdade. Naqueles momentos no banheiro, que se tornam mais e mais longos, eu curto o meu isolamento do trabalho e das tarefas da casa. Sozinha sem as crianças ali no banheiro eu passo momentos que me revigoram.

Estar na sala: quando criança minha mãe não deixava a gente circular livremente pela sala. Aquele era um local proibido, mais parecia um cenário, sem vida. E quando a gente estava lá era tudo muito formal, tinha que se comportar como adultos. Era muito chato.

Refeição: Me lembro bem de como era legal estar com toda a família na cozinha. Ali nos reuníamos com toda a liberdade. Mamãe preparava a comida e papai ajudava, e a gente estava sempre brincando. Era mesma uma diversão.

Beleza: Para mim, ser bela é ser reconhecida e admirada pelo meu marido e meus filhos. Me sinto maravilhosamente bonita quando isso acontece.” (BOTELHO, [20--?]b).

O fato é que todos esses tipos de *briefing*, sendo direto ou indireto, se complementam e podem ser usados simultaneamente. O questionário com perguntas diretas poderiam estar voltadas para informações condizentes com a estrutura física do ambiente, o que o cliente possui e quer manter e dados técnicos pessoais; o método indireto por meio de dinâmicas estaria voltado para revelar o

gosto do cliente, estilo, particularidades; por fim, o indireto por palavras chaves que remetam à infância serviriam de base para adequação ao que o cliente concebe inconscientemente como lar.

A arquiteta gaúcha Clarice Mancuso (2012, p. 63) discorre como os fatores de elaboração do programa de necessidades:

Na globalização do processo, juntamos as informações recebidas, já filtradas, e, com a reciclagem necessária, devolvemos ao cliente nossa idéia para concepção, alertando-o quanto a dificuldades que possam vir a surgir em função das relações espaço x necessidades práticas x necessidades subjetivas. Montamos, aí, o chamado 'programa de necessidades', peça fundamental para o lançamento inicial da idéia.

Com as informações recolhidas no *briefing*, a seguinte etapa corresponde à organização das informações e concretização do programa de necessidades que poderá ser formado variavelmente, acordado com a sistemática de cada escritório. Neste trabalho, o programa de necessidades será mencionado como um documento com as informações necessárias para a concepção do projeto, segundo as carências dos clientes.

Mancuso (2011) apresenta alguns tópicos imprescindíveis no programa de necessidades. O primeiro questionamento se refere a qual(is) ambiente(s) vai(vão) ser trabalhado(s). Em seguida, o grau de relação entre as pessoas que vivem na residência e parentesco, porte das mesmas, quais os hobbies, atividades e esportes desenvolvidos, cores prediletas, estilo de vida de cada um, assim como a faixa etária. Outra questão importante é em relação ao que deve ser mantido no(s) ambiente(s) e o que ainda será adquirido (ANEXO B).

É imperativo citar que o questionário exposto pela autora poderá ser apenas um parâmetro e adaptado de profissional à profissional. Alguns itens ainda podem ser acrescidos, como:

- a) A profissão dos moradores:** a profissão é uma escolha individual e diz muito das características da pessoa. Por exemplo, um médico costuma – frisa-se bem – ser prático, ágil e se sente melhor em ambientes limpos e contemporâneos. Já um artista plástico costuma gostar mais do informal, de itens que mostram seus artistas preferidos e cores em tons marcantes;
- b) A existência ou não de animais de estimação:** muitas famílias possuem cachorros, gatos ou passarinhos em casas ou apartamentos. Tantos são tratados até como integrantes da família. Se o animal costuma dormir no quarto do casal, um “cantinho” poderia ser adaptado para ele; se costuma

fazer suas necessidades em diversos locais, sem um fixo, o uso de tapetes torna-se vulnerável; se são pássaros, local ventilado e iluminado naturalmente para a gaiola poderá ser previsto;

- c) Como os participantes da família se integram entre eles e com o meio social:** este item pode estar incluso em um dos itens mencionados pela Clarice Mancuso, mas, especificamente, busca uma resposta detalhada quanto às relações existentes no âmbito residencial. No que tange a relação interna da família, busca-se saber, por exemplo, se esses possuem horários em comum, se alimentam juntos e se utilizam mais da mesa de jantar ou de bancadas na cozinha. Na integração social, com parentes ou amigos, se estes costumam visitar a casa, com que frequência e quais os ambientes que normalmente são recebidos.

Em seguida, após a sinopse das necessidades gerais da família, é essencial a dissecação individual de cada ambiente, ordenando o que já existe e será mantido, o que será adquirido e quais as observações e preferências para cada ambiente, como também as preferências por cores, texturas e formas (MANCUSO, 2011). Esta elucidação organiza as informações do programa de necessidades de acordo com as particularidades conferidas pelos ambientes, facilitando o desenvolvimento do projeto.

Por seguinte, a próxima fase corresponde com a visita *in loco* para medições onde será o projeto e a visualização do ambiente.

3.2.2 Levantamento espacial

Antes do início do projeto, onde as concepções serão organizadas em representações gráficas, é necessário o levantamento de medidas do local que este se destina, mesmo que já se tenha a Planta Baixa cedida pelas construtoras, pois raras vezes a planta condiz com a realidade e, para a Arquitetura de Interiores, cada centímetro é crucial. Abaixo, segue uma ordem básica de um levantamento de modo que este tenha sucesso e não acarrete erros futuros na etapa da obra.

- a)** Antes de chegar ao local, deverá ser certificado que o ambiente já está totalmente liberado para o levantamento, tanto na autorização do cliente e conseguinte disponibilização da chave do local, quanto da estrutura física do espaço, no andamento da obra. Mesmo que o cliente esteja com pressa e

insista no projeto onde a obra esteja inacabada, sem revestimentos ou pontos elétricos instalados, o profissional deve alertá-lo do perigo e convencê-lo a aguardar o término da obra. Levantamento em obra inacabada é facilmente suscetível a erros;

- b)** Em seguida, deve-se organizar as ferramentas necessárias para o levantamento. Sendo estas: prancheta com papel em branco, lapiseira com borracha, canetas para observações de destaque, trena manual e trena eletrônica para grandes distâncias e pés direito, máquina fotográfica ou celular com câmera, botas e capacete se o local ainda estiver com obras externas e, para maior comodidade, uma bolsa ou sacola resistente para guardar e transportar todos os materiais. Se já tiver a planta oficial em mãos, levá-la no ponto de serem anotadas as dimensões, até mesmo organizando-as por ambiente e em maior escala, ou por plantas, como Planta de Dimensões Gerais, Planta de Pontos elétricos, Planta de *Split*, etc.;
- c)** Além das medidas físicas, é necessário observar o ambiente. Se o cliente estiver presente, primeiro se deve conversar com ele para, em seguida, fazer o levantamento, assim ele pode ficar à vontade para desenvolver suas ocupações. Com calma, é importante ver quais são as janelas que possuem boas vistas, e quais recebem maior insolação. Segundo Gurgel (2002), é igualmente aconselhável ir em horário de maior insolação para que haja um estudo adequado do conforto ambiental. Se for reforma, todas as atividades no ambiente a receber o projeto devem ser observadas e anotadas, além dos objetos já existentes e o modo de viver de cada habitante;
- d)** Se não houver preparo prévio das pranchas com a planta do local, o levantamento deve ser iniciado através de desenhos manuais em planta baixa dos ambientes, para, em seguida, serem feitos detalhes específicos e vistas. Oscila entre profissionais se os desenhos da casa completa serão feitos primeiramente para que depois se inicie a medição, ou de ambiente por ambiente, desenhando e medindo um por um;
- e)** Recomenda-se, em seguida, levantar as dimensões gerais, como medidas totais de um ambiente, com o seu pé direito, acompanhado por itens constantes nas construções, como janelas, portas, pilares e vigas. Mesmo que, por exemplo, as bancadas ou os rodapés sejam substituídos, é

apropriado medi-los, pois se houver alguma mudança de planos¹⁶ não será necessário o retorno ao local para levantar essas medidas;

- f) Nem sempre as paredes estão alinhadas a 90º, principalmente em residências antigas. Situações com paredes fora do esquadro são comuns e, tantas vezes, imperceptíveis aos olhos humanos, ainda mais se estes não forem *bem treinados*. Existem algumas possibilidades de saber se a parede está no ângulo correto ou não. Se a intenção é apenas ter ciência se está fora de esquadro, pode-se olhar através da instalação do piso, reparando onde ele começa, para em seguida levantar a medida da placa em um canto da parede e a da placa onde a parede se encerra. Nem sempre essa ferramenta funciona, pois podem haver inconformidades referentes à mão de obra de assentamento do piso. Para uma medição correta, Gurgel (2002) cita o uso da geometria básica através da formação de um triângulo. Ela orienta: “[...] escolha uma parede e marque 80 cm a partir do canto; na outra parede, sempre a partir do canto, marque 60 cm. Meça a distância entre os pontos marcados e, se o resultado por 100 cm, a parede tem ângulo reto.” (GURGEL, 2002, p. 103-104) Contudo, a melhor forma para medir a angulação das paredes é a medição das diagonais do ambiente. Esta informação é necessária para, principalmente, a instalação de bancadas de pedra, bem como de móveis como guarda roupas, até mesmo para encontrar uma solução que disfarce os desalinhamentos;
- g) Em seguida, são localizados os pontos elétricos, de luz, drenos para *splits* (se existentes), quadros de disjuntores, pontos de gás e de água. São essenciais tanto as distâncias horizontais, quanto verticais, ambos a partir do eixo central da peça, além da identificação dos circuitos elétricos e os tipos de caixas (4” x 2” ou 4” x 4”);
- h) No caso dos elementos existentes, como piso, janelas, portas, pinturas, é aconselhável fazer um esquema com todas as características dos materiais, dimensões, modelos, estado de conservação, manifestações patológicas¹⁷, etc. (GURGEL, 2002);

¹⁶ (fato trivial, pois o cliente, ao longo da obra, passa a tomar dimensões dos gastos efetuados e aqueles a serem realizados, o que antes não era tão valorizado pois é normal a empolgação inicial do projeto, vendando-o das questões reais e práticas)

¹⁷ “Na construção civil pode-se atribuir patologia aos estudos dos danos ocorridos em edificações. Essas patologias podem se manifestar de diversos tipos, tais como: trincas, fissuras, infiltrações e

- i) Por último, deve ser realizado o levantamento fotográfico de todos os ambientes, incluindo detalhes como os materiais existentes, bem como sua conversação.

3.2.3 Etapas do projeto

“Projetar requer pesquisa, empenho, dedicação e criatividade.” (GURGEL, 2002, p. 123).

Para um bom desenvolver do projeto é importante conhecer a linguagem da arquitetura, de modo que o mesmo seja compreendido por todos que possuirão acesso a este. A representação gráfica no projeto de arquitetura é constituída pelo desenho bidimensional (plantas, fachadas, vistas) e o desenho tridimensional (perspectivas e maquetes, computadorizadas ou não), lembrando que se o projeto não possuir um conceito sólido, a representação gráfica é completamente vaga e destituída de essência (GURGEL, 2002). A NBR 6492, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) (1994) é a norma que rege a representação gráfica da arquitetura expondo os determinantes necessários para a boa compreensão do projeto. Nesta são apontadas os tipos de representações, o que contém cada tipologia, as etapas do projeto com o que poderá ser entregue e anexos formados por normas de representação gráfica, voltadas para a simbologia do desenho.

O desenho é a linguagem predominante do arquiteto. Uma pessoa que não possui eloquência, bom aparato linguístico e conhecimentos de português provavelmente não será bem interpretado na fala, tampouco na escrita. Uma pessoa que conversa com vocabulário de adulto com uma criança de cinco anos, possivelmente não será compreendida. Deste mesmo modo acontece com a linguagem gráfica.

O arquiteto fala por desenhos, esses são as suas palavras; portanto, para *falar* sem dar brechas a duplo entendimento, ou não entendimentos, nem falar frases incompletas, deve estudar muito bem sua língua e, como citado, saber para quem falará. O cliente possui um conhecimento determinado, logo um tipo de linguagem; já o executor da obra, juntamente à sua equipe, possui outra completamente diferente, logo cada fase do projeto (Estudo Preliminar, Anteprojeto, Projeto Executivo, por exemplo) possui tipos de representações gráficas diferentes as quais devem ser concebidas não como o profissional responsável pelo projeto

danos por umidade excessiva na estrutura. Por ser encontrada em diversos aspectos, recebe o nome de **manifestações patológicas**”. (PATOLOGIAS..., 2011, grifo da autora).

interpretaria, mas como o usuário do projeto entenderia. Sob esta ótica, as representações podem ser:

a) Representações bidimensionais

1. Planta Baixa: Vista superior resultante de um corte realizado por um plano cortante paralelo ao chão na altura de 120 cm (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1994). O que for visto deverá ser representado por linhas cheias, sendo que quanto mais longe da visão, mais fino deverá ser o traço. Se o elemento está acima de 120 cm do solo, deverá ser representado em linhas tracejadas.
2. Corte: Desenho vertical gerado a partir de uma divisão em um local, cujo conteúdo em planta não ficou claro ou está suscetível a dúvidas. Pode ser um corte transversal ou longitudinal. Mostra as alturas gerais do local, bem como dos elementos neles existentes.
3. Vista ou Elevações: Representação frontal do ambiente. É a visão bidimensional do que é visto, diferenciando-se do corte por não possuir espessura da parede, piso ou do teto. No entanto, por ser um desenho sem tantas representações construtivas – itens de pequena valia para a Arquitetura de Interiores – dá espaço para maiores detalhes e informações descritas nas linhas de chamadas (linhas que partem de um determinado objeto do desenho, para uma área externa dos limites do ambiente, e possuem a função de demarcar textos específicos que complementam o desenho).
4. Detalhes ou ampliações: Os detalhamentos são realizados em elementos que necessitam atenção especial. São normalmente feitos à parte da área do desenho do ambiente e essenciais em um projeto para transmissão de informações executivas. São ferramentas importantes para evitar erros em obras, sobretudo se forem representados em linguagem universal.

b) Representações tridimensionais

1. Perspectivas ou maquetes eletrônicas: Pode ser resumido como a antecipação visual do que se imagina no espaço projetado (GURGEL, 2002). São essenciais em um projeto tanto para a organização projetual do arquiteto, bem como da visualização e entendimento do cliente.

2. Maquetes físicas ou modelagens: São formas físicas, em menores escalas, nas quais são representadas o volume com ou sem detalhes construtivos e de acabamentos. Atualmente estão sendo substituídas pelas maquetes/perspectivas eletrônicas, mas ainda vistas em *stands* de vendas de imóveis.

Cada profissional possui seu modo de trabalhar lapidado com a experiência na profissão. No entanto, quanto às etapas de projeto, a variação é pouca, pois costumam seguir uma base que conduz em ordem o projeto para o resultado final almejado.

Etapa 1 - Estudo preliminar: No Estudo Preliminar são apresentados pontos em visão macro, como *layout* dos mobiliários, por exemplo. Alguns arquitetos mostram primeiramente apenas o *layout* em planta baixa; outros já apresentam vistas dos ambientes e o que foi projetado para cada uma delas. Quanto às imagens em 3D, estas poderão ser apresentadas logo na primeira reunião com o cliente, para encantá-lo de imediato e facilitar seu entendimento;

Etapa 2 – Anteprojeto: Segundo o IAB/SP ([200-?]), a etapa do Anteprojeto “[...] constitui a configuração final da solução arquitetônica proposta para a obra, considerando todas as exigências contidas no programa de necessidades e o Estudo Preliminar aprovado pelo cliente. Deve receber a aprovação final do cliente.”

No Anteprojeto, com as formas já definidas, poderão ser escolhidos materiais e cores. Para que esse entendimento fique claro, poderão ser agregados aos desenhos imagens com as amostras dos materiais ou, mais apropriados ainda, amostras físicas desses materiais cedidos por representantes das marcas. Outra alternativa é escolher esses materiais de acabamento direto nas lojas, fato que deverá estar combinado com antecedência, no contrato;

Etapa 3 - Projeto executivo: A NBR 13532/1995 refere-se à “Elaboração de projetos de edificações - Arquitetura”. Esta norma estabelece os direcionamentos para a execução do projeto arquitetônico independente do tipo de projeto (residencial, comercial, educacional, etc.) ou do serviço técnico de

acordo com a categoria de intervenção (edificações novas ou edificações existentes), abrangendo tanto ambientes exteriores, como interiores¹⁸.

O projeto executivo é o desenvolvimento detalhado do Anteprojeto aprovado pelo cliente. Segundo a NBR 13532, no Projeto Executivo (adaptando para o caso da Arquitetura de Interiores) os documentos técnicos a serem apresentados são: em desenhos, plantas em geral, cortes (transversais e longitudinais), elevações dos ambientes, detalhes construtivos (os quais podem ser em planta, corte, elevação ou perspectiva); em textos, memorial descritivo dos ambientes, memorial descritivo e quantitativo dos elementos construtivos; em imagens, perspectivas ou fotografias (opcionais); em recurso audiovisuais, microfilmagens (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 1995).

O projeto final poderá ser entregue ao cliente tanto em pastas com furos laterais (para facilitar o manuseio na obra) e em CD para futuras impressões, oscilando de acordo com as tipologias processuais de cada escritório. O ideal é que o responsável pelo projeto discuta todas as atribuições projetuais com a equipe que comandará a obra, bem como os fornecedores para reduzir ainda mais a estimativa de erros.

Segundo a NBR 13532 da ABNT (1995), a etapa do Projeto Executivo possui como subproduto textual o Memorial, que poderá ser:

- a) Memorial Descritivo do ambiente;
- b) Memorial Descritivo dos elementos construtivos;
- c) Memorial Quantitativo dos componentes construtivos e materiais de construção.

O memorial descritivo e quantitativo corresponde com a materialização escrita da parte gráfica do projeto, no qual contém a descrição geral do ambiente, bem como tudo a ser utilizado neste, qual o material, tipo do acabamento, referência do produto, fornecedor e quantidades. Segundo Gurgel (2002, p. 219), “[...] quanto mais informações forem anexadas ao material gráfico e memorial descritivo, melhor será a compreensão, e as expectativas não serão frustradas no momento da execução.”. Essas descrições são previstas ainda na etapa do projeto, passíveis de

¹⁸ Disponível em: <www.grupoge.ufsc.br/publica/material-complementar/nbr-13532-elaboracao-de-projetos-de-edificacoes-arquitetura.pdf>. Acesso em: 4 maio 2013.

sofrerem modificações ao longo das compras ou obras; portanto, devem sempre ser atualizadas e o resultado final entregue ao cliente (APÊNDICE B).

3.2.3.1 Atividades complementares ao projeto

As atividades complementares ao projeto de interiores podem ser compreendidas como o planejamento de obra, com a realização de orçamentos e cronogramas, bem como as visitas técnicas às lojas e obra, visando à garantia de um serviço completo para que o produto final seja executado conforme proposto pelo projeto. Como pode ser visto no *Modelo de Contrato: Proposta de Projeto e Proposta Orçamentária* presente no Apêndice A deste trabalho, as atividades complementares devem ser acertadas previamente, deixando claro que elas, quando a mais do que a cota estipulada, ou quando solicitadas, demandarão custos ao cliente.

O planejamento de uma obra é comumente executado após a finalização da etapa do Projeto Executivo. É neste que se tem noção do tempo que a obra demandará e os custos que acarretarão ao cliente. Igualmente importante é a organização das etapas por conveniência e prioridade, sempre conversando com a equipe que irá executar a obra para que o tempo previsto pelo arquiteto e o previsto pelos executores estejam devidamente alinhados.

Boa parte do cronograma é executada intuitivamente e, quanto maior a experiência com obras, mais fiel e possível será de ser seguido (GURGEL, 2002). Somado a esta dificuldade, existe a de sincronia de todos os profissionais da obra, como gesso, eletricista, pintores e etc. Alguns cumprem com a palavra e não ultrapassam o prazo estabelecido, outros não vão alguns dias, não dão satisfações e atrasam cada vez mais a obra. Logo, cronogramas são importantes, mas deve-se ter ciência de sua vulnerabilidade. A necessidade de atualização é inerente a este. Outro ponto importante diz respeito à compra de material, esta deve ser realizada antes da necessidade na obra. Principalmente para aqueles materiais que necessitam de um prazo maior para entrega ou são confeccionados, como vidro, esquadrias, bancadas etc.

Abaixo, segue uma ordem básica segundo Mancuso (2011) para a obra dita como *pesada*, a que possui maior produção de sujeira e trabalho braçal.

- 1 Demolição:** Todos os elementos que forem demolidos devem estar criteriosamente representados no projeto, desde paredes destruídas, aos

alisares retirados. É a parte mais trabalhosa e que demanda maior quantidade de entulho. Logo, deverá estar no início da obra de modo que o substrato esteja adequado por completo para receber as intercepções. O arquiteto deve prever como será realizada a retirada do entulho, pois obras em apartamentos o mesmo é retirado ensacado. Em residências, dependendo da quantidade, pode-se alugar uma caçamba, entre outras formas para retirada de entulho;

- 2 Construção:** Teto e projeto elétrico - Esta etapa também causa sujeira, mas, em comparação com a anterior, produz menor quantidade de entulho. Antes do gesso, a parte elétrica deverá estar toda prevista e marcada, com as fiações distribuídas de acordo com o projeto.
- 3 Piso:** Dependendo das características da obra, muitas equipes de execução preferem deixar para trocar o piso e rejuntá-lo após todas as etapas que geram sujeiras estejam finalizadas. Contudo, para minimizar danos no piso deve-se forrá-lo com *lona terreiro* para proteção. Vale ressaltar que algumas vezes os retoques de pintura deverão ser realizados, então o arquiteto deve ser cuidadoso o bastante para alertar quanto ao isolamento de luminárias, interruptores e tomadas, esquadrias etc., com fita isolante. Tomando cuidado principalmente com o piso e móveis existentes no local.
- 4 Acabamentos de paredes:** Pinturas ou peças de acabamento deverão ser executadas por último para que o desgosto de manchas seja evitado.
- 5 Móveis planejados e mobiliários em geral:** Etapa que requer ambiente acabado. Se a empresa responsável pelos móveis planejados fizer ajustes no local, ou seja, cortar peças de Medium Density Fiberboard (MDF)/*Medium Density Particleboard* (MDP), por exemplo, ainda haverá produção de sujeira. Logo peças mais delicadas, com tecidos, ou revestimentos como papel de parede, deverão ser executados após o término da montagem – é comum após a montagem dos móveis a *repintura* dos ambientes.

Quando realizados, os orçamentos de obra englobam valores de mão de obra e das compras em geral. Deve ser levantado tudo o que vai ser gasto, com cada valor individual do mercado e opções de escolha, tanto do tipo, quanto da marca. A equipe de profissionais da obra pode ser proposta pelo arquiteto, ou pelo cliente, sendo definido no contrato. Cada profissional se organiza de maneira

diversificada, pode-se gerar apenas um orçamento após exposição e escolha dos preços ao cliente, ou produzir, por exemplo, três opções de orçamentos com diferentes mãos de obras e materiais, bem como seus locais de compra (MANCUSO, 2011).

Segundo o IAB/SP, os serviços básicos ofertados em visitas à obra ou reuniões técnicas com a equipe da obra objetivam extinguir dúvidas quanto ao projeto e realizar, se necessário, as devidas complementações; examinar se os produtos estão de acordo com o solicitado ou esperado (como os detalhes de montagem dos móveis, qualidade dos acabamentos, etc.); a substituição de pranchas caso ocorra um erro por conta do arquiteto, imprevistos na obra, falência da empresa alterando o detalhamento do produto que antes estava adaptado a este fornecedor; a solução na falta de produto no mercado; e adaptação de plantas gerais ou elevações (excluindo os detalhamentos) às modificações que surgiram ao longo da obra.

As visitas às lojas podem ser acompanhadas de aparatos técnicos, de modo a serem objetivas, mas sempre garantindo o conforto do cliente. O ideal é que as visitas sejam precedidas por estudos sobre o que será adequado para o caso do cliente em questão, no qual sejam traçadas limitantes que objetivem as escolhas. Estes limitantes podem ser: cores, texturas, formas e valores. Tal estudo deve ser sugerido ao cliente com argumentos coerentes e concisos, mas nunca impostos. Na visita, podem ser levados o projeto em mãos ou em algum aparato tecnológico (*tablet* ou *smartphone*), trenas, catálogo de cores de tintas (pois estas já foram definidas no Anteprojeto), imagens referenciais, entre outros aparatos que ajudarão na escolha e qualificarão o serviço do arquiteto. É importante destacar que a quantidade de lojas a serem visitadas também pode ser definida na etapa do contrato, sempre combinada com o cliente.

Todas as visitas devem ser documentadas com informações da etapa da obra, ou local da loja visitada, o que o arquiteto fez, o que foi escolhido, o que está pendente, o que é e o que não é de sua responsabilidade de acordo com o contrato, fotos do andamento da obra ou dos objetos selecionados. Esses documentos devem ser enviados para o cliente de modo a expor todas as atividades realizadas pelo arquiteto, garantindo a qualidade do seu serviço, além de evitar contradições futuras nas quais não se recordem do que foi ofertado, tampouco se o cliente acordou ou não.

O bom desenvolvimento do projeto, de modo que atenda às necessidades e supere as expectativas dos clientes e ainda seja favorável para o arquiteto, ou seja, que o trabalho seja valorizado e o seu tempo otimizado, é imperativo muito mais do que apenas os conhecimentos de arquitetura, de representações gráficas ou de ciência técnica para desenvolvimento de soluções. A desorganização interna de um escritório pode influir, de modo direto, negativamente com o desenvolver do projeto e no grau de satisfação do cliente, pois revisões erradas dos documentos eletrônicos podem ser utilizadas já que não houve controle organizacional, provocando erros indesejáveis ao longo da obra; o cronograma não existente, ou não obedecido no início do planejamento do projeto formará um quadro de descontentamento do cliente, pois verá esta desorganização como a desvalorização do seu problema; *briefing* sem planejamentos certamente formará um programa de necessidades e seguintes soluções projetuais que não atenderão devidamente aos desejos e carências do cliente.

Boas soluções, que visem à construção objetiva com respostas subjetivas, propiciando um contexto adequado para a formação do lar, não caminham só, precisam de uma aparato logístico que coordene os serviços principais e os complementares¹⁹, bem como conhecimentos técnicos, atualização com o mercado e noções de psicologia.

¹⁹ aqueles que são à parte do que é proposto, mas que podem surpreender o cliente, como o apoio e atenção mesmo após finalização dos serviços

4 ELEMENTOS CONSTRUTIVOS E COMPLEMENTARES NA ARQUITETURA DE INTERIORES

Esta seção do trabalho abordará itens técnicos de caracteres objetivos (mas que poderão ter respostas subjetivas) correspondentes à prática no projeto e na obra os quais concretizarão as soluções idealizadas. Serão apresentados elementos atuantes na arquitetura de interiores como acabamentos, esquadrias, pilares e vigas, iluminação, pontos elétricos e *hidrossanitários*, a importância da cor, bem como elementos que finalizarão a proposta projetual dando ambiência e funcionalidade ao espaço, como móveis planejados, *ergonomia* e adaptações para portadores de necessidades especiais.

Todos os itens construtivos mencionados neste não fazem parte apenas de uma concepção física, construtiva, mas sim de fatores que deverão materializar as necessidades, personalidades e sonhos dos clientes, evidenciando sensações imprescindíveis, como conforto, harmonia visual e emoções positivas.

4.1 Acabamentos

O acabamento pode ser conceituado como o arremate das estruturas (parede, teto e piso) onde tal finalização transmita, por meio da aplicação de materiais adequados, sensações de local trabalhado e esteticamente agradável; do contrário, se as estruturas fossem mantidas sem acabamentos, possivelmente ocasionariam impressões de construção inacabada, logo, de desconforto visual e emotivo.

4.1.1 Paredes

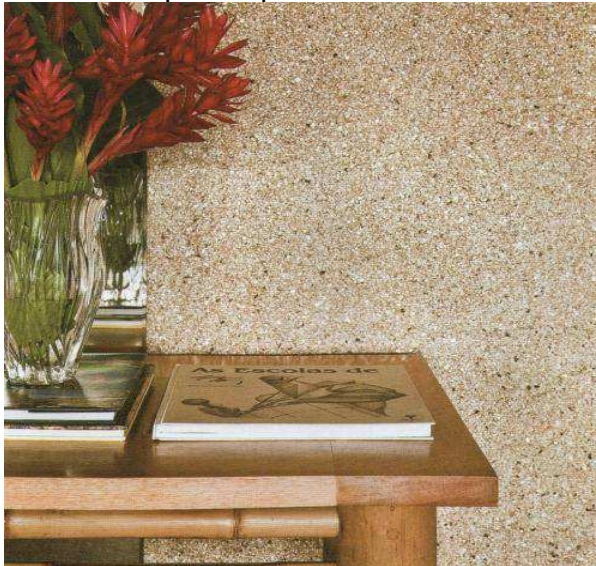
As paredes proporcionam sentidos para o espaço ao delimitar os ambientes. Estas são os principais artefatos construtivos que organizarão os cômodos, dotando-os de características sensitivas como aconchego e amplitude. Contudo, é importante lembrar que as paredes devem receber acabamentos e estes, por vez, podem atuar fortemente na produção dessas sensações através de cores, texturas e formas bidimensionais ou tridimensionais: é sobretudo neste ponto onde atua o arquiteto de interiores.

A pintura ainda é o acabamento mais solicitado no mercado, principalmente em ambientes como os dormitórios. Sua flexibilidade é grande tanto na oferta de cores como em texturas. Possui valor acessível e tipos com ou sem

brilho, ou sem fortes odores. Segundo Mancuso (2012), para o interior o mais adequado são as tintas a base de água, como o Acetato de polivinila (PVA) ou acrílica, sendo a derradeira mais resistente e de melhor manutenção. Contudo, o papel de parede vem ganhando lugar no mercado e nos espaços residenciais por sua praticidade e grande leque de cores, texturas e imagens. Os tipos de papéis, quanto à sua constituição, poderão ser²⁰: vinílico (com camada de Policloreto de Vinila (PVC)), vinilizado (com camada de tinta vinilizada), trinitrotolueno (TNT) (imita tecido) ou em mica (possui textura e imita pedras naturais (Foto 6)). Os papéis de parede, quando devidamente utilizados, são excelentes artifícios para transmitir conforto, especialmente os que se assemelham ao linho, em tons claros, ou à madeira.

O tecido também possui uma boa oferta de cores, texturas e imagens, porém, além de exigir mão de obra cuidadosa e treinada, não possuem tanta durabilidade e devem ser escolhidos os mais resistentes, pois tecidos finos tendem a serem frágeis e cederem com o passar do tempo. A textura igualmente requer atenção, pois tecidos rugosos acumulam poeira que pode ser até absorvida, virando manchas.

Foto 6 - Papel de parede em mica



Fonte: CORDEIRO, Samara. Papel de parede x tecido. **Blog Amaras**, 2011. Disponível em:<www.amaras-cor.blogspot.com.br/2011/09/papel-de-parede-x-tecido.html>. Acesso em: 24 jun. 2013.

²⁰ Disponível em:<www.cliquearquitectura.com.br/portal/dicas/view/papeis-de-parede/108>; e <www.bobinex.com.br/site/perguntas-frequentes>. Acesso em: 24 jun. 2013.

Painéis em madeira, compensado ou MDF podem revestir paredes, dotando-as de textura e cores, principalmente em soluções que se busca passar conforto, rusticidade e aproximação à natureza (Foto 7). Esses painéis igualmente podem conferir formas diversas às paredes, do mesmo modo que o gesso, facilmente moldado, carecendo de acabamento como a pintura.

O mármore provém de pedras calcárias. Possui valia no mercado, pois podem ser encontrados em diversos tipos com belezas atípicas. Decorrente de sua matéria prima, o mármore possui características porosas, por isso podem ser especificadas para acabamento de paredes, mas não para pisos, pois tendem a receber maiores impactos. Não deve ser utilizado em locais que receberão calor (na cozinha), água constante (lavabo ou banheiros), muito menos serem limpos com materiais ácidos. No entanto, os que recebem tratamento e acabamentos vitrificados (como o crema marfil) podem ser utilizados em banheiros. As placas de materiais provenientes da natureza são suscetíveis à diferenciação tanto na textura, quanto nos tons. Todas essas características devem ser alertadas ao cliente.

Foto 7 - Parede revestida por madeira



Fonte: LOMBARDI, Mariana. Paredes revestidas de madeira (2). **Blog Assim Eu Gosto**, 2012. Disponível em: <www.assimeugosto.com/2012/10/04/paredes-revestidas-de-madeira-2/>. Acesso em: 24 jun. 2013.

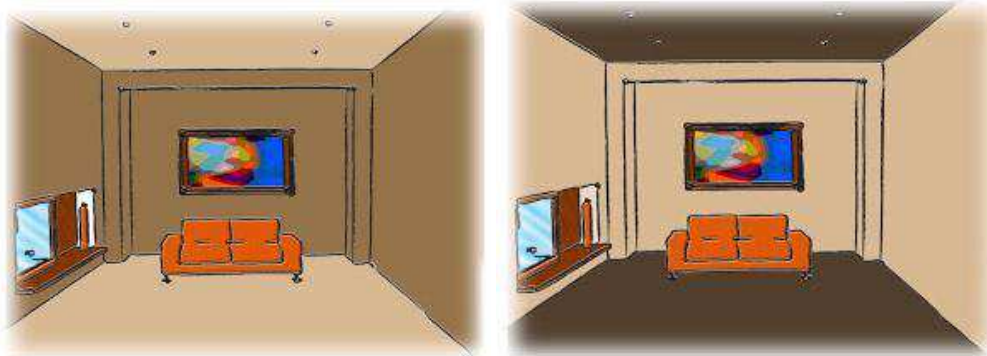
Outros revestimentos de parede ainda podem ser citados, como o granito, o porcelanato, expostos adiante no item “piso”.

4.1.2 Teto

Item crucial em um ambiente projetado. Este pode ampliar os espaços, diminuir, surpreender ou entediar. Para aumentar o pé direito, pode-se pintar o forro com um tom mais claro que as paredes ou instalar uma iluminação direcionada ao

teto (GURGEL 2002). Lembrando que o teto interfere consideravelmente no ambiente, fazendo parte do contexto (Figura 11).

Figura 11 - Teto mais claro que as paredes, sensação de maior pé direito; teto mais escuro, sensação de pé direito rebaixado



Fonte: CALDEIRA, Paula. Aprendendo a criar novas sensações nos ambientes. **Blog Paula Caldeira**, 2011. Disponível em: <www.paulacaldeiradesign.blogspot.com.br/2011/01/aprendendo-criar-novas-sensacoes-nos.html>. Acesso em: 24 jun. 2013.

Os acabamentos mais comuns no teto podem ser: gesso, madeira e laje em concreto aparente. O gesso é facilmente moldado sem que emendas e encaixes fiquem visíveis, com exceção do gesso *acartonado*²¹ (também utilizado na produção de paredes) que só pode receber recortes retilíneos (MANCUSO, 2012). Funciona como um bom isolante acústico e térmico por ser denso. Uma das principais características do gesso – por isso, é constantemente utilizado – é a sua praticidade quanto à produção de formas, permitindo que a criatividade flua em soluções surpreendentes. Pode ser encontrado em placa, bloco ou pó.

Quanto à madeira, esta poderá ser utilizada em ambientes com o pé direito alto para proporcionar sensação de redução da altura e aconchego, pois possui cores comumente escuras e mescladas. Se o espaço possuir pé direito baixo, a madeira poderá receber pintura em tons claros (GURGEL, 2002).

Para o acabamento entre a parede e o teto, existem os *rodafretos*. Os materiais mais utilizados são: poliestireno, poliuretano, gesso (Foto 8) e madeira, sendo possíveis os detalhes, em jogos de profundidades e recortes, com diversas soluções.

²¹ “[...] criado por Augustine Sackett, juntando a resistência à tração, que é proporcionada pelo cartão, e a resistência à compressão, proporcionada pelo gesso. O painel de gesso acartonado é composto por um ‘sanduíche’ de cartão-gesso-cartão; esse ‘recheio’ é obtido através da mistura do gesso comum a alguns aditivos que: aumentam a porosidade da pasta para tornar o painel de gesso acartonado leve (10Kg/ m²); aumentam a resistência mecânica; aderem o cartão ao gesso.” (CAVALCANTI, 2012).

Foto 8 - Rodateto em gesso



Fonte: LEMOS, Leonardo. O milagre que o gesso faz. **Blog Arquitetura Atual**, 2011. Disponível em: <www.arquiteturaatual.blogspot.com.br/2011/02/o-milagre-que-o-gesso-faz.html>. Acesso em: 24 jun. 2013.

4.1.3 Piso

A escolha do piso requer atenção especial. Se mal especificado, pode desvalorizar o ambiente por completo. Visualmente, o piso tem a capacidade de aumentar ou estrangular espaços. Por exemplo, pisos escuros com diversos tons de pigmentos, como alguns tipos do granito, chamarão a atenção dos olhos e produzirão o efeito de redução do espaço. Já pisos de grandes placas, como possível no porcelanato, e ainda retificado²², permitem a amplitude dos espaços.

Existem diversos modelos de pisos no mercado, mas nem todos são adequados para a localidade da cidade, em decorrência das temperaturas, ou de acordo com o tipo de ambiente. O arquiteto deverá conceder subsídios para a escolha do cliente, através de características como durabilidade, composição com o projeto, custos, manutenção, tempo útil, tipo de colocação, tipo de mão de obra que exige (MANCUSO, 2012).

Os pisos podem ser classificados como pisos frios e pisos quentes. Pisos quentes são aqueles que não conduzem bem a temperatura do meio. Abaixo, seguem características dos determinados tipos de piso:

Quadro 1 - Diferenças entre os pisos frios e os quentes

²² É o corte na peça do piso (como cerâmico ou porcelanato) o qual deixa os cantos da peça retos, sem abaulamentos ou chanfros. Em decorrência deste tratamento, os pisos retificados possuem o valor mais alto em relação aos demais e, ainda, produzem composições mais uniformes nas quais pouco são notados os rejuntas, já que 2mm são o suficiente.

PISO QUENTE	PISO FRIO
Térmico	Não térmico
Acústico	Não é acústico, gera ruídos
Rápida Instalação	Instalação demorada
Em caso de reforma, o piso é facilmente trocado ou recuperado sem “quebra-quebra” e sem sujeira.	Dificuldade de reforma. Tem que ser quebrado, gerando grande poeira no ambiente e um volume grande de material e entulho
Boa resistência ao escorregamento em estado molhado, mesmo não sendo a linha antiderrapante	Não sendo a linha antiderrapante, em estado molhado, torna-se um perigo ao usuário
Facilidade de criar desenhos e sinalizações	Maior dificuldade devido à inflexibilidade do material (espessura e dureza)
Facilidade de limpeza, com baixo consumo de água	Facilidade de limpeza, com maior consumo de água

Fonte: Adaptado pela autora, conforme dados disponíveis em: <www.acerevestimentos.com.br/blog/2011/11/18/piso-quente-x-piso-frio/>. Acesso em: 29 jun. 2013.

O quadro acima demarca algumas características gerais. Com a expansão da tecnologia e a atualização dos tipos de revestimentos, estes podem sofrer alterações em relação às características citadas. Os pisos quentes podem ser: madeira, carpetes e alguns laminados; já os frios, normalmente provêm das pedras naturais ou cerâmicas.

Os pisos de madeira já foram muito empregados nos ambientes residenciais, mas hoje se encontram em desuso, pois requerem contrapiso mais baixo do que o normal para que o piso interior fique nivelado com o exterior e, atualmente, possuem custo final elevado. Esses pisos solicitam acabamento após instalação para proteger a madeira. Um tipo de acabamento é o verniz, encontrado como fosco (acumula menos sujeira e risca menos) ou alto brilho (mostra mais facilmente os riscos e chama a atenção da visão).

Por sua vez, os laminados possuem grandes variações que formam resultados agradáveis e aconchegantes sendo que, ainda, são mais simples de serem aplicados do que a madeira. No mercado, são encontrados pisos laminados finíssimos que podem ser aplicados sobre outros pisos, sem o desgaste para retirar

o existente²³. “Um dos aspectos que por vezes desagrada o cliente no uso do laminado é o ruído que o mesmo produz, diferentemente do tabuão natural.” (MANCUSO, 2011, p. 79). Esse ruído pode ser reduzido com a instalação de uma manta emborrachada sob as peças.

Os carpetes oferecem uma boa gama de cores e texturas; quanto à distribuição, deve-se ter cuidado onde ficará a emenda e com a direção do fio, pois podem alterar de rolo para rolo. Funcionam muito bem como isolantes acústicos e aquecem o ambiente; porém retém poeira. Já existem tipos no mercado que são antialérgicos, mas, de qualquer maneira, ainda acumulam poeira nas cerdas exigindo manutenção constante (Foto 9).

Foto 9 - Piso laminado



Fonte: Disponível em: <www.cortiluz.com.br/>. Acesso em: 29 jun. 2013.

O granito é uma das pedras naturais mais utilizadas como acabamento de piso para ambientes interiores. Possui um bom grau de dureza por ser rochoso e composto por quartzo, feldspato e mica (MANCUSO, 2012). São duráveis e facilmente limpos. Há uma ampla variação no mercado, mas sua maior característica visual são as granulações. Com relação à cerâmica, existem diversos tipos, tanto nas cores, quanto nas dimensões; bem como diversos valores. Não é tão durável como o porcelanato, pois este recebe um tratamento em altas temperaturas e pressões. Esta opção está sendo cada vez mais solicitada, mesmo com valores mais altos que a cerâmica (Foto 10).

Foto 10 - Cozinha em piso de granito

²³ Mesmo finos, quando aplicados sobre outros pisos pode, em algum local, ficar a diferença referente à espessura da peça, carecendo de adaptação na soleira.



Fonte: ISRAEL, Sergio. Apê neoclássico tem 350 m e decoração em tons neutros. **UOL Mulher**, [20--?]. Disponível em: <www.mulher.uol.com.br/casa-e-decoracao/album/2012/10/05/ape-neoclassico-tem-350-m-e-decoracao-em-tons-neutros.htm>. Acesso em: 29 jun. 2013.

Por fim, o cimento também pode ser uma solução para pisos, principalmente em ambientes informais. Como placas *cimentícias*, produzidas artesanalmente ou industrialmente, possuem diversas texturas, sendo liso, formados por pequenos seixos, ou rugosos (GURGEL, 2002). Existe também o cimento queimado que proporciona boas soluções, visualmente mais limpas, no entanto demanda mão de obra especializada para o processo. Conta-se também com o piso executado com cimento branco estrutural, acabado em cera ou verniz, comumente utilizado em diversos ambientes.

O rodapé é um elemento linear entre a junção da parede e o piso “[...] necessário e fundamental para dar acabamento ao espaço e proteger a parede do desgaste.” (MESSIAS, 2011). Antigamente, o rodapé era banalizado; atualmente, ganham evidência em ambientes elegantes. Como o piso, sua escolha requer cuidado quanto ao conforto visual do espaço. Existem rodapés em grandes alturas, entretanto esta deve ser definida por alguns fatores: pé direito, dimensões horizontais do ambiente e dimensões do piso se o rodapé for do mesmo material deste.

O material do rodapé (Foto 11, 12 e 13) não necessita ser o mesmo do piso, atualmente são vistos diversos tipos de materiais, como a madeira, em pedra (naturais como: mármore ou granito), porcelanato, MDF (de baixa durabilidade, requer acabamento com pintura e não pode entrar em contato com a água), cerâmica, PVC (também servem para passagem de fiação elétrica) e poliestireno

(material muito utilizado atualmente por serem imune à umidade, ao mofo e ao cupim²⁴).

Foto 11 - Rodapé em mármore



Fonte: CLIQUE Arquitetura. Disponível em:<www.cliquearquitetura.com.br>. Acesso em: 29 jun. 2013.

Foto 12 - Rodapé em PVC com passagem de fiação



Fonte: ARBOLAVE, Cecilia. 42 modelos de rodapés de diversos materiais. **Casa Cláudia [Online]**, Disponível em:<www.casa.abril.com.br/materia/42-modelos-de-rodapes-de-diversos-materiais#41>. Acesso em: 29 jun. 2013.

Foto 14 - Rodapé em poliestireno com balizadores embutidos



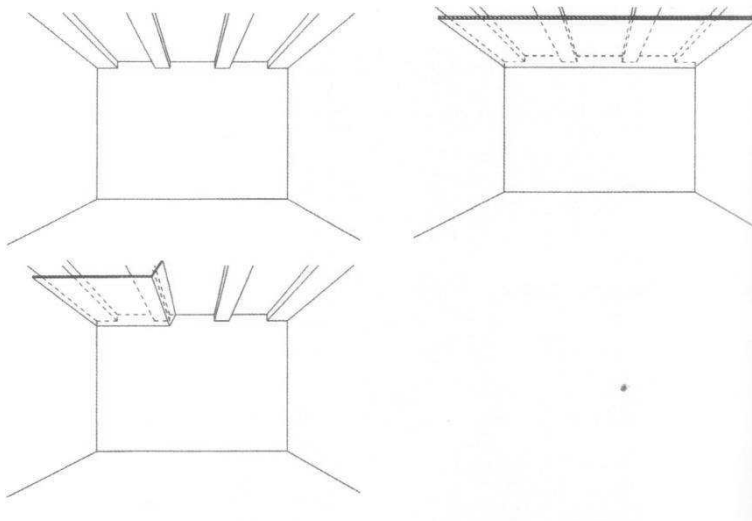
Fonte: SHINAGAWA, Natalia. Balizador embutido no rodapé. **Arquitetura+Interiores** [20--?]. Disponível em:<www.arquiteturainteriores.com/2012/03/15/balizador-embutido-no-rodape/>. Acesso em: 29 jun. 2013.

²⁴ Disponível em:<www.blog.gerencialconstrutora.com.br/noticias/decoracao/rodape-que-material-escolher#.Uc7sjdK1GSo>. Acesso em: 29 jun. 2013.

4.2 Pilares e vigas

São elementos construtivos quase inevitáveis em construções. Portanto, é importante saber aproveitá-los e, se possível, acomodar funcionalmente ou esteticamente à habitação. Funcionalmente, um pilar pode ser adequado a uma bancada de refeições rápidas, em varandas ou cozinhas; pode-se instalar espelhos para promover leveza; estantes entre a parede e o pilar ou entre dois pilares; ou apenas a adequação de elementos como papel de parede texturizado valorizado pela iluminação. As vigas tanto podem ser escondidas por um forro a mais (tomando cuidado com o pé direito final do local) ou fazendo parte da composição do desenho do forro (Figura 12).

Figura 12 - Formas de acoplar forro de gesso às vigas em diferentes composições



Fonte: GURGEL, Miriam. **Projetando espaços**: guia de arquitetura de interiores para áreas residenciais. São Paulo: Ed. Senac, 2002.

4.3 Esquadrias

Artefatos elementares em qualquer projeto arquitetônico. Podem ser encontradas em diversos materiais, com diferentes tipos de funcionamento, detalhes, funções e dimensões.

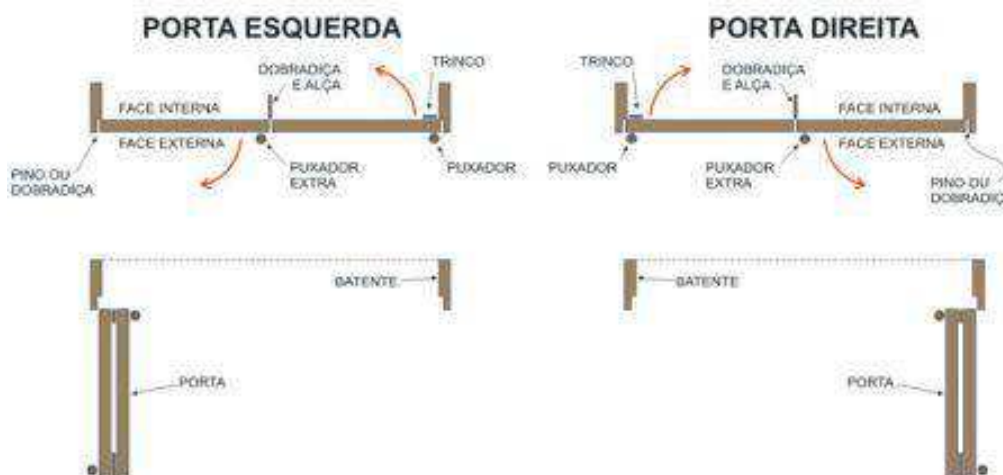
Segundo Gurgel (2002), além da função básica de transição entre ambientes, as portas detêm outros tipos de funções: decorativas, compondo com a sistemática estética do local, como, por exemplo, as portas principais; passagem de iluminação com o uso de vidro; ventilação, com portas que possibilitam a abertura quase total do vão, como as de correr ou com venezianas que permitem a

passagem de ventilação; privacidade, principalmente em setores íntimos ou, até mesmo, entre a cozinha e as salas; segurança, fortificada na escolha do material, ferragens e trincos.

A autora ainda classifica as portas quanto ao modo de funcionamento, sendo as mais comuns em residências, as portas de abrir, correr e *pivotante*.

Portas de abrir são as mais comuns, podem ser de uma ou duas folhas. As de correr vêm ganhando cada vez mais espaço nas residências, principalmente se estas possuem dimensões limitadas. Permitem a abertura quase total do vão (com sobra apenas para o espaço do puxador) e, ainda, são super versáteis, porém passíveis de empenar com o excesso do uso ou se empregadas com corredeiras fracas ou materiais pesados, como o espelho. As portas articuladas, também conhecidas como portas *camarão*, possuem o funcionamento similar à porta de correr por possuírem trilhos na parte superior e/ou na parte inferior, diferenciando-se no modelo da folha, em como é recolhida e nas ferragens (Figura 13). A porta poderá possuir duas partes no mínimo ou o quanto a ferragem, de acordo com a dimensão do vão, suportar²⁵. São muito utilizadas em locais pequenos, como banheiros, ou para permitir o isolamento ou integração de ambientes.

Figura 13 - Representação porta articulada



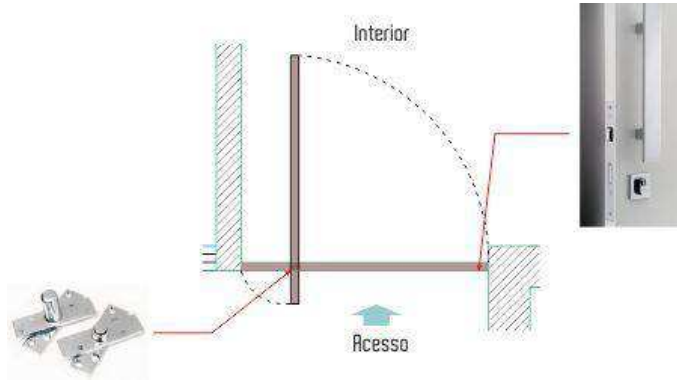
Fonte: PORTA articulada ou porta camarão. **Clique Arquitetura**. 2012. Disponível em:<www.cliquearquitetura.com.br/portal/dicas/view/porta-articulada-ou-porta-camarao/157>. Acesso em: 5 jun. 2013.

Portas *pivotantes* são comumente especificadas na entrada principal da residência (Figura 14). São portas elegantes, imponentes, muito utilizadas em

²⁵ Disponível em:<www.cliquearquitetura.com.br/portal/dicas/view/porta-articulada-ou-porta-camarao/157>. Acesso em: 5 jun. 2013.

ambientes contemporâneos, abrem suavemente e exigem vãos maiores, pois, como o eixo *pivotante* da porta é deslocado da extremidade, solicita, além do espaço mínimo de passagem (80 cm), uma folga para a porta pivotar (média de 20 cm).

Figura 14 - Representação porta pivotante



Fonte: PORTAS pivotantes. **Clique Arquitetura.** 2012. Disponível em: <www.cliquearquitetura.com.br/portal/dicas/view/portas-pivotantes/176>. Acesso em: 5 jun. 2013.

Quanto aos materiais, os mais comuns são a madeira, o MDF, o vidro, ferro e alumínio.

A escolha dos modelos de janelas pode piorar ou solucionar problemas ambientais, ou da arquitetura. Contra a poluição sonora, pode-se instalar “[...] janelas à prova de som com folhas de vidro duplas e tratamento acústico mais apropriado.” (GURGEL, 2002, p. 71).

As janelas podem ter três tipos de função: passagem de iluminação, ventilação e contemplação. Segundo Mirian Gurgel (2002), quanto à claridade, inicialmente, é apropriado saber para onde a janela está direcionada. Se para o leste (sol da manhã) a claridade não gerará distorção de cor no ambiente. Mas, se a janela estiver voltada para o oeste, quando a insolação é maior, deve-se adequar brises, cortinas, ou qualquer outra barreira solar e, ainda, ter cuidado com a cor dos vidros a serem utilizados na janela, pois normalmente a cor escolhida pode se projetar no ambiente.

Se a intenção é garantir privacidade, com pouca passagem de luz, mas com ventilação, devem ser utilizadas venezianas controláveis. Lembrando que, para uma boa circulação eólica, é importante ter mais de uma janela no local, seguindo o trajeto natural do vento.

O ideal é que o material tanto das janelas, quanto das portas estejam padronizados, proporcionando harmonia à residência.

4.4 Iluminação artificial

“A iluminação artificial está de tal modo integrada ao nosso modo de vida que, muitas das vezes, só percebemos a importância quando ela falta. Tratamos a iluminação artificial com tanta naturalidade, que acabamos não dando muita importância a ela; entramos no aposento, ‘acendemos a luz’ e, se a lâmpada não estiver ‘queimada’ e não faltar energia, o ambiente se ilumina e estamos satisfeitos [...]” (MANCUSO, 2012, p. 78).

Atualmente, os projetos *luminotécnicos* estão voltados não apenas para a supressão de uma necessidade, mas, também, pela produção de conforto, bem estar e surpresa. A iluminação artificial se mal explorada pode desfavorecer ambientes elaborados ou até corrompê-los principalmente se o produto do efeito luminoso gerar desconforto. Como já mencionado, o desconforto superará o potencial do ambiente, pois este não será visto, ou sentido, como deveria. Ao passo que ambientes simples, sem grandes soluções, limpos, minimalistas, podem impactar com soluções luminosas adequadas: a luz artificial gera forma, sensações, efeitos, delimita espaços e, como função primitiva, possibilita atividades em horários que a natureza não permite.

A luz é emoção e queremos construir uma verdadeira obra de arte, agradável à visão, provocante emocionalmente, definidora de sentimentos, tecnicamente bem acabada, funcional, e, sempre que possível, criativa, já que emana de nossa sensibilidade. (SILVA, M, 2009, p. 18).

Em tempos passados, um projeto de iluminação era pensado apenas na etapa do projeto executivo, ou seja, era adaptado a toda solução de *layout*, móveis planejados, mobiliário, forro. Hoje, decorrente do avanço tecnológico, a oferta de materiais para a iluminação é surpreendentemente vasta e a população cada vez mais se entrega aos projetos de iluminação bem elaborados, logo, o aumento de estudos sobre a área é inevitável.

Para que sejam alcançadas boas soluções, um mosaico de determinantes deve ser considerado. Inicialmente, o perfil do cliente, o quanto está disposto a gastar com a mão de obra, materiais e demanda energética no futuro, qual o grau de importância da iluminação para ele. Por conseguinte, o tipo de ambiente, seu tempo de permanência, dimensões, conceito do projeto e, de grande valia, a confluência entre luz natural e luz artificial.

Outro fator a ser ponderado é a superfície a ser iluminada, pois esta possui formas, cores e texturas. Entende-se que a luz é sensação e a visão estará direcionada não para a fonte geradora de luz, mas para o elemento iluminado. Logo,

as propriedades do alvo poderão alterar o efeito da luz. Por exemplo, texturas rugosas tendem a sorver a iluminação, enquanto as lisas, refletem. Cores claras destacam, cores escuras absorvem. Se plana, não causará sombras, se tridimensional, causará efeitos de sombras e darão forma à iluminação.

Um arquiteto, para gerar um bom projeto de iluminação e devidamente adequado aos fatores limitantes já citados, carece do conhecimento básico acerca de tudo o que envolve a luz artificial, desde como é gerada, quais as ofertas de lâmpadas no mercado e as sensações que produz.

Isso tudo torna o tema iluminação uma matéria que é, ao mesmo tempo, uma ciência exata e uma ciência humana, pois usa as ciências exatas como ferramentas para seu objetivo principal, que é o bem estar do ser humano, ou seja, a satisfação de quem vai utilizar o espaço que será iluminado. (SILVA, M, 2009, p. 39).

O tipo de iluminação quanto à função poderá ser determinado por uma sincronia entre tipo e dimensões do ambiente, materiais utilizados e a atmosfera que se queira criar. Segundo Gurgel (2002), estes podem ser classificados como iluminação geral, de efeito, de tarefa e decorativa.

A iluminação geral é uma função mínima e essencial em todos os ambientes. Permite que as pessoas circulem, realizem atividades mesmo sem luz natural. Não costuma ter foco delineado, é ampla e básica. A luz de efeito normalmente possui o foco fechado e dirigido, servindo para destacar superfícies ou objetos, mas ainda tem importância no resultado final da iluminação do ambiente. Já a de tarefa possui luz direcionada aos locais de desenvolvimentos de atividades fixas, como, por exemplo, bancadas de estudo, de cozinha, e etc. Nesta função, é imprescindível garantir segurança para as atividades. Por fim, a iluminação decorativa que não possui grande influência no resultado final e total da iluminação; cria destaque, mas gera pouca luz. Podem advir de fontes como velas, algumas luminárias, lâmpadas de natal e etc.

O estudo da iluminação artificial é amplo e envolve tanto a visão técnica, como as sensitivas, subjetivas, causadas pelo efeito que a luz produz no homem. Alguns tópicos técnicos são importantes como a temperatura de cor da lâmpada e o índice de reprodução. A temperatura de cor de uma lâmpada é medida através da representação universal em Kelvin, variando entre 2 000k a 6 100k (SILVA, M, 2009). Quanto menor o valor, mais quente a cor será; quanto maior, mais fria. É importante lembrar que a caracterização de uma luz quente ou fria advém não da

sensação física de calor, mas da tonalidade da cor que a luz propicia ao ambiente (Foto 14). Este estudo da temperatura é importante quanto às sensações que se deseja produzir e as atividades que serão realizadas no ambiente: cores quentes tendem a propiciar sensações de aconchego, de relaxamento, enquanto as frias são estimulantes.

Foto 14 - Diferentes temperaturas de luz em mesmo contexto



Fonte: Disponível em: <www.lojatudo.com.br/artigos>. Acesso em: 22 jun. 2013.

O outro aspecto pertinente é o Índice de Reprodução da Cor (IRC), conceituado como a capacidade da fonte luminosa em reproduzir as cores do objeto iluminado com fidelidade²⁶. Oscila entre zero (não reprodução) a 100% (excelente reprodução) (Figura 15).

Figura 15 - Baixo e alto índice de reprodução da cor



Fonte: Disponível em: <lightingnow.com.br>. Acesso em: 22 jun. 2013.

A capacidade de reprodução da cor de uma luz ditará o uso das lâmpadas associadas às atividades a serem exercidas, por exemplo, em cozinhas para visualizar a cor dos alimentos, ou, simplesmente, em penteadeiras que serão desenvolvidos processos que envolvem cor, como a maquiagem.

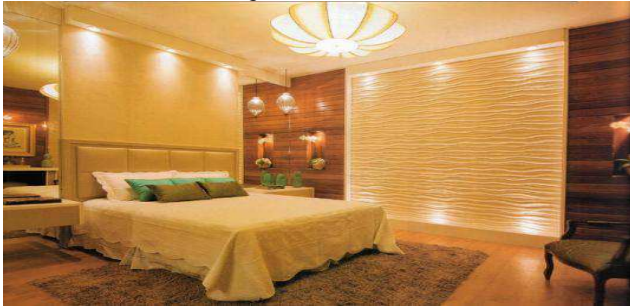
Existem diversos efeitos de luz, providos do sistema tipo de luminária, tipo de lâmpada, a delimitação do fecho de luz, o local que está especificada e a altura

²⁶ Disponível em: <www.portalcliquearquitetura.com.br>. Acesso em: 22 jun. 2013.

em relação ao objeto a ser iluminado. Os principais são efeitos de luz direta, indireta, difusa, *wall wash* e *up light*.

A luz direta possui o fecho bem delimitado, o que pode gerar efeito para destacar quadros ou acabamentos, por exemplo (Foto 15).

Foto 15 - Iluminação direta



Fonte: **Blog Assim Eu Gosto**. Disponível em:<www.assimeugosto.com>. Acesso em: 22 jun. 2013.

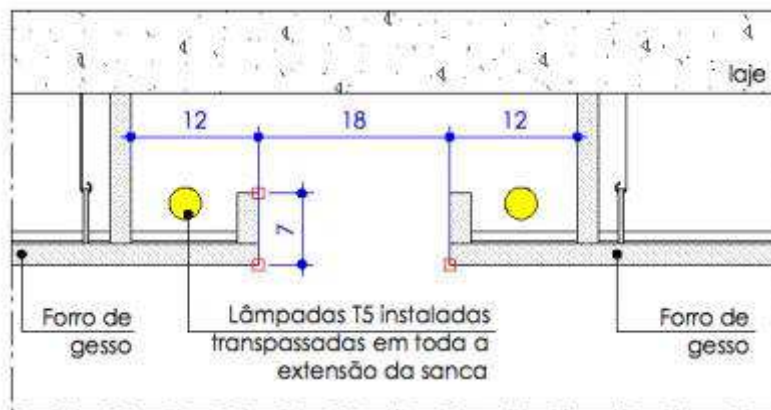
A iluminação indireta ocorre quando uma lâmpada ilumina todo o ambiente, parede e teto, sem ofuscamento (Foto 16). Pode ser através de arandelas de parede ou luminárias de piso. Já a indireta embutida é proveniente de detalhes no forro nos quais não se veja de onde provém a fonte geradora de luz (Figura 16).

Foto 16 - Iluminação indireta por lâmpadas embutidas



Fonte: Disponível em:<www.novarailuminacao.com.br/news/>. Acesso em: 22 jun. 2013.

Figura 16 - Recorte no forro em gesso para embutir iluminação (indireta)



DETALHE RASGO PARA
ILUMINAÇÃO NO FORRO DE GESSO
ESC 1:10

Fonte: FITAS de LED. **Blog Casos de Casa**. 2013. Disponível em: <www.casosdecasa.com.br/index.php/tags/iluminacao/>. Acesso em: 22 jun. 2013.

A luz difusa ocorre através de lâmpadas que não possuem o fecho delineado, ou seja, não se é visto o limite da luz, mas o ambiente por completo iluminado, sem sombras nítidas (Foto 17). Pode ocorrer através de lâmpadas de iluminação geral como as fluorescentes.

Foto 17 - Iluminação geral com luz difusa



Fonte: Disponível em: <www.studiohomeplanejados.com.br>. Acesso em: 22 jun. 2013.

Segundo Mirian Gurgel (2002), *wall wash* é o efeito “lava parede” ou banho de luz (Foto 18). Ocorre quando uma arandela, balizadores no piso direcionado à parede ou um detalhe no forro, por exemplo, direciona a luz por toda a sua extensão. Possuem sucesso quando utilizadas em circulações ou para destacar texturas, cores ou formas arquitetônicas.

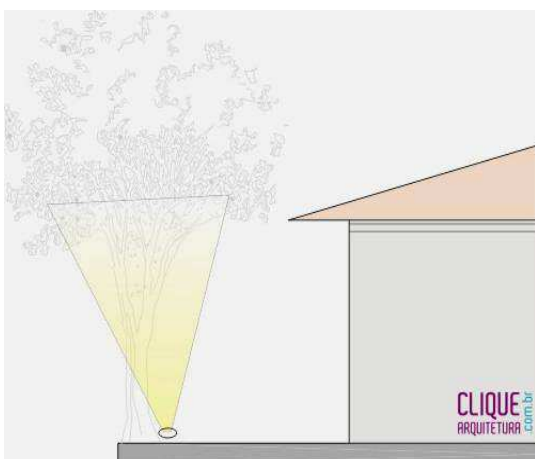
Foto 18 - Efeito de luz tipo *wall wash*



Fonte: Disponível em:<www.luzedesign.blogspot.com>. Acesso em: 22 jun. 2013.

O efeito *Up Light*²⁷ ocorre através de luminárias de piso que iluminam elementos longilíneos, como árvores e colunas, causando sombras e um efeito diferenciado (Figura 17).

Figura 17 - Efeito *Up Light*



Fonte: CLIQUE Arquitetura. Disponível em:<www.cliquearquitetura.com.br>. Acesso em: 22 jun. 2013.

Os projetos de iluminação atual não buscam apenas a supressão das necessidades humanas, mas também a formação de efeitos. Estes efeitos, juntamente com as informações técnicas (como temperatura da cor, tipo de lâmpada e IRC), constituem um contexto que influenciará diretamente no humor, no bem estar e na qualidade das atividades humanas.

4.5 Pontos elétricos e hidráulicos

Um projeto elétrico deve ser pensado de maneira como se o próprio arquiteto fosse o usuário do espaço, ponderando como gostaria de sentir a

²⁷ Disponível em:<www.cliquearquitetura.com.br>. Acesso em: 22 jun. 2013.

iluminação se, por exemplo, fosse no seu quarto e como seria mais cômodo ativá-las e apagá-las, considerando as características do cliente em questão.

Normalmente, uma casa ou um apartamento já é entregue ao arquiteto de interiores com os pontos hidráulicos básicos, no entanto, modificações são costumeiras. Para determinar seus locais e alturas, os pontos deverão ser instalados de acordo com as informações de cada elemento (pias, máquinas de lavar roupa, bebedouros, geladeiras, entre outros). Os registros também devem estar presentes nos projetos hidráulicos; o ideal é que esses sejam previstos dentro de móveis para ser escondido, porém, o fácil acesso deve ser conservado.

4.6 Móveis planejados

Os móveis planejados são elementos complementares aos itens construtivos, mas, sem estes – ou qualquer tipo de mobiliário – o ambiente não teria sentido completo, tampouco seria ideal para o desenvolvimento de atividades. Para o cliente, é interessante levá-lo à loja de móveis planejados para escolha dos materiais e consequente orçamento, ou mostrar os acabamentos no próprio escritório em uma reunião de Anteprojeto, expondo exemplos de puxadores e acabamentos, como laca e amadeirados e enviando o projeto para orçamento, sem necessidades do arquiteto se deslocar à empresa.

Existem empresas de marcenaria e de móveis modulados. Fábricas com padrões em marcenaria, principalmente quando os móveis são produzidos na cidade onde foram solicitados, costumam ser mais flexíveis e se adaptarem ao projeto; já fábricas de móveis modulados costumam ter dimensões fixas e limitam alguns elementos do projeto de acordo com as tipologias dos móveis já padronizados. Logo, o arquiteto deverá acompanhar a elaboração e adaptação do seu projeto à modulação da empresa para que não haja surpresas desagradáveis, como omissão de algum módulo importante do móvel, ou criação de vazios desnecessários entre o móvel e a parede ou teto.

É de total responsabilidade do profissional expor ao cliente os prós e contras de cada tipo de fabricação, bem como das características comerciais de cada empresa. Com ele, deverá ficar a palavra final.

4.7 A importância da cor

Mancuso (2012) conceitua a cor e seus determinantes existenciais:

A cor é a sensação provocada pela ação da luz sobre o órgão da visão. Seu aparecimento está condicionado, portanto, à existência de dois elementos: a luz que representa o objetivo físico agindo como estímulo, e o olho, aparelho receptor, funcionando como decifrador do fluxo luminoso, decompondo-o ou alterando-o através da função seletora da retina. (MANCUSO, 2012, p. 113).

O fluxo luminoso incide no objeto, reflete e é captado pela visão. A imagem atravessa a pupila e chega à retina, porção sensível do sistema visual (LOFT PUBLICATIONS, 2011). Após a captação visual, a cor é identificada como cor em sua real essência, ou seja, identifica-se o vermelho, o amarelo ou o azul, por exemplo. Nesta assimilação, ocorre um estímulo correlacionado com o funcionamento do corpo humano. Conforme (FÈRE, 1960 apud NOGUEIRA, 2011), “[...] a luz colorida intensifica a circulação sanguínea e age sobre a musculatura no sentido de aumentar sua força segundo uma sequência que vai do azul, passando pelo verde, amarelo e o laranja, culminando no vermelho.” Até então, tem-se um movimento automático, natural e inerente a qualquer corpo humano em condições visuais normais submetido aos mesmos determinantes externos (incidência da luz, forma que incide, textura). Por conseguinte, a imagem é interpretada e levada para o cérebro.

Quando a imagem da reflexão da luz chega ao cérebro, pode-se dizer que ocorre a materialização psicológica da cor. É nesta etapa que a interpretação motora da incidência luminosa será acrescida de fatores subjetivos, compostos pela personalidade, a cultura que se insere e sua história de vida (inclui-se a memória visual retida ao longo do que viveu). Após essa confluência de fatores, o produto final será a emoção. As emoções agem no campo psicológico, refletindo até, sistematicamente, no meio físico: as cores possuem a qualidade de dar volume, formas, delimitar espaços, diminuir ou aumentar, esconder ou valorizar – são produções subjetivas que influem diretamente no que é objetivo, por isso, são caracterizadas até como elemento estrutural (BUCCI, 1997 apud GURGEL, 2002).

As sensações produzidas pelas cores podem ser explicadas de modo geral, a partir de estudos técnicos; no entanto, estas elucidações servirão como base, não como fator determinante, pois os elementos subjetivos que produzirão emoções são passíveis de variação a cada ser humano, logo a forma que uma pessoa percebe uma cor não é senso comum, varia entre os seres humanos. A arquiteta Caroline Scheffer Nogueira (2011, p. 14) resume os principais caracteres da cor:

[...] a cor recebida no momento da comunicação visual exerce uma ação tríplice sobre o indivíduo, pois impressiona, expressa e constrói. Afinal a cor é vista portanto impressiona a retina, ela é sentida provocando uma emoção, e é construtiva, já que tem um significado próprio, um símbolo e uma capacidade, portanto ela constrói uma linguagem própria, a qual se comunica com a ideia principal na escolha da cor.

Deste modo, explica-se o porquê de uma pessoa ter a dita *cor preferida*: ela é um produto bem mais do que uma escolha automática de afinidade.

A percepção da cor pode ser alterada por alguns determinantes, como o brilho, a saturação, a forma que está aplicada e a proximidade com outras cores. Segundo o livro *Cores Para Interiores*, “[...] o brilho é a sensação de que um objeto é mais claro ou escuro que outro [...] Por exemplo, o amarelo é mais brilhante do que o azul ou o verde.” (LOFT PUBLICATIONS, 2011, p. 30). A saturação corresponde com o grau de pureza de uma cor, quanto mais outra cor é misturada a ela, mais sua saturação será alterada. Quanto à forma, esta poderá alterar no peso visual da cor, pois “[...] já que são elas que determinam a percepção do ambiente.” (LOFT PUBLICATIONS, 2011, p. 12).

Finalmente, a proximidade com outras cores. Segundo Pedrosa (2004 apud NOGUEIRA, 2011, p. 17), “A principal dificuldade na harmonização das cores provem da alteração na aparência que elas sofrem em presença uma das outras.” Uma explicação simples e interessante pode advir da análise de um catálogo de tintas. As cores estão dispostas segundo a organização do círculo cromático com variações de saturação. As cores verdes estão próximas às azuis. Uma cor que está entre as saturações máximas, se perto do verde poderá ser considerada como este; mas, se perto da cor seguinte, poderá ser considerada como azul – esta questão se torna mais crítica ainda com tons neutros, como o bege, que ora parece provir do amarelo, ora do cinza, ora do rosa. Algumas empresas de tintas até produzem seus catálogos com palhetas que isolem uma cor para que esta seja visualizada de maneira independente. A cor da palheta costuma ser cinza, pois é um tom neutro que pouco influenciará no resultado visual da cor.

Para que as cores sejam combinadas, algumas considerações devem ser levantadas. As primeiras limitantes advêm – como todo o projeto – das escolhas do cliente. Além da preferência individual, é importante conhecer o que cada cor remete à pessoa. Tal resposta pode, simplesmente, suceder de uma análise de suas características, desde como se veste, como fala, age, às suas concepções e características. Mas, nem sempre as cores eleitas pelo cliente são aconselháveis

para o que realmente é adequado, por exemplo, às paredes do seu quarto. Se o cliente for extrovertido, inquieto e criativo, não será surpresa se possuir afinidade às cores quentes como o vermelho, o laranja e o amarelo e, mais ainda, em saturações fortes. Certamente, essas cores em saturações intensas não serão boas escolhas para um dormitório, ainda mais para pessoas expansivas que necessitam de influências externas para diminuir os ânimos e relaxar.

Novamente: cabe ao arquiteto convencer o cliente de que estas cores não são adequadas para este tipo de ambiente, através de argumentos que demonstrem explicações sólidas, tanto cientificamente, quanto psicologicamente, de modo que ele se sinta seguro, sobretudo porque estará abdicando de uma escolha (pode-se ler *sonho*) que retrata seu perfil. Somada às características temperamentais do indivíduo, deve-se considerar também fatores simples, mas importantes, como a idade, o sexo e a cultura que se insere.

Em seguida, os fatores a serem destacados retornam à questão física do ambiente relacionada às atividades que neste serão exercidas, principalmente no que tange o seu grau de importância e permanência. As dimensões, formas, tipo de superfície a receber cor, são outros pontos de valia na escolha das cores e suas composições. Segundo Mirian Gurgel (2002), as composições podem ser em apenas uma cor, mas com sua variação de intensidade (monocromático), se utilizada em tons suaves, essa composição pode ser bem utilizada em ambientes que requeiram tranquilidade ou de pequenas dimensões; com cores contrastantes (triádico), cores em tons próximos (análogos) e com cores em temperaturas diferentes, como o vermelho e o azul (complementar).

As cores podem influir diretamente na composição do ambiente. Por exemplo, o vermelho, o laranja e o amarelo são cores quentes e de grande destaque visual, principalmente se utilizadas em suas saturações máximas. O vermelho deverá ser sempre utilizado com cautela, pois, por ser a cor mais facilmente percebida pelos olhos, tende a diminuir o ambiente, provocando sensações de inquietude; o laranja é dinâmico, estimula o apetite e pode ser utilizado na cozinha, pois não é tão agressivo como o vermelho; enquanto o amarelo é espontâneo e incita a intelectualidade. Cores frias como o azul, o violeta são utilizados com sucesso, principalmente em baixa saturação, para passar tranquilidade. Para que o ambiente não se torne muito frio ao uso dessas cores, o bege poderá ser utilizado como bom aliado, sem eliminar a serenidade propiciada pelo azul ou violeta.

A cor verde, segundo Gurgel (2002, p. 263), “[...] pode ser considerada neutra por não ser nem quente nem fria [...]”, fato explicado pela sua procedência a partir da mistura de cores complementares, o azul (frieza) e o amarelo (vivacidade). Podem ser bem utilizados em banheiros por proporcionarem sentidos de limpeza. Preto, cinza, branco e, para alguns, o bege, são neutros. O preto não é cor propriamente dita, mas a ausência desta; ainda assim, possui significado e valor no meio físico. Pode ser uma boa solução para pés direitos muito altos, por encurtar as distâncias entre objetos. O branco igualmente não é considerado cor, mas a mistura de todas estas e pode funcionar como uma boa ferramenta para equilibrar as composições.

Ainda que a ciência tenha se debruçado em estudos sobre a cor, seus conceitos e suas sensações, almejando sempre uma explicação técnica baseada no senso comum, o uso da cor deve ser analisado de caso em caso, de cliente a cliente, pois é um item de extrema importância que alterará a composição sensitiva do ambiente, gerando respostas físicas. Como esclarece Nogueira (2011, p. 9), “[...] este conhecimento, no entanto, não pode servir de diretriz ou único apoio à criação de ambientes, até porque isso limitaria a própria criação.” Conclui-se então que a verdade absoluta no uso e importância da cor está incrustada na produção, em longo prazo, do bem estar humano, de acordo com as limitantes que o espaço oferece e as peculiaridades provindas de cada cliente.

4.8 Ergonomia

Todo projeto arquitetônico, independente de sua área, deve primar pelo bem estar coletivo. No projeto de um espaço interior, esta preocupação deve ser maior ainda por ser minuciosa, por estar em detalhes mínimos e fazer parte do dia a dia do homem, fato que requer atenção e cuidado. Todo projeto deve contemplar um estudo cuidadoso quanto às proporções do corpo humano. Isto é mínimo e elementar, sendo inaceitáveis espaços não adequados aos movimentos e dimensões humanas (GURGEL, 2002). A área que estuda o dimensionamento dos elementos físicos em relação às proporções humanas, de acordo com as atividades que serão desenvolvidas, chama-se *Ergonomia*.

Os estudos voltados à ergonomia visam atender dois objetivos básicos, a saber: a produção de conhecimento voltados ao trabalho, suas condições e a afinidade do homem com o trabalho; em seguida, estabelecer conhecimento e informação, instrumento e princípios suscetíveis de orientar racionalmente a ação de transformação das condições de trabalho, tendo

como perspectiva melhorar a relação homem-trabalho. Sendo assim, a produção do conhecimento bem como a racionalização da ação, constitui o eixo principal das pesquisas focadas na ergonomia. (ABRAHÃO; PINHO, 2002 apud FEIBER, 2007, p. 3).

O desenho dos móveis, bancadas, assentos, distância entre TV e visualizador, foco e tipo de lâmpadas, entre diversos itens, através da *ergonomia* são estabelecidas medidas padrões as quais devem nortear todos os projetos arquitetônicos, bem como o desenho de equipamentos, a fim de que sejam gerados espaços humanizados e funcionais.

As medidas de determinadas partes do corpo do homem será utilizada em um projeto de acordo com a atividade que será realizada. Se o projeto é de uma bancada são essenciais as dimensões do quadril humano, da altura confortável para uma pessoa sentar e a altura da bancada adequada para repousar as mãos.

Atualmente, apartamentos e casas são construídos em verdadeiros confinamentos funcionais que limitam as soluções projetuais, tornando o arquiteto de interiores e o cliente reféns de soluções ditadas pelas construtoras, não pelo programa de necessidades do cliente. Quartos em dimensões ínfimas que precisam adequar bancadas de estudos – pois o escritório foi suprimido –, cama e guarda roupa para um casal possivelmente não atenderá os clientes com o máximo de conforto esperado, satisfazendo-o pela metade, apenas para cumprir com as necessidades básicas.

Neste contexto, o arquiteto precisa fazer verdadeiros malabarismos para adequar todos os aparatos solicitados em ambientes que simplesmente não suportarão tanto investimento sem suprimir algum item: possivelmente, esses ambientes não terão medidas *ergonômicas* adequadas, de modo a gerar conforto máximo aos usuários. Um exemplo comum são pessoas que, influenciadas pelo mercado tecnológico, adquire uma grande televisão; no entanto, a sala não comporta a distância necessária para a visualização adequada, causando desconforto aos que irão usufruir do aparelho.

O arquiteto deve primar pelo conforto humano tanto físico, como sensitivo, pois um altera inteiramente no estado do outro. Ele tem que, por competência, buscar saídas com medidas *ergonômicas* adequadas, pois sem estas o ambiente restringirá o desenvolvimento das atividades humanas, mesmo que estas saídas não sejam um retrato estético estonteante. Ao invés do espaço se adequar ao homem, nessas tipologias residenciais nas quais se aglutinam funções e reduzem as

dimensões, o homem se adapta ao espaço e se vê obrigado a ter necessidades genéricas, iguais a todas as outras famílias que contraíram o imóvel.

4.9 Adaptações aos portadores de necessidades especiais

As adaptações às pessoas com necessidades especiais visam à acessibilidade, de modo que o ambiente seja aproveitado funcionalmente ao máximo que os aparatos físicos possam proporcionar. Segundo a NBR 9050, acessibilidade é “[...] a possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos.” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2004). Portanto, todas as soluções de arquitetura de interiores devem gerar liberdade de locomoção, independente do tipo de restrição física do transeunte.

Primeiramente, deve-se atentar qual é a limitação física que o usuário possui. Para a partir deste ponto fazer as interferências necessárias ao ambiente. No caso do uso da cadeira de rodas, além das adaptações dos elementos essenciais do banheiro, como as dimensões, o tipo do sanitário, os cantos e alturas das bancadas, é necessário a instalação de barras de apoio que ajudem na transferência de área pelo cadeirante, de maneira que não precise do auxílio de terceiros. Manuais informativos das peças executados pelas marcas devem ser lidos para instalação ideal dos acessórios ao projeto. Para pessoas com limitações visuais, os espaços devem ser obrigatoriamente amplos, com as extremidades emborrachadas e sinalizadores que possa reconhecer os ambientes e caminhos, evitando degraus ao longo do trajeto.

Essas adequações poderão recorrer igualmente sobre pessoas idosas. O foco das soluções deverá ser a segurança, pois em idades mais maduras, o homem passa a perder aos poucos o controle do corpo e fica cada vez mais frágil; no entanto, possuem o mesmo direito de usufruir funcionalmente dos ambientes planejados. Barras de apoios, pisos antiderrapante, cantos arredondados, alturas adequadas, cuidado ao uso de tapetes, são imprescindíveis em projetos residenciais que possuam pessoas com idades avançadas.

As adaptações as pessoas com necessidades especiais possuem estudos *ergonômicos*, técnicos, mas que devem ser atentados de modo particular,

pois cada pessoa possui suas solicitações e condições que lhe trarão conforto; portanto, todas as exigências devem ser discutidas na terceira reunião e organizadas no programa de necessidades. Os parâmetros estabelecidos pelas normas técnicas de acessibilidade da NBR 9050/2004 deve ser seguida estritamente em todos os casos para que o cliente que carece de acomodações especiais tenha o mesmo direito de circulação como outro que não necessita.

5 CONCLUSÃO

Ao buscar um profissional da área de Arquitetura de Interiores para o projeto do seu espaço de morada, o homem almeja muito mais do que um sofá bonito, ou uma iluminação bem planejada. Ele aspira à realização de um sonho que alguns nutriram desde a infância, enquanto outros sonham com a perfeição dos espaços residenciais estampados nas capas de revistas. No entanto, esse derradeiro movimento vai de encontro com toda sua essência tanto provinda do homem primitivo, no que tange o ato fisiológico do morar, como também referente às concepções psicológicas que possuem uma base comum constituída por particularidades da personalidade, segundo estudos científicos do comportamento psicossocial.

É da natureza do homem procurar no espaço de morada a sua redenção. Um local que abrigue não *coreografias do habitar*, mas a irreverência dos bons momentos familiares; que acolha seus momentos de vitórias, de aflições, de amadurecimento e conte, a cada solução projetual, sua história familiar. Todo esse contexto de expectativas conscientes e inconscientes pode ser resumido por uma palavra: conforto. Não só aquele representado pela sensação de acolhimento de um sofá, mas o conforto retratado por uma concepção onírica da morada onde tudo conflua para o resultado do conforto e, assim, da felicidade.

Na prática, o conforto pode provir de uma varanda não somente direcionada à recepção de amigos, mas que também tenha um recanto preferido para o homem relaxar, deitar em uma rede, ler um livro, sentir o prazer da ventilação natural ignorada na correria do dia a dia. Na cozinha, acabamentos práticos e *layout* seguro, onde possa se desenvolver sem limitações ou preocupações em danificar o material que não possui boa duração, apenas beleza. No dormitório, a tradução do refúgio, da intimidade, onde a iluminação possa ser controlada por suas carências. Na sala de estar, não apenas soluções visadas para a surpresa de pessoas que ali não habitam, mas quadros com imagens de viagens, de comemorações, ou uma poltrona de herança da família, ambos reativando sentimentos nostálgicos e renovadores. São exemplos simples, mas que devem ter grandeza em um projeto de interiores para áreas residenciais.

Residências construídas sem respeitar os desejos do cliente, ou sem estudá-lo a fundo, tornam-se o avesso do que é morar bem; morar e viver seu lar

com intimidade, sem necessariamente ter *dedos* em tudo ou se privar de ficar à vontade. Este conjunto de atitudes é tradicional em *showrooms*: muitos arquitetos são criativos, altamente conhecedores das novas tecnologias, possuem boa logística de projeto, mas deixam a desejar no aspecto da psicologia; logo realizam a arquitetura pela arquitetura, não pelo cliente – a arquitetura vendável, não a vivencial.

O conforto absoluto, remetido ao conceito de Arquitetura de Interiores e às concepções do profissional da área, deve visar à satisfação total do cliente. Não somente o resultado final, mas todo o processo de serviços e relacionamento onde o arquiteto, a cada decisão e organização, esteja sustentado por princípios que tendem à satisfação em qualquer parâmetro, subjetivo e objetivo. Se o arquiteto transmitir segurança ao cliente, por sua postura na troca de estímulos, ao mostrar organização no seu negócio, ao apresentar no contrato o que será ofertado, ao surpreender o cliente em detalhes e mostrá-lo o quanto está preocupado em ajudar a solucionar seu problema – e assim deve estar –, este se sentirá confortável ao entregar suas aspirações ao arquiteto; afinal, a Arquitetura de Interiores começa desde a primeira vez que o cliente adentra ao escritório, pois todas as etapas serão pilares na execução do projeto e no conforto do cliente.

As soluções projetuais em espaços de morada possuem diversas variantes, mas nenhuma é mais importante que o homem. Ele é o porquê do espaço que, para existir, precisa de uso, de uma confluência comportamental. Portanto, é igualmente o porquê da existência da Arquitetura de Interiores. E este deve ser tratado em sua singularidade, pois a Arquitetura de Interiores é a sincronia do querer mais implícito do homem alinhado às suas necessidades fisiológicas: arquitetura de interiores é emoção, são conhecimentos técnicos acumulados ao longo de anos de estudo e carreira do profissional, é o respeito ao futuro em soluções não estagnadas, é criatividade, estética, é funcionalidade, é a formação do lar, é psicologia, administração; é o homem depois de um longo dia de tribulações poder chegar ao seu templo de refúgio, despir-se das vestimentas do comportamento social, deitar-se no sofá sem se preocupar em sujá-lo e ser quem realmente é. Ou seja, a arquitetura de interiores é um mosaico de conhecimentos que transcendem as informações objetivas da arquitetura, pois é responsável não apenas pela construção física da casa, mas também de um aparato residencial que nutra momentos de felicidade e convivência.

Para que a Arquitetura de Interiores seja devidamente valorizada e que se entenda o seu real conceito, o arquiteto precisa refletir acerca do valor do seu trabalho, pois este não pode ser uma adoração ao próprio ego onde o espaço determine o comportamento do homem, posto que suas concepções têm um significado na vida de uma família, por vez, um reflexo na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Jane. **A alma da casa**: como fazer de sua casa um santuário. Tradução Márcia Frazão. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

ANÁLISE transacional: outra abordagem da comunicação interpessoal. Santos, SP: Universidade Santa Cecília, [20--?]. Apostila. Disponível em:<www.professores.unisanta.br/oleni/apostilas/adm/Nova%20pasta/ANATTRAN.doc>. Acesso em: 23 jun. 2013.

ARQUITETURA. **Origem da palavra – site de etimologia**, 2005. Disponível em: <<http://www.origemdapalavra.com.br/palavras/arquiteto/>>. Acesso em: 28 mar. 2013

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 13532**: elaboração de projetos de edificações - arquitetura. Rio de Janeiro, 1995.

_____. **NBR 6492**: representação de projetos de arquitetura. Rio de Janeiro, 1994.

_____. **NBR 9050**: acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2004.

BERGER, Leoni. **Estudo do emprego de técnicas da análise transacional e da programação neurolingüística na melhoria da comunicação pessoal e organizacional**. 1999. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999. Não Paginado. Disponível em:<www.eps.ufsc.br/disserta99/berger/cap4.html>. Acesso em: 23 jun. 2013.

BOTELHO, Ricardo. Aumente o valor dos honorários fazendo do cliente sócio na criação. **Ad. Fórum**, [20--?]a. Disponível em:<www.adforum.com.br/conteudo_detalle-busca-aumente-o-valor-dos-honorarios-fazendo-do-cliente-socio-na-criacao,10,690>. Acesso em: 15 jun. 2013.

_____. Briefing: uma nova visão. **Ad. Fórum**, [20--?]b. Disponível em:<www.adforum.com.br/conteudo_detalle-busca-briefing-uma-nova-visao,10,296>. Acesso em: 15 jun. 2013.

_____. O seu cliente está feliz? **Ad. Fórum**, [20--?]c. Disponível em:<www.adforum.com.br/conteudo_detalle-busca-o-seu-cliente-esta-feliz,10,224>. Acesso em: 15 jun. 2013.

_____. Serviço: um bem intangível. **Ad. Fórum**, [20--?]d. Disponível em:<www.adforum.com.br/conteudo_detalle-busca-servico-um-bem-intangivel,10,338>. Acesso em: 15 jun. 2013.

BRIEFING. Dicionário Michaelis, [200-?]. Disponível em: www.michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index.php?lingua=inglesportugues&palavra=briefing. Acesso em: 17/06/2013.

BUENO, Francisco da Silveira. **Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1965. 4/05/2013.

CARVALHO, Karla; ANDERY, Paulo Roberto Pereira. O processo de briefing aplicado a escritórios de projetos arquitetônicos de pequeno porte. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO. 2.; WORKSHOP BRASILEIRO DE GESTÃO DO PROCESSO DE PROJETO NA CONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS, 10., 2011, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: PROCARD/IAUUSP/ANTAC, 2011. Disponível em:<<http://arquitetura.eesc.usp.br/ocs/index.php/sbqp2011/sbqp2011/paper/viewFile/235/208>> Acesso em: 28 jun. 2013.

CAVALCANTI, Educaro. Gesso Acartonado (Dry Wall). **Blog da Engenharia**, 2012. Disponível em:<www.blogdaengenharia.com/2012/03/03/gesso-acartonado>. Acesso em: 24 jun. 2013.

CIANCIARDI, Glaucus. Psicologia para decoração. **Revista Mente e Cérebro [Online]**, São Paulo, n. 204, jan. 2010. Não paginado. Disponível em: <www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/psicologia_para_decoracao.html>. Acesso em: 23 jun. 2013.

COMPENSADO naval. **HB Compensados**, Novo Hamburgo, RS, [20--?]. Disponível em:<www.hbcompensados.com.br/index.php?option=com_virtuemart&page=shop.browse&category_id=38&Itemid=27&vmcchk=1&Itemid=27>. Acesso em: 30 jun. 2013.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL. **Resolução nº 21, de 5 de abril de 2012**. Dispõe sobre as atividades e atribuições profissionais do arquiteto e urbanista e dá outras providências. Brasília, DF, 2012.

COSTA, Lucio. Considerações sobre arte contemporânea (1940). In: _____. **Registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa de Artes, 1995. Disponível em: <www.iabsp.org.br/oqueearquitetura.asp>. Acesso em: 28 mar. 2013. Disponível em:<www.delas.ig.com.br/casa/arquitetura/pisos+para+aquecer+a+casa/c1237807371769.html>. Acesso em: 30 jun. 2013.

DUALIBE, Andréa Cristina Soares Cordeiro. **Avaliação em habitação de interesse social em Centro Histórico**: estudo da relação biunívoca entre o morador e a moradia em São Luís/ MA. 2011. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

FEIBER, Fúlvio Natércio. A ergonomia e a produção de projetos arquitetônicos. In: ENCONTRO CIENTÍFICO CULTURAL INTERINSTITUCIONAL, 5., 2007, Cascavel, PR. **Anais eletrônicos...** Cascavel, PR: FAG/Dom Bosco, 2007. Disponível em: <www.dombosco.fag.edu.br/coor/coopex/5ecc/Trabalhos/Ci%EAncias%20Sociais%20Aplicadas/Comunicacao/838.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2013.

FONTENELE, Ivana Fernandes. **Meu quarto, minha casa**: os novos hábitos de viver dos adolescentes. São Luís, 2009.

GIBBS, Jenny. **Design de Interiores**: guia útil para estudantes e profissionais. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

GÓIAS. Ministério Público do Estado de Góias. **Gestão da Qualidade**: fundamentos, benefícios e princípios. Goiânia, GO, [20--?]. Disponível em:<www.mp.go.gov.br/portalweb/conteudo.jsp?page=11&conteudo=conteudo/0701d6ba69644654db3fef6921e1d6b4.html>. Acesso em: 4 maio 2013.

GURGEL, Miriam. **Projetando espaços**: guia de arquitetura de interiores para áreas residenciais. São Paulo: Ed. Senac, 2002.

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL. **Roteiro para desenvolvimento do projeto de arquitetura da edificação**. [200-?]. Documento aprovado na 77ª Reunião do Conselho Superior do Instituto de Arquitetos do Brasil, realizada em Salvador, Bahia. Não paginado. Disponível em:<www.iab.org.br/sites/default/files/documentos/roteiro-arquitetonico.pdf>. Acesso em: 4 maio 2013.

LE CORBUSIER. **Por uma arquitetura**. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

LIMA, Jordana Pearce. **Iso 9000 em escritórios de arquitetura**: análise crítica da aplicabilidade na gestão de projetos. 2009. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2009.

LOFT PUBLICATIONS (Ed.). **Cores para interiores**. Barcelona, 2011.

LUCK, Helmut E. Primórdios da psicologia da forma. **Revista Mente e Cérebro [Online]**, São Paulo, n. 179, p. 88-93, dez. 2007. Disponível em:<<https://www.lojaduetto.com.br/produtos/?idproduto=649&action=info>>. Acesso em: 4 maio 2013.

MACIEL, Carlos Alberto. Arquitetura, projeto e conceito. **Portal Vitruvius**, São Paulo, 2003. Não paginado. Disponível em:<www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/04.043/633>. Acesso em: 15 jun. 2013.

MALARD, Maria Lúcia. **As aparências em arquitetura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

MANCUSO, Clarice. **Arquitetura de Interiores e decoração**: a arte de viver bem. 9. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. **Guia prático do Design de Interiores**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MARCELO. Feedback. **Dicionário InFormal**, 2008. Disponível em:<Fonte: www.dicionarioinformal.com.br/feedback/>. Acesso em: 14 jun. 2013.

MELO, Danilo Doriguelo. Gerenciamento de projetos: conceitos. **Blog acadêmico – BI Internacional**, 2009. Não paginado. Disponível

em:<www.biinternational.com.br/aluno/danilodoriga/2009/09/page/2/>. Acesso em: 17 jun. 2013.

MESSIAS, Fernanda. O papel dos rodapés. **Blog Eu amo arquitetura.com**, 2011. Não paginado. Disponível em:<www.euamoarquitetura.com.br. Acesso em: 29 jun. 2013.

MIGUEL, Jorgearão Carnielo. **A casa**. Londrina: Eduel; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

NOGUEIRA, Caroline Scheffer. **Apostila de Projeto de Interiores – I**. Cascavel, PR: Dom Bosco Cursos Tecnológicos, 2011.

PATOLOGIAS na Construção Civil. **Blog Reformar**, 2011. Disponível em:<www.reformar-eng.blogspot.com.br/2011/05/patologias-na-construcao-civil.html>. Acesso em: 21 jun. 2013.

RITTER, Vivian Fetzner. Sensação, percepção e emoção no espaço projetado. **Cia da Luz**, Santa Catarina, 2013. Disponível em: <<http://ldpaulooliveira.dihitt.com/n/educacao/2013/02/23/sensacao-percepcao-e-emocao-no-espaco-projetado>>. Acesso em: 4 abr. 2013.

SCARDUA, Angelita. A alma da casa e a felicidade cotidiana. **Blog Os sentidos da felicidade**, 2012. Disponível em: <<http://angelitascardua.wordpress.com/2012/10/22/a-alma-da-casa-e-a-felicidade-cotidiana/>>. Acesso em: 2 abr. 2013.

_____. A casa e seu significado: refúgio para o bem estar físico e emocional. **Blog Os sentidos da felicidade**, 2011. Disponível em: <<http://angelitascardua.wordpress.com/2011/08/02/a-casa-e-seu-significado-refugio-para-o-bem-estar-fisico-e-emocional>>. Acesso em: 2 abr. 2013.

_____. Psicologia do Design de Interiores: O que faz da casa um lar? **Blog Os sentidos da felicidade**, 2009. Disponível em: <<http://angelitascardua.wordpress.com/2009/06/01/psicologia-do-design-de-interiores-o-que-faz-de-uma-casa-um-lar>>. Acesso em: 2 abr. 2013.

SCOLFORO, Ana Carolina. Uma casa para a felicidade. **Revista Casa e Jardim**, São Paulo, 2009. Não paginado. Disponível em: <<http://angelitascardua.wordpress.com/2009/09/05/a-moda-e-ser-feliz/>>. Acesso em: 2 abr. 2013.

SILVA, Fabiana Ferreira da. Psicologia e arquitetura: percepção dos espaços em busca da indentificação do ser. **Papeando com a Psicologia**, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://grupopapeando.wordpress.com/tag/psicologia-ambiental/>>. Acesso em: Acesso em: 12 mar. 2013

_____, Mauri Luiz da. **Iluminação: simplificando o projeto**. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed. Ciência Moderna, 2009.

TREVISAN, Karina. O que é arquitetura de interiores. **A Só Arquitetura**, [2011?]. Disponível em: <http://www.soarquitectura.com.br/template.asp?pk_id_area=19&pk_id_topico=277&pk_id_template=5>. Acesso em: 12/03/2013

ZAMBRANA, Mirna. Pisos para aquecer a casa. **Portal IG**, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – MODELO DE CONTRATO: proposta de projeto e proposta orçamentária

(Cidade), (dia) de (mês) de (ano)

À Sr (a). (NOME DO CLIENTE),

Proposta orçamentária de Arquitetura de Interiores residencial para (TIPOLOGIA RESIDENCIAL) de aproximadamente (ÁREA TOTAL A SER TRABALHADA) localizado (a) em (ENDEREÇO).

Prezado (a) Senhor (a),

Conforme solicitado, estamos encaminhando a V. Sa. nossa proposta de projeto e a proposta orçamentária para desenvolvimento do projeto e demais atividades complementares conforme descrição dos serviços abaixo para os seguintes ambientes:

- Sala de Estar e Jantar (A= XXX m²);
- Varanda (A= XXX m²);
- Lavabo (A= XXX m²);
- Suíte Casal com Banheiro (A= XXX m²);

1 DESCRIÇÃO DOS SERVIÇOS

1.1 Projeto de Arquitetura de Interiores

1.1.1 Estudo preliminar

1.1.1.1 Elaboração de programa de necessidades

1.1.1.2 Reconhecimento da área a ser trabalhada (Levantamento métrico, fotográfico e do grau de conservação dos materiais existentes)

1.1.1.3 Layout com especificações

1.1.1.4 Vistas esquemáticas

1.1.1.5 Representação em três dimensões (maquete eletrônica)

1.1.2 Anteprojeto

1.1.2.1 Layout com especificações

1.1.2.2 Vistas detalhadas com especificações de materiais de acabamento

1.1.2.3 Planta de Iluminação e Forro

1.1.2.4 Planta de Pontos Elétricos (incluindo pontos de antena e telefone)

1.1.2.5 Estudo e definição de revestimentos

1.1.3 Projeto de execução

1.1.3.1 Layout com especificações

1.1.3.2 Vistas detalhadas com especificações de materiais de acabamento

1.1.3.3 Planta de Iluminação e Forro

1.1.3.4 Planta de Pontos Elétricos (incluindo pontos de antena e telefone)

1.1.3.5 Paginação de Pisos e Revestimentos

1.1.3.6 Planta de Locação dos Aparelhos de Ar Condicionado

1.1.3.7 Definição de cores, mobiliário, luminárias, papel de parede, cortinas, tapetes, espelhos, vidros, revestimentos, etc.

1.1.3.8 Especificações e detalhamento de mobiliário

1.1.3.9 Especificação de materiais e detalhes executivos

1.1.3.10 Memorial descritivo e quantitativo

1.1.4 Atividades complementares solicitadas

1.1.4.1 Orçamento de obra

1.1.4.2 Visita às lojas para compra de materiais de construção e mobiliário

1.1.4.3 Visita às obras para acompanhamento do desenvolvimento da obra e solução de dúvidas

2 APRESENTAÇÃO DO PROJETO

2.1 Estudo Preliminar

Projeto apresentado ao cliente por meio de mídias visuais e em papel (A4, A3 OU A2);

2.2 Anteprojeto

Projeto apresentado ao cliente por meio de mídias visuais e em papel (A4, A3 OU A2);

2.3 Projeto executivo

Projeto e memoriais entregues ao cliente ou equipe de obra em papel (A4, A3 OU A2 OU A1), CD com imagens em JPGE e documentos em PDF.

3 PRAZO DE VALIDADE DA PROPOSTA

A proposta tem validade de X (QUANTIDADE DE DIAS POR EXTENSO) dias.

4 PRAZO PARA EXECUÇÃO DOS SERVIÇOS

O projeto será entregue em (Nº DE DIAS) dias úteis, a contar da data de aprovação da presente proposta. Os prazos, porém, poderão ser modificados, de acordo com a aprovação de cada etapa dos nossos serviços por V. Sa.

5 VALOR DOS SERVIÇOS

Item	Discriminação	Valor
1.0	Sala de Estar e Jantar (A= XXX m ²)	R\$ -
2.0	Varanda (A= XXX m ²)	R\$ -
3.0	Lavabo (A= XXX m ²)	R\$ -
4.0	Suíte Casal (A= XXX m ²)	R\$ -
5.0	Valor Total	R\$ -

6 FORMA DE PAGAMENTO

O pagamento poderá ser efetuado em (X) parcelas, sendo uma entrada no valor de R\$- (VALOR POR EXTENSO) e as demais parcelas em cheques pré datado para X e X dias, no valor de R\$- (VALOR POR EXTENSO) cada.

7 OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

7.1 O cliente terá direito a (03) três visitas no decorrer da obra e montagem dos móveis, quando solicitadas e não cumulativas durante o período da obra. As visitas deverão ser agendadas com 48h de antecedência. Caso mais visitas

- sejam solicitadas, será cobrada uma taxa de R\$ - (VALOR POR EXTENSO) por visita realizada;
- 7.2 Caso o cliente tenha interesse pelo acompanhamento da obra será cobrado o valor de R\$ - /mês. Este acompanhamento inclui 02 (duas) visitas semanais à obra, em datas pré-estabelecidas entre as partes, com duração de no máximo X horas. Caso mais visitas sejam necessárias, será cobrado um valor adicional de R\$ - /visita;
- 7.3 Quando solicitado pelo cliente, a contratada poderá indicar profissionais capacitados para a execução de serviços pertinentes ao projeto, mas não será de responsabilidade da contratada tal execução. Esta execução só será de responsabilidade da contratada quando o cliente solicitar o acompanhamento de obra de acordo com o orçamento apresentado no item 7.2;
- 7.4 Com relação à coleta de orçamentos será limitado um máximo de X lojas por produto. Caso o cliente tenha interesse de outros orçamentos, e necessite do nosso acompanhamento, os honorários serão cobrados a parte, na modalidade Visita Técnica (*hora técnica*), no valor de R\$ - /hora;
- 7.5 O cliente receberá uma cópia impressa do projeto, além de uma versão em CD-ROM;
- 7.6 Despesas com plotagem, cópias heliográficas, *xerox*, despachantes e taxas correrão por conta de V. Sa. Tais despesas, se eventualmente custeadas pela contratada, serão repassadas ao contratante, mediante a apresentação de recibos;
- 7.8 Após a **Aprovação do Anteprojeto**, qualquer modificação ou adaptação, somente poderá ser efetuada mediante entendimento entre as partes, sujeito inclusive a custos adicionais dependendo do tipo de alteração e a ser combinado;
- 7.9 Qualquer alteração do projeto original, sem comunicação à contratada, poderá gerar prejuízo ao resultado final da obra, bem como ensejar a adoção das medidas judiciais cabíveis;
- 8.0 Em caso de viagens realizadas a outros municípios será cobrada uma diária de R\$ - /dia. Além da diária, todas as despesas com passagens, transporte/deslocamento, alimentação e hospedagem ficarão por conta do cliente;
- 8.1 Caso a área construída final do projeto ultrapasse, ou fique menor, 10% ou mais da área estimada inicialmente, os honorários serão recalculados e repassados ao cliente;

A assinatura no DE ACORDO transforma esta proposta de projeto e orçamentária em contrato de prestação de serviços.

Atenciosamente,

(**NOME DO ARQUITETO OU ESCRITÓRIO**)

DE ACORDO: / /

CONTRATANTE

APÊNDICE B – MODELO DE MEMORIAL DESCRITIVO E QUANTITATIVO

(Nota: este modelo de memorial é resumido, apenas para simbolizar o mínimo de elementos que este pode possuir)

MEMORIAL DESCRITIVO E QUANTITATIVO (Local da obra) Sr (a). (NOME DO CLIENTE)				
AMBIENTE	DESCRIÇÃO GERAL DO AMBIENTE	ITEM	DESCRIÇÃO PRODUTO	QUANTIDADE
DORMITÓRIO CASAL	DORMITÓRIO CASAL RETANGULAR, COM XXX m ² COM PÉ DIREITO EM XXXm	FORRO	FORRO EM GESSO COM RECORTES PARA CORTINEIRO E SOLTURA. ACABAMENTO EM TINTA ACÍLICA FOSCA NA COR (XXX)	X m ²
		PISO	MANTER EXISTENTE	X m ²
	PORTAS E JANELAS DE ABRIR EXISTENTES	SOLEIRA	MÁRMORE (XXX)	X UNIDADES PLACAS DE (DIMENSÕES)
	SOLEIRAS A SEREM SUBSTITUÍDAS	RODAPÉ	RODAPÉ EM POLIURETANO A RECEBER ACABAMENTO EM LACA ACETINADA NA COR (XXX)	X m ²
	RODAPÉ A SER SUBSTITUÍDO	PAREDES	REVESTIMENTO EM TINTA ACRÍLICA NA COR (XXX)	X m ²
	PAREDE DA CAMA EM PAPEL DE PAREDE, SENDO AS OUTRAS EM TINTA ACRÍLICA		PAPEL DE PAREDE VINÍLICO COM TEXTURA TIPO (XXX) EM TONS (XXX)	X m ²
		PORTAS	PORTA DE GIRO EXISTENTE A SER LAQUEADA EM LACA ACETINADA NA COR (XXX)	X UNIDADES. (DIMENSÕES)
		JANELAS	MANTER EXISTENTES	X m ²
	MÓVEL PARA TELEVISÃO, PAINEL E CRIADOS MUDOS EM MDF	PEITORIL	MÁRMORE (XXX)	X UNIDADES PLACAS DE (DIMENSÕES)
	GUARDA ROUPA EM	TOMADAS E INTERRUPTORES	TOMADAS E INTERRUPTORES DA LINHA (XXX) DA MARCA (XXX)	X UNIDADES

	MDF	MÓVEIS PLANEJADO S	CRIADO MUDO EM MDF MADEIRADO COM TAMPO EM VIDRO NA COR (XXX), MDF MADEIRADO TIPO (XXX) E PUXADORES TIPO (XXX)	X UNIDADES
	CAMA DE CASAL TIPO <i>KING SIZE</i> TIPO BOX		MÓVEL E PAINEL TV EM MDF MADEIRADO TIPO (XXX) E LACA ACETINADA NA COR (XXX)	X UNIDADES
	LUMINÁRIAS PARA FLUORESCEN TES E DICRÓICAS / ABAJUR A SER ADQUIRIDO	ILUMINAÇÃO	LÂMPADAS DICRÓICAS DE (XXX) W, EM (XXX) K, COM ABERTURA EM (XXX) GRAUS PARA LUMINÁRIA BRANCA EM FUNDO QUADRADO	X UNIDADES
	CORTINA EXISTENTE		LÂMPADAS FLUORESCENTES COMPACTAS EM (XXX) W, EM (XXX) K PARA LUMINÁRIA QUADRADA DE EMBUTIR	X UNIDADES

ANEXOS

ANEXO A – PROPOSTA ORÇAMENTÁRIA

Fonte: MANCUSO, Clarice. **Guia Prático do Design de Interiores**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

PROPOSTA PARA PROJETO NA ÁREA DE ARQUITETURA DE INTERIORES RESIDENCIAL

Nome do Cliente

Conforme conversação anterior, apresento a seguir a descrição de prestação de serviços: projeto de arquitetura de interiores com acompanhamento de execução de apartamento residencial ou casa. Site endereço, cidade e estado.

1. Serviços profissionais

- 1.1. Reconhecimento da área a ser trabalhada
- 1.2. Estudo das aspirações do cliente no que diz respeito à área a ser trabalhada.
- 1.3. Levantamento de materiais e objetos a serem aproveitados.
- 1.4. Levantamento de materiais e objetos a serem adquiridos

2. Ambientes a serem trabalhados

- 2.1. Estar
- 2.2. Jantar
- 2.3. Churrasqueira
- 2.4. Descrever todos os ambientes que fizerem parte da proposta

3. Projeto

- 3.1. **Anteprojeto:** orientação e análise do programa a ser seguido no projeto com soluções esquemáticas em forma de planta baixa; memorial descritivo constando sugestão de materiais de revestimento para tetos, pisos e paredes, móveis e acessórios; deverão ser feitos tantos anteprojetos quantos se fizerem necessário.
- 3.2. **Projeto:** após definição com base nos anteprojetos, solução final com planta baixa, cortes e vistas devidamente cotados, contendo concepção clara de todos os detalhes necessários à execução:

memorial descritivo detalhado e constando de material com especificações de marca.

- 3.3. **Detalhamento:** móveis e detalhamento de gesso, a serem confeccionados por profissionais específicos terão projetos detalhados em escala compatível ao bom entendimento dos mesmos.

4. Execução

- 4.1. Após a entrega do projeto e detalhamento fica o arquiteto contratado para serviços de acompanhamento de execução.
- 4.2. Constando de atendimento tipo supervisão a execução consta do acompanhamento até entrega final da obra.
- 4.3. Os fornecedores de material, assim como de mão de obra, poderão ser de confiança do arquiteto ou indicados pelo cliente, sendo de responsabilidade do fornecedor o cumprimento dos prazos estipulados, qualidade do material e qualidade do serviço.

5. Honorários: Para realizar os serviços anteriormente descritos fixa-se a título de honorários:

- 5.1. Relativo ao Projeto: X R\$ (Reais) – Caso o prazo de trabalho seja muito longo, pode ser proposto um indexador/mês, mas não é uma atitude muito simpática.
- 5.2. Relativo ao acompanhamento da execução: X % sobre custo de material e mão de obra onde o arquiteto tiver envolvimento. Não será cobrado percentual sobre compras diretas.

6. Forma de Pagamento

- 6.1. Relativo ao item 5.1: dividido em X parcelas de X Reais cada.
- 6.2. Relativo ao item 5.2: durante a execução.

7. Informações Complementares

- 7.1. Quando o cliente solicitar modificações em etapas já concluídas, estas serão novamente remuneradas, com valores e prazos a serem combinados

- 7.2. Essa proposta não inclui quaisquer despesas relativas à execução da obra, não inclui serviços que não estejam discriminados, como projetos *hidrossanitários*, elétricos de alta ou baixa tensão, telefônico, de alarme, ar condicionado, paisagismo. Não inclui despesas de qualquer espécie, como por exemplo, plotagens, taxas de órgãos públicos do CREA, ficando as mesmas ao encargo do cliente.
- 7.3. Caso seja aceita será redigido um contrato nas bases da proposta, com especificações de datas de pagamento e citação do foro de discussão caso seja necessário. Sugere-se assinatura perante testemunhas.

Como pode ser visto, os contratos devem receber adaptações, modificações particulares. Existem itens que podem ser incluídos que são pertinentes somente àquele caso.

É muito importante deixar tudo bem claro, pois, mesmo estando tudo acertado, ocorrem mal entendidos.

Porto Alegre, _____

Arquiteto (CREA nº)

ANEXO B – PROGRAMA DE NECESSIDADES

Fonte: MANCUSO, Clarice. **Guia Prático do Design de Interiores**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

PROGRAMA DE NECESSIDADES

Ambiente a ser trabalhado: ponto fundamental, pois sem sabermos qual o ambiente, as seguintes perguntas ficam sem objetivo direto.

Pessoas envolvidas e grau de parentesco: com isso detectamos quem reside na casa, quantas pessoas podem vir a ocupar o espaço em questão – é importante saber o número de pessoas.

Faixa etária das pessoas envolvidas: a idade de quem utiliza é fator importante. Crianças, adolescentes, adultos e pessoas idosas têm exigências particulares e evidentes variações de conforto.

Porte das pessoas envolvidas: sempre é importante saber o porte, pois o dimensionamento do mobiliário e seu uso dependem muito desse fator.

Atividades destas pessoas: podemos, com isso, concluir se permanecem muito ou pouco em casa, como desfrutam do espaço.

O que deve ser mantido no ambiente, seja por valor afetivo, seja por economia: importantíssimo, pois pode inclusive sair dessa resposta nossa decisão quanto ao centro de interesse do ambiente ou criar, em cima de um objeto de valor afetivo, todo um processo de releitura do espaço.

Possui algum hobby: podemos utilizar como motivo da decoração

Praticam esporte: por vezes, utilizado como motivo da decoração, em outros, para sabermos da necessidade de área física para guardarmos os equipamentos desse esporte.

Cores prediletas: nos dão parâmetro prévio, nem sempre a cor predileta é a mais adequada.

Estilo de vida/ritmo: facilita o conhecimento da dinâmica das pessoas.